



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS CHAPECÓ - SC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GIL KARLOS FERRI

ENTRE RIOS E FLORESTAS:
UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE CELSO RAMOS, SC

CHAPECÓ, SC

2018

GIL KARLOS FERRI

**ENTRE RIOS E FLORESTAS:
UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE CELSO RAMOS, SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador:
Prof. Dr. Claiton Marcio da Silva.

Coorientadora:
Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto.

CHAPECÓ, SC

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS

Rodovia SC-484, km 02
Bairro Fronteira Sul
Chapecó, SC, Brasil
Caixa Postal 181
CEP 89815-899

FERRI, Gil Karlos.

Entre rios e florestas: uma história ambiental do município de Celso Ramos, SC.

/ Gil Karlos Ferri; orientador, Claiton Marcio da Silva; coorientadora, Samira Peruchi Moretto. Chapecó, SC, 2018.

158 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências.

1. História. 2. História Ambiental. 3. Desmatamento. 4. Migrações. I. Silva, Claiton Marcio da. II. Moretto, Samira Peruchi. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. Mestrado em História. IV. Título.

GIL KARLOS FERRI

**ENTRE RIOS E FLORESTAS:
UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE CELSO RAMOS, SC**

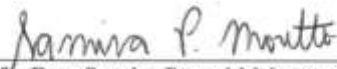
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre em História, defendido em banca examinadora em 19/06/2018.

Aprovado em: 19/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cláiton Marcio da Silva – UFFS
Presidente da banca/orientador



Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto – UFFS
Coorientadora



Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari – UFSC
Membro titular externo



Prof. Dr. Marlon Brandt – UFFS
Membro titular interno

Prof. Dr. Miguel Mundstock Xavier de Carvalho – UFFS
Membro suplente

Chapecó, SC, 19 de junho de 2018

*Para Claudia e Maria,
minhas queridas nonas.*

AGRADECIMENTOS

No percurso dessa pesquisa, conheci novos colegas e reencontrei bons amigos. Com novos olhares, redescobri pessoas e lugares, aproveitando as oportunidades que a vida me proporcionou durante o mestrado. Aprendi, fazendo ciência e convivendo em sociedade, que as parcerias e amizades são fundamentais. Sendo assim, essa dissertação é uma obra plural, permeada por diálogos, apoio coletivo e sensibilidade humana.

Gostaria de registrar meus sinceros agradecimentos aos professores que me auxiliaram diretamente na execução deste trabalho: Dr. Claiton Marcio da Silva e Dra. Samira Peruchi Moretto, orientadores de alto nível intelectual e companheirismo; Dr. Marlon Brandt e Dr. José Carlos Radin, professores sempre acessíveis e dispostos a ajudar; e Dra. Eunice Sueli Nodari, precursora da História Ambiental em Santa Catarina e estimada conselheira.

Aos meus familiares, todo meu afeto e gratidão: Gildaci e Claudete Ferri, pais, primeiros e mais importantes mestres de minha vida; Francinny, Michelângelo e Bárbara Sofia Ferri Dutra, apoio e encanto no meu dia a dia.

À Mariana de Lorensi, minha noiva, agradeço de coração pelo carinho incondicional, inspirando e compartilhando os melhores momentos de minha vida.

Sou grato à Escola de Educação Básica Padre Antônio Vieira, de Anita Garibaldi, SC, pelo trabalho e convivência. Lecionar na instituição onde estudei durante o colegial foi motivador nesta trajetória para me tornar, de fato, um mestre. A animação dos meus alunos foi um verdadeiro refrigério para a alma nos momentos difíceis.

Aos meus amigos de perto, de longe, aqueles das antigas, os novos, e os novíssimos, meu muito obrigado. Sem citar nomes, vocês sabem: o valor da amizade é imensurável nos termos de um texto. Apenas, vivamos para o bem.

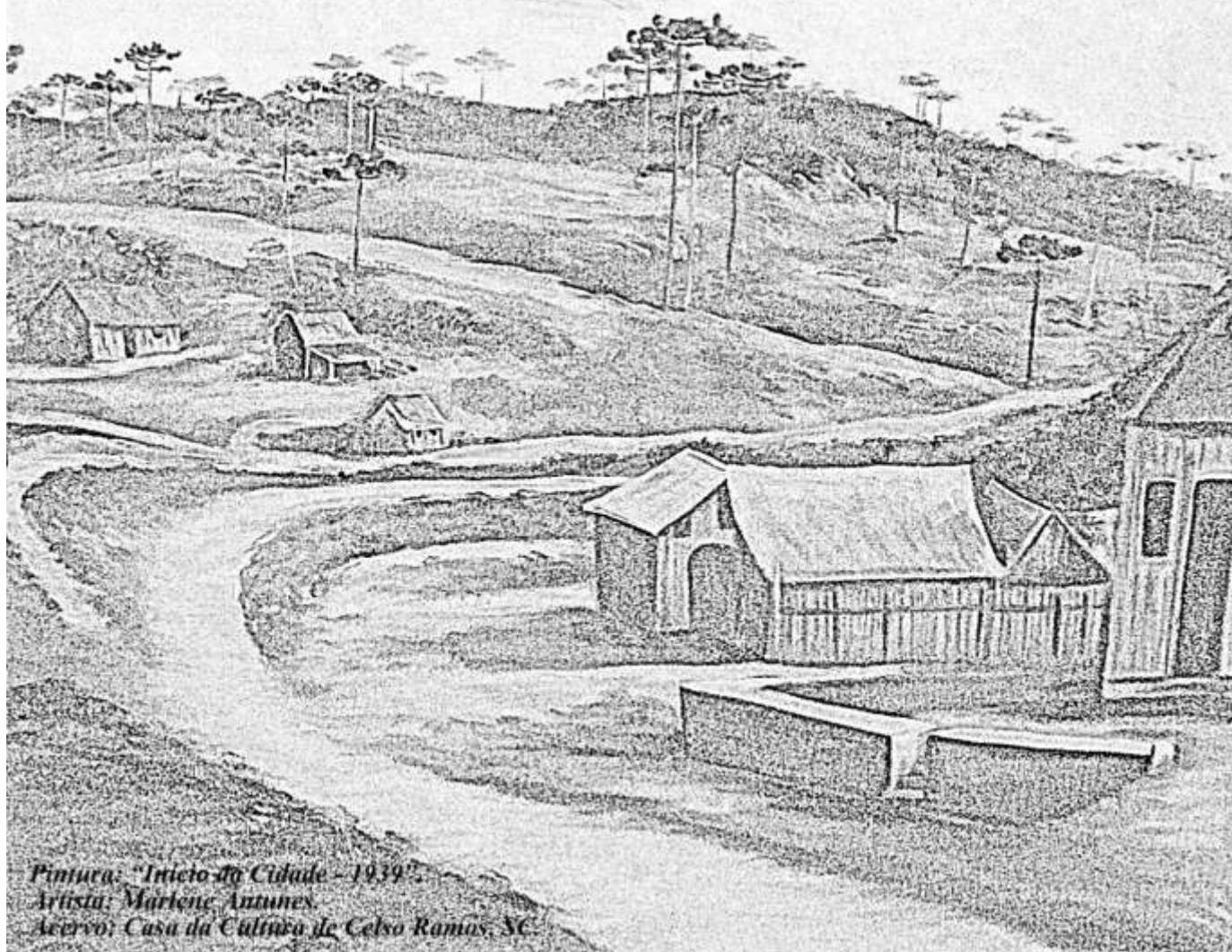
Agradeço ao povo de Celso Ramos, SC, terra onde minha família paterna se estabeleceu após emigrar da Itália e ter passado pela colônia de Nova Veneza.

Enfim, quero agradecer a você, caro leitor, que se interessou pelo trabalho. Parafraseando Carl Sagan, diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim dividir um planeta e uma época com você. Que o tempo, senhor do universo, nos permita produzir e socializar novos e melhores conhecimentos, estabelecendo conexões para o desenvolvimento sustentável.

*“La Terra è un solo paese.
Siamo onde dello stesso mare,
foglie dello stesso albero,
fiori dello stesso giardino.”*

*["A Terra é um só país.
Somos ondas do mesmo mar,
folhas da mesma árvore,
flores do mesmo jardim."]*

Lucius Annaeus Seneca
(4 a.C. - 65 d.C.)



*Pintura: "Início da Cidade - 1939".
Artista: Marlenc Antunes.
Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.*

RESUMO

Ao longo do tempo, a paisagem do município de Celso Ramos foi configurada por fatores naturais e antrópicos. O objetivo desta dissertação foi analisar os aspectos históricos e socioambientais deste território, localizado na confluência dos rios Canoas e Pelotas, no planalto do Estado de Santa Catarina. O município possui vegetações que foram intensamente alteradas pela ocupação humana - por indígenas, caboclos e, sobretudo, colonos de origem italiana. A metodologia aplicada neste trabalho foi a História Ambiental, e como fontes, foram utilizados periódicos, mapas, legislação, relatórios, ofícios de cartório, fotografias. Através da História Oral foram observadas as memórias e as percepções dos moradores locais. Por meio desta análise, percebeu-se as alterações antrópicas ocorridas no meio ambiente. Compreender os usos dos recursos naturais, possibilitará reflexões para uma possível preservação ou conservação dos remanescentes da flora, da fauna e dos rios da área deste estudo.

Palavras-chave: História Ambiental. Paisagem. Celso Ramos.

ABSTRACT

Over time, the landscape of the municipality of Celso Ramos was shaped by natural and anthropic factors. The objective of this dissertation was to analyze the historical and socioenvironmental aspects of this territory, located at the confluence of the Canoas and Pelotas rivers, in the plateau of the State of Santa Catarina. The municipality has vegetations that were intensely altered by the human occupation - by natives, caboclos and, above all, settlers of Italian origin. The methodology applied in this work was Environmental History, and as sources, were used newspapers, maps, legislation, reports, notary offices, photographs. Through Oral History, the memories and perceptions of local residents were observed. Through this analysis, we noticed the anthropogenic changes that occurred in the environment. Understanding the uses of natural resources, will allow reflections for a possible preservation or conservation of the remnants of flora, fauna and rivers in the area of this study.

Key-words: Environmental History. Landscape. Celso Ramos.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01** - Fotografia aérea com vista para a confluência dos rios Canoas (à esquerda) e Pelotas (à direita), formadores do rio Uruguai (ao centro), c. 2000.34
- Figura 02** - Fotografias do complexo de cavernas e cachoeira Furnas do Brechó. Localidade de Entre Rios, Celso Ramos, SC, 2013.36
- Figura 03** - Fotografia com vista parcial para o povoado após uma nevasca. Celso Ramos, SC, 20 de agosto de 1965.37
- Figura 04** - Perfis Esquemáticos da Floresta Ombrófila Mista e da Floresta Estacional Decidual.45
- Figura 05** - Fotografia de uma área com vegetação secundária no último estágio de sucessão (“capoeirão”). Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017.46
- Figura 06** - Ilustração representativa de estruturas subterrâneas dos indígenas da tradição Taquara/Itararé.56
- Figura 07** - Fotografia da área onde se localizava o movimento do “Canudinho de Lages”, com vista para a formação rochosa. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 2003.63
- Figura 08** - Fotografia com vista parcial do povoado, com a casa/armazém de Alcides Domingo Spiazzi e Cecília Bonamigo ao centro, e 1ª Igreja São Paulo Apóstolo à direita. Celso Ramos, SC, c. 1940.77
- Figura 09** - Fotografia com vista parcial do povoado, ao centro aparece a 2ª Igreja construída. Celso Ramos, SC, década de 1940.80
- Figura 10** - Fotografia de Ivo e Pedro Delorenzi prontos para a caça. Na janela, Elza Grassi Delorenzi e Ermida Delorenzi. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 1959.85
- Figura 11** - Fotografia de Idalino Zanoni e Irio Manfioletti pescando com caíco. Rio Canoas, Celso Ramos, SC, década de 1980.86
- Figura 12** - Balsa sobre o rio Canoas. Celso Ramos / Campos Novos, SC, c. 1939.88
- Figura 13** - Fotografia de um trecho da construção da estrada SC-458, atual SC-390. Anita Garibaldi / Celso Ramos, SC, 1938.89
- Figura 14** - Fotografia de caminhões e veículos estacionados à frente da 3ª e atual Igreja Matriz São Paulo Apóstolo. Celso Ramos, SC, década de 196091

Figura 15 - Fotografia do embarque de toras de pinheiros em um estaleiro. Provavelmente o destino era a serraria Ambrósio Grassi. À esquerda, o motorista do caminhão, Mário de Mattia. Celso Ramos, SC, década de 1960.	93
Figura 16 - Fotografia do galpão da serraria Novo Sul / Fazenda Lapal. Localidade de Novo Sul, distrito de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 2003.	95
Figura 17 - Fotografia com visão para os fornos de carvão da Fazenda Lapal. Localidade de Novo Sul, distrito de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 2003.	95
Figura 18 - Fotografia da construção da chaminé da olaria. José Pelozatto, com esposa e Nair Manfiolette (embaixo), Hilton Baretta (no andaime inferior), e Irio Manfiolette e Arlindo Ferri (no andaime superior). Celso Ramos, SC, década de 1970.	98
Figura 19 - Fotografia do transporte de uma carga de lenha para a queima de tijolos na Olaria Pelozatto. À esquerda, o motorista do caminhão, Dalvino Pelozatto. Celso Ramos, SC, década de 1950.	99
Figura 20 - Fotografia do forno da Olaria Pelozatto. Celso Ramos, SC, 11 nov. 2015.	100
Figura 21 - Fotografia do agricultor Edson Barbosa apurando o caldo de cana para produção do açúcar mascavo. Localidade de Santa Maria Goretti, Celso Ramos, SC, c. 1997.	101
Figura 22 - Fotografia da construção da ponte pênsil “Realino Maravai”. Da esquerda para a direita: Olavio Maravai (camisa azul), Antônio Schoenardie (camisa verde) e Gentil Pelozatto (camisa rosa). Margem esquerda do Rio Canoas, divisa entre Campos Novos e Celso Ramos, SC, 01 de julho de 1998.	102
Figura 23 - Quadro/fotografia da 1ª ponte pênsil entre Celso Ramos e Campos Novos, SC, década de 1990.	102
Figura 24 - Quadro/fotografia da atual ponte pênsil entre Celso Ramos e Campos Novos, SC, década de 2000.	103
Figura 25 - Fotografia aérea da Usina Hidrelétrica Campos Novos, 2016.	105
Figura 26 - Fotografia com vista aérea da propriedade de Lourenço Fabris. Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, c. 1980.	110
Figura 27 - Fotografia aérea com vista para a propriedade da Família Ferri. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, c. 2005.	115
Figura 28 - Fotografia aérea com vista para a capela, salão comunitário e propriedade de Paulo João Barbosa. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, anos 2000.	117

Figura 29 - Fotografia a partir do porto da balsa Celso Ramos - Campos Novos, com Doralina Bornagui Bedin, padre Joaquim et. al. Rio Canoas, Celso Ramos, SC, c. 1965.	120
Figura 30 - Fotografia com vista para reflorestamentos de pinus e eucaliptos. Linha Ferri / Linha Fabris, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017.	124
Figura 31 - Fotografia com vista para pastagem e gado leiteiro. Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017.	126
Figura 32 - Fotografias de Itamar Muniz Correia a partir do mesmo local na Linha Ferri com vista para: 1) Rio Canoas antes das obras; 2) Canteiro de obras; 3) Barragem UHE Campos Novos S.A. Rio Canoas, Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, década de 2000.	127
Figura 33 - Fotografia de Idalino Zanoni, com vista para a saída de água das comportas da UHE Campos Novos S.A. Campos Novos / Celso Ramos, SC, c. 2006.	130
Figura 34 - Fotografia aérea com vista parcial da cidade, localidade de Imaculada Conceição e lago da UHE Campos Novos. Celso Ramos, SC, dez. 2011.	133
Figura 35 - Fotografia aérea com vista parcial da cidade. Celso Ramos, SC, 18 mar. 2015.	138
Figura 36 - Fotografia com vista para um parreiral e araucárias (ao fundo). Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017.	139

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Mapa Municipal de Celso Ramos e suas localidades.	20
Mapa 02 - Geodiversidade de Celso Ramos, SC.	32
Mapa 03 - Hidrografia do município de Celso Ramos, SC.	35
Mapa 04 - Fitogeografia do Estado de Santa Catarina, com área do município de Celso Ramos em destaque.	39
Mapa 05 - Detalhe do Mapa dos Estados do Paraná e S. Catharina. Ministério da Viação e Obras Públicas, Inspeção Federal das Estradas, 1914.	66
Mapa 06 - “Planta de uma gleba de terra dividida em lotes colonias de propriedade da firma Pandolfo S.A. Ind. Com. e Outros, situado no Distrito de Celso Ramos, Município de Lajes”. Lages, SC, 15 de fevereiro de 1968.	94
Mapa 07 - Representação cartográfica do lago formado no rio Canoas pela UHE Campos Novos no território de Celso Ramos, SC. VisãoGeo/ENERCAN, imagens coletadas em 2003.	128
Mapa 08 - Mapa aerofotogramétrico do município de Celso Ramos, SC, 2012.	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Principais Espécies Arbóreas da Floresta Ombrófila Mista em Celso Ramos, SC.	40
Tabela 02 - Principais Espécies Arbóreas da Floresta Estacional Decidual em Celso Ramos, SC.	43
Tabela 03 - Principais espécies da fauna da região de Celso Ramos, SC.	47
Tabela 04 - Produtos agropecuários mais representativos e sua quantidade produzida ou efetivo total. Celso Ramos, SC, 1990, 2003 e 2007.	83
Tabela 05 - Nomes dos entrevistados, ano de nascimento, local de nascimento e local de residência atual.	107
Tabela 06 - Espécies com potencial de aproveitamento alimentício encontradas no município de Celso Ramos, SC.	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMPLASC	Associação dos Municípios do Planalto Sul de Santa Catarina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
ELETROBRÁS	Centrais Elétricas Brasileiras S.A.
ELETROSUL	Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A.
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENERCAN	Campos Novos Energia S.A.
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FOM	Floresta Ombrófila Mista
FED	Floresta Estacional Decidual
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABIMHA	Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MAESA	Machadinho Energética S.A.
MMA	Ministério do Meio Ambiente
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
RS	Estado do Rio Grande do Sul
SC	Estado de Santa Catarina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UHE	Usina Hidrelétrica
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO <i>POR UMA HISTÓRIA AMBIENTAL</i>	17
CAPÍTULO I DINÂMICA HIDROGEOLOGIA E BIOGEOGRÁFICA ENTRE OS RIOS CANOAS E PELOTAS	31
1.1 A configuração hidrogeológica do Planalto Catarinense	31
1.2 Flora e fauna entre os rios Canoas e Pelotas	38
1.2.1 Flora	38
1.2.3 Fauna	47
CAPÍTULO II OCUPAÇÃO E INTERFERÊNCIAS ANTRÓPICAS NO AMBIENTE DE CELSO RAMOS	51
2.1 Pioneiros do planalto: marcas da presença indígena	52
2.2 Fazendeiros e caboclos no Sertão das Lagens	58
2.3 Abrindo clareiras, expandindo fronteiras: a agrocolonização ítalo-brasileira	68
2.4 Impactos sem precedentes: os efeitos socioambientais da UHE Campos Novos	103
CAPÍTULO III PERCEPÇÕES E PERSPECTIVAS SOCIOAMBIENTAIS	107
3.1 Uma paisagem cicatrizada por velhos costumes	108
3.2 Vislumbrando a sustentabilidade (ou não): perspectivas socioambientais	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS <i>TUDO PASSA SOBRE A TERRA</i>	141
FONTES	154
ENTREVISTAS	156
ACERVOS PESQUISADOS	157

INTRODUÇÃO

POR UMA HISTÓRIA AMBIENTAL

Toda narrativa histórica é resultado do seu tempo, pois apresenta uma versão sobre o passado através das observações e métodos do presente. Diante dos atuais desafios ecológicos que enfrentamos, o meio ambiente tornou-se uma dimensão fundamental do pensamento histórico.

Durante minha graduação em História, realizada entre 2009 e 2014 na Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvi pesquisas através da bolsa de Iniciação Científica do CNPq no Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA/UFSC), sob a orientação de Eunice Sueli Nodari, e a supervisão de João Klug e Samira Peruchi Moretto. No projeto de pesquisa “A natureza dominada: ocupação e desmatamento no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina (1875 – 1970)”, aprimorei meu contato com a temática das migrações, e tive conhecimento do viés de pesquisa da História Ambiental, percebendo que a natureza deve ser compreendida em sua vital importância para a história. Nesta dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, apresento os resultados de uma análise de longa duração acerca da alteração da paisagem em Celso Ramos, SC, sob a orientação de Claiton Marcio da Silva e Samira Peruchi Moretto.

Observando a paisagem do município de Celso Ramos, localizado na confluência dos rios Canoas e Pelotas, no planalto de Santa Catarina, podemos observar uma natureza cicatrizada pela ação do tempo e do homem.¹ Para compreender os processos que levaram a paisagem da região a assumir essas características, esta dissertação apresenta uma história que versa sobre os aspectos geográficos, socioambientais e culturais deste território, através do viés teórico-metodológico da História Ambiental. O principal objetivo desta pesquisa foi analisar as alterações hidrogeológicas, biogeográficas e antrópicas na paisagem do município, observando os impactos deste processo tanto para os indivíduos humanos quanto para a natureza local.

¹ Neste caso, a natureza estaria cicatrizada devido às ações de desmatamento que alteraram a paisagem da região. A inspiração para este trecho vem do início da obra *A ferro e fogo*, onde o brasileiro Warren Dean descreve a paisagem antropizada do Sudeste brasileiro a partir de um sobrevoo pela região. Fonte: DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996. p. 19.

A área de estudo desta dissertação se concentra no recorte espacial que atualmente compreende o município Celso Ramos. No passado, essa área foi denominada de Entre Rios, pois está localizada na confluência dos rios Canoas e Pelotas, formadores do rio Uruguai. Embora alguns historiadores ambientais tenham publicado importantes trabalhos acerca do território catarinense, o recorte espacial proposto nesta pesquisa ainda não possui uma pertinente análise histórica que considere a dinâmica da natureza e a ação humana na configuração de uma paisagem. Deste modo, a área do município de Celso Ramos constitui-se num interessante *locus* para a análise da alteração do ambiente, ocorrido desde a sua formação hidrogeológica e biogeográfica até a ocupação humana por ameríndios, luso-brasileiros e colonos² neoeuropeus³.

Assim como a maior parte do Planalto Meridional Brasileiro, o território de Celso Ramos possui coberturas vegetais que, de acordo com o IBGE, fazem parte da fitofisionomia da Floresta Ombrófila Mista (FOM) e da Floresta Estacional Decidual (FED), com pequenas inserções de campos, devido a proximidade com as estepes presentes na borda oriental do planalto sul-brasileiro.⁴

A presença indígena neste território é atestada por meio dos vestígios arqueológicos encontrados, pois a abundância de araucárias e animais possibilitava o pinhão e a caça, fundamentais para a alimentação dos silvícolas. Os luso-brasileiros ou caboclos, apesar de renegados pela história memorialística local, constituem um importante elemento para análise social e antropológica. A partir da década de 1930,

² Por cultura dos colonos queremos designar os elementos constituídos pelas tradições dos migrantes de origem europeia. Na região deste estudo, a ampla maioria dos migrantes possui procedência italiana. O termo colono também é utilizado pelos próprios integrantes desta cultura para se autodefinirem. De acordo com Giralda Seyferth, essa identificação social “aparece como indicativa, em algum grau, de uma condição camponesa e, neste caso, são valores camponeses que presidem sua definição; ao mesmo tempo possui um conteúdo étnico irreduzível, que pressupõe uma distintividade cultural e, em certa medida, também racial, em relação àqueles brasileiros denominados caboclos”. Fonte: SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). In: **Anuário Antropológico**, n. 91. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 31-63, 1993. p. 38.

³ De acordo com Alfred Crosby, o sucesso da colonização europeia nas Américas não se deu apenas pela transposição de humanos, mas também devido a inserção de um conjunto de animais, plantas e doenças do Velho para o Novo Mundo. Desta maneira, vastas regiões ocupadas tornaram-se neoeuropas, tanto por seus aspectos antrópicos quanto pela alteração de sua biogeografia, modificada por meio de uma europeização da paisagem. Cf. CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa (900 – 1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁴ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos**. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012. p. 80 e 96. Para mais informações sobre os campos do planalto, cf.: BRANDT, Marlon. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

Celso Ramos passou a receber migrantes de origem italiana, provenientes da região Sul de Santa Catarina, principalmente dos núcleos de Urussanga, Treviso e Siderópolis. De modo geral, a identidade sociocultural de Celso Ramos foi formada por variáveis destes três elementos: indígenas, caboclos e ítalo-brasileiros.

O processo de colonização pode ser observado como uma expansão da fronteira de ocupação pelos colonos, pois trata de movimentos migratórios e agricultura, e precisa ser problematizado por meio da crítica histórica da relação entre humanos *versus* humanos e humanos *versus* meio ambiente. Neste processo, a relação com o ambiente seguiu cada vez mais padrões de exploração capitalista, compreendidos como os velhos costumes⁵ dos seres humanos com a fauna e a flora. A vontade dos colonizadores em tornar as áreas de mata agriculturáveis uniu-se ao interesse dos empresários madeireiros, ocasionando a instalação de serrarias na região – principalmente entre as décadas de 1940 e 1980. A exploração das florestas de araucárias e madeiras de lei representou uma das principais atividades econômicas da região no século XX, favorecendo o crescimento econômico e desencadeando impactos de caráter social e ambiental que justificam uma análise crítica relativa a este local e período.⁶

A trajetória político-administrativa da antiga área de Entre Rios passou por significativas mudanças com a chegada dos colonos. Na década de 1930, com a construção da capela na sede do povoado, o local passou a ser chamado de Colônia São Paulo. Em 1940 passou a se chamar Celso Ramos, em homenagem ao irmão do então governador do Estado, Nereu Ramos. Com o crescimento econômico e a organização política de seus moradores, tornou-se distrito do município de Lages pela Lei Municipal n. 145/57, de 14 de dezembro de 1957. Com a emancipação de Anita Garibaldi em 04 de dezembro de 1961, o distrito passou a pertencer ao recém-criado município. Através de um Movimento Emancipacionista, que teve a primeira reunião lavrada em ata em 12 de maio de 1984, Celso Ramos iniciou o processo de emancipação política e administrativa de Anita Garibaldi. O Movimento Emancipacionista obteve êxito nas articulações políticas, e o município foi criado pela lei n. 7.585, de 26 de abril de 1989, sancionada pelo governador do Estado em exercício, Casildo João Maldaner. Sua

⁵ Neste trabalho, os velhos costumes se referem à cultura de exploração predatória da natureza executada pelos seres humanos, como, por exemplo, a caça e o desmatamento. A noção de velho enseja uma visão de atraso e arcaísmo para tais práticas, a partir de um ponto de vista atual e esclarecido pelo avanço das ciências.

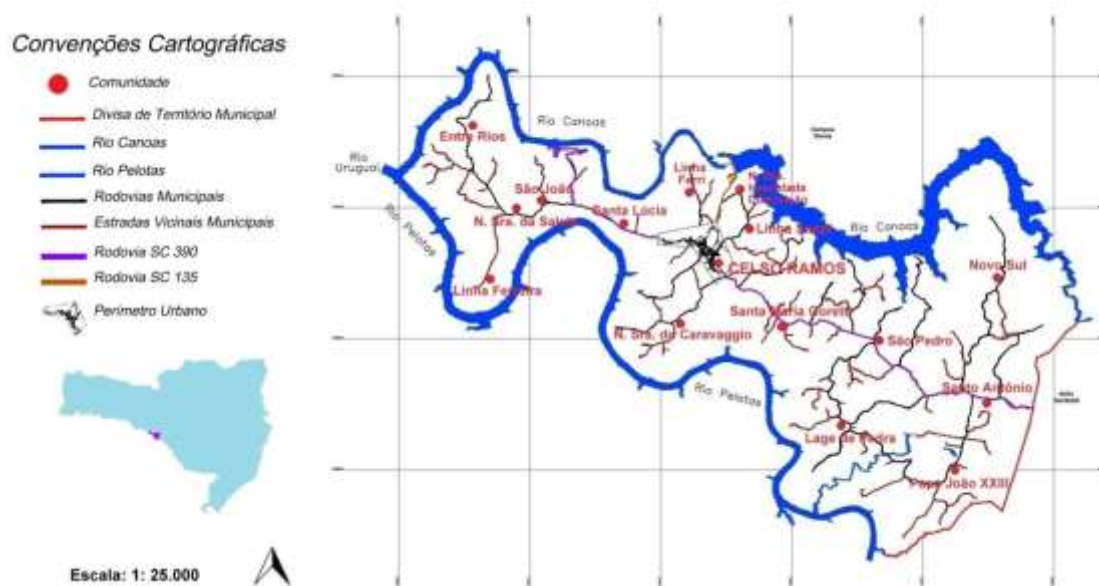
⁶ NODARI, Eunice Sueli. Historia de la devastación del Bosque de Araucaria en el sur del Brasil. **AREAS - Revista Internacional de Ciencias Sociales**, vol. 35, p. 75-85, 2016.

instalação se deu em 01 de janeiro de 1990, com a posse do primeiro prefeito Gerci de Lorenzi e o vice André Guarda, eleitos em 15 de novembro de 1989.⁷

O município de Celso Ramos limita-se: ao norte, com o rio Canoas e o município de Campos Novos; ao Sul, com o rio Pelotas e o município de Barracão no Estado do Rio Grande do Sul; ao Oeste, com o rio Canoas e o Pelotas, que formam o início do rio Uruguai; e ao Leste, com o município de Anita Garibaldi. Em distâncias rodoviárias, a cidade de Celso Ramos encontra-se a 27 km da cidade de Anita Garibaldi e a 32 km da cidade de Campos Novos.

A população encontra-se distribuída nas seguintes localidades/comunidades: Santo Antônio (distrito), Papa João XXIII, Novo Sul, Laje de Pedra, São Pedro, Santa Maria Goretti, Nossa Senhora do Caravaggio, Linha Fabris, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Linha Ferri, Linha Suppi, Santa Lúcia, Nossa Senhora da Salete e São João do Entre Rios.

Mapa 01 - Mapa Municipal de Celso Ramos e suas localidades.



Fonte: AMPLASC - Associação dos Municípios do Planalto Sul de Santa Catarina. Mapa do Território Municipal de Celso Ramos (SC). Responsável Técnico: Murilo Spillere Milanez. Campos Novos: AMPLASC, Departamento de Engenharia de Agrimensura, 2016. [Com adaptações do autor].

⁷ ESTADO de Santa Catarina. **Diagnóstico Municipal de Celso Ramos**. Programa Integrado de Desenvolvimento Socioeconômico. Florianópolis: Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, 1990. p. 07.

De acordo com dados censitários, a população de Celso Ramos encontra-se em decréscimo. No censo de 1970, contavam-se 5600 habitantes para a área, alcançando 5900 em 1980. Após a emancipação, o censo de 1991 apontou que haviam 3457 habitantes no recém-criado município. Nos censos de 2000 e 2010 a população manteve-se em queda, somando 2844 e 2771 habitantes, respectivamente. No último levantamento populacional realizado pelo IBGE em 2017, estima-se que a população seja de 2760 pessoas.⁸ Estes dados populacionais, entrecruzados com dados socioeconômicos, nos apresentam uma complicada realidade do município: a falta de expectativa no campo e a baixa oferta de emprego obrigam muitos, sobretudo os jovens, a buscar melhores condições de ensino, emprego e renda em outras cidades.

No livro *A História da Fronteira Sul*, os historiadores Claiton Márcio da Silva, Marlon Brandt e Miguel Carvalho apresentam, respectivamente, as três grandes conjunturas da história ambiental no capítulo intitulado “Uma História Ambiental da Fronteira Sul”. Segundo os autores, a primeira conjuntura foi a pecuária, atividade que determinou as dinâmicas de ocupação humana e intervenção sobre o ambiente, sobretudo até o século XIX. Depois, sobreveio a indústria madeireira baseada na araucária, que foi a principal madeira exportada ao longo do século XX. E por último, a modernização agropecuária ocorrida entre as décadas de 1960 e 1980, que intensificou radicalmente os processos de intervenção no meio ambiente, criando problemas como a poluição por agroquímicos.⁹

Nas últimas décadas, as construções das usinas hidrelétricas de Machadinho e Campos Novos trouxeram melhorias sociais e econômicas para alguns beneficiados por tais obras, como políticos e empresários; porém, estes empreendimentos ainda carecem de uma problematização histórica acerca dos impactos socioambientais que o represamento dos rios desencadeou, como o êxodo rural e o alagamento de áreas florestais. A história pode e deve contribuir para o esclarecimento destas e outras questões, pois fazem parte do cotidiano das pessoas que vivem no local, possibilitando reflexões, justiça social e conscientizações preservacionistas.

O viés teórico-metodológico da História Ambiental foi o guia para a análise das fontes e o entendimento do processo de configuração do povoamento e das relações

⁸ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010; Estimativa Populacional de 2017.

⁹ SILVA, Claiton Marcio da; BRANDT, Marlon; CARVALHO, Miguel Mundstock de. Uma história ambiental da Fronteira Sul: campos, florestas e agroecossistemas. In: RADIN, José Carlos. VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida; Chapecó: UFFS, 2015. p. 271-297. p. 272.

antrópicas estabelecidas com os recursos naturais em Celso Ramos. A interdisciplinaridade, um dos pressupostos da História Ambiental, foi utilizada nesta pesquisa para compreendermos desde a caracterização do ambiente até os desdobramentos socioculturais. Afinal, natureza e seres humanos são os personagens desta história, e o processo estudado só será compreendido se todos os envolvidos forem observados.

Para atingir os objetivos da pesquisa foram utilizadas diversas fontes, pois todos os vestígios e informações são importantes e acabam se complementando. Documentos diversos, relatórios, legislações, censos demográficos, estatísticas sociais, dados e demonstrativos econômicos serviram a este trabalho com seus respectivos dados. Os periódicos regionais e estaduais também foram analisados na pesquisa. O jornal, considerado nesta pesquisa uma importante fonte histórica, encerra a perspectiva de que todo documento remete ao campo subjetivo e intencional do passado com o qual devemos lidar. De acordo com Maria Helena Rolim Capelato: “A imprensa passou a ser concebida como espaço de representação do real, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época”.¹⁰ Dentre os jornais pesquisados, destacam-se: Região Serrana, Correio dos Lagos, A Época, O Imparcial, O Guardiã, Correio Lageano e Diário Catarinense.

As fontes iconográficas foram utilizadas levando-se em conta que uma imagem não encerra em si o passado, mas contém uma representação do passado. As imagens favorecem inúmeras interpretações, por isso, faz-se necessário uma análise cautelosa da intermediação que a imagem faz entre o passado e o presente.¹¹

Foram realizadas 10 entrevistas com moradores do município de Celso Ramos, que compartilharam suas experiências e opiniões sobre a sociedade e a natureza através da História Oral.¹² Apesar de riquíssima em informações, a oralidade requer alguns cuidados ao ser utilizada em uma pesquisa histórica. A memória é um processo subjetivo e dinâmico, permeado por ressignificações e jogos de poder, e utiliza-se de instrumentos criados e compartilhados pela sociedade.¹³ Neste trabalho, as informações

¹⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1998.

¹¹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 233.

¹² As entrevistas foram vinculadas ao projeto de pesquisa Memória histórico-geográfica do Planalto e Oeste de Santa Catarina: imagens e oralidades, sob a coordenação do professor Dr. Marlon Brandt. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, com TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) preenchido e assinado, e os arquivos de áudio e texto foram arquivados na UFFS, campus Chapecó, SC.

¹³ MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Um encontro com as fontes em História Oral. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, vol. 32, n. 01, p. 117-125, jun. 2006.

coletadas nas entrevistas foram contextualizadas e complementadas por meio de outras fontes documentais.

Embora a análise desta dissertação recaia sobre um território geográfico específico, as atuais discussões sobre História Global são pertinentes e se encaixam perfeitamente com as pesquisas em História Ambiental, pois não há nada mais planetário que o próprio meio ambiente. De acordo com François Hartog, na virada do século XX para o XXI, alguns historiadores passaram a navegar, novamente, por uma história mundial. A História Global é uma história de conexões, e aponta para uma visão mais ampla do mundo e das sociedades, quase como um satélite, observando a Terra como um sistema integrado.¹⁴ Como exemplo, podemos observar que a produção madeireira de Celso Ramos também era exportada, e suas tábuas serviam para diversos fins na indústria estrangeira, demonstrando as conexões desta área para além da história local e nacional. Recorrentes neste trabalho, as diversas escalas de análise se entrecruzam para elucidar as temáticas socioambientais, utilizando-se inclusive da cartografia. Neste sentido, é importante destacarmos que a escala cartográfica exprime a representação do espaço como forma geométrica, enquanto que a escala geográfica e histórica exprimem as relações que as sociedades desenvolvem com essa forma geométrica.¹⁵

Os estudos através da História Ambiental nos apresentam o ambiente como agente ativo na história, visto que as pessoas organizam e reorganizam suas vidas relacionando-se com o meio natural. Apesar de muitos estudos tratarem da natureza desde os primórdios da escrita humana, foi apenas no século XX que a historiografia desenvolveu uma atenção sistemática aos fatores ambientais e suas conexões com a história humana. De acordo com Donald Worster, um dos precursores do viés histórico-ambiental, esse viés de pesquisa surgiu na década de 1970, em meio aos debates sobre a crise global e o crescimento dos movimentos ambientalistas.¹⁶

Assim como toda narrativa histórica, a análise socioambiental da história é resultado de seu tempo, pois possui objetivos morais e compromissos políticos em um

¹⁴ HARTOG, François. Experiências do tempo: da História Universal à História Global? **História, Histórias**, Brasília, vol. 01, n. 01, p. 164-179, 2013. p. 176-179.

¹⁵ CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 117-140. p. 125.

¹⁶ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 198-215, 1991. p. 199.

contexto onde o meio ambiente desponta como tema de interesse mundial.¹⁷ Conforme José Augusto Pádua:

A emergência de um "ambientalismo complexo e multissetorial" a partir da década de 1970, dotado de alto perfil na cena pública global, representou um dos fenômenos sociológicos mais significativos da história contemporânea. [...] A ideia de "ecologia" rompeu os muros da academia para inspirar o estabelecimento de comportamentos sociais, ações coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global. Mais ainda, ela penetrou significativamente nas estruturas educacionais, nos meios de comunicação de massa, no imaginário coletivo e nos diversos aspectos da arte e da cultura. O avanço da chamada globalização, com o crescimento qualitativo e quantitativo da produção científico-tecnológica e da velocidade dos meios de comunicação, catalisou uma explosão de temas da vida e do ambiente na agenda política.¹⁸

Se o historiador vai ao passado através das demandas do presente, por certo a questão ecológica impulsionou uma revisão da história considerando as preocupações da era pós-moderna. Sobre o intento da História Ambiental, Worster aponta que:

O seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados.¹⁹

Os temas essenciais para se fazer História Ambiental estão onde o mundo natural e cultural se confrontam ou interagem.²⁰ Extrapolando as fronteiras geopolíticas, a história se ocuparia em compreender a própria terra, notando os seus usos e significados para os seres humanos.

Algumas mudanças epistemológicas consolidadas no século XX desafiaram os historiadores a repensar as temáticas estudadas na disciplina. De acordo com Pádua, três mudanças no entendimento do mundo natural pelos seres humanos são relevantes, sendo: a noção de que o homem produz sérios impactos no mundo e pode causar sua degradação; a ampliação dos marcos cronológicos da terra para bilhões de anos; e a

¹⁷ Além do ambientalismo, na esteira dos Novos Movimentos Sociais emergiram, nesta mesma época, os movimentos: estudantil, feminista, hippie, negro e outros. Cf. GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 128.

¹⁸ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. p. 82.

¹⁹ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 198-215, 1991. p. 199-200.

²⁰ WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, vol. 5, n. 2, p. 23-44, 2003. p. 26.

percepção da natureza como um agente histórico, em sucessivos processos de construção e reconstrução ao longo do tempo.²¹

Uma das premissas da História Ambiental é entender que o nosso planeta é uma realidade antiga e diversificada, que já sofreu gigantescas transformações biofísicas ao longo de sua trajetória. Por aqui já passaram inúmeras formas de vida, sendo que a espécie humana é apenas mais uma delas – uma espécie frágil e recentíssima, considerando os bilhões de anos em que os organismos vivos estão se disseminando sobre a terra.²²

Apesar de estar presente sob outras formas em diferentes épocas e sociedades, a preocupação com o meio ambiente só despontou como tema fundamental no debate historiográfico nas últimas décadas. Por isso, segundo Pádua:

É essencial, no entanto, evitar o anacronismo e a pretensão de que os indivíduos do passado possam ser cobrados em razão de categorias tão modernas quanto são ecologia, sustentabilidade, impactos da ação humana etc. É preciso entender cada época no seu contexto geográfico, social, tecnológico e cultural.²³

Em todos os momentos da história humana as relações ambientais estavam presentes, sendo percebidas, ou não, segundo os padrões culturais de cada período. Neste sentido, conforme a formulação de Alfred Siemens, devemos "extrair ecologia" de documentos do passado que, obviamente, não tinham esse sentido ou essa justificativa.²⁴ A história ambiental, como ciência social, deve sempre tratar das sociedades humanas, mas também deve reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. O desafio, então, seria construir um diálogo aberto e interativo da relação entre sociedade e natureza.²⁵ Segundo Donald Worster, existe um problema mal resolvido entre a ecologia e a história, pois:

Poucos cientistas encaram os homens ou as sociedades como partes integrantes dos seus ecossistemas. Eles preferem deixá-los de fora, como digressões ou fatores imponderáveis. Mas os homens são o principal objeto

²¹ PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. p. 83.

²² CHRISTIAN, D. **Maps of time**: an introduction to Big History. Berkeley: University of California Press, 2003.

²³ PÁDUA, José Augusto. **Op. Cit.** p. 96.

²⁴ SIEMENS, A. Extraindo ecología de algunos documentos novohispanos de la época temprana. In: GARCIA, B.; JÁCOME, A. (Org.). **Estudios sobre historia y ambiente en América I**. México: El Colegio de México y Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1999.

²⁵ PÁDUA, José Augusto. **Op. Cit.** p. 97.

de estudo dos historiadores; consequentemente, a tarefa dos historiadores é juntar o que os cientistas separaram.²⁶

Portanto, qualquer análise sobre o passado deve incluir não apenas a fauna e a flora de determinados ambientes, mas também o animal humano com seus êxitos ou malogros em sua reprodução enquanto espécie.

Um conceito-chave para o entendimento das mudanças naturais e antrópicas do território em análise neste estudo é, indispensavelmente, a paisagem. A terra é um documento histórico carregado de informações. A afirmação de Marc Bloch é pertinente ao nos lembrar que “a observação e a análise da paisagem de hoje, é necessária para ver melhor o passado”.²⁷ Neste sentido, o geógrafo Aziz Nacib Ab’Saber aponta para uma paisagem-herança:

A paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades.²⁸

As sucessivas formas de ocupação e relação de diferentes povos com o ambiente refletem em variadas formas de apropriação dos recursos naturais. A necessidade de utilizar os recursos que compõem seu território, que por sua vez está ligado ao modo em que as pessoas utilizam a terra, se organizam no espaço e como dão significados ao lugar, fez com que as diversas populações que habitaram esse espaço desenvolvessem diversas estratégias no manejo da natureza, o que por sua vez refletiu nessa dinâmica da paisagem.²⁹

Podemos compreender a paisagem como a materialização da cultura, economia e política, pois ela é repleta de significados identitários e simbólicos, construídos e reproduzidos, que acabam por alimentar o imaginário social. Para Simon Schama, a paisagem é cultura antes de ser natureza, pois projetamos nossa imaginação sobre os elementos físicos. Neste sentido, “uma árvore nunca é apenas uma árvore. [...] Em cada

²⁶ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 198-215, 1991. p. 206.

²⁷ BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. p. 67

²⁸ AB’SABER, Aziz Nacib. Potencialidades paisagísticas brasileiras. **Boletim Geomorfologia**, São Paulo, Instituto de Geografia da USP, n. 55, 1977.

²⁹ SACK, Robert. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 02.

árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória”.³⁰ De acordo com Schama:

Estamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos; na verdade, elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente... Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rocha.³¹

A observação das paisagens, através da pesquisa teórica e no sentido empírico, constitui uma importante característica da História Ambiental, pois através do trabalho de campo o entendimento dos lugares torna-se mais satisfatório. Neste ponto, a história se entrelaçaria com a prática geográfica, que desde seus primórdios priorizou os estudos *in loco*.³² Nas palavras do geógrafo Milton Santos, “a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos”, onde o espaço altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade.³³

No Brasil, uma obra que merece destaque no contexto das produções sobre História Ambiental é o livro do brasileiro Warren Dean, *A ferro e fogo*, lançado no país em 1996. O livro é um clássico em sua área, pois narra a história nacional a partir das intervenções humanas no meio ambiente, deixando um pertinente alerta para a catástrofe causada pela devastação ambiental no bioma Mata Atlântica.³⁴ A obra não teve o objetivo de percorrer todas as formações vegetais do bioma, pois a região Sudeste foi seu principal centro de análise. Sendo assim, este fato justifica uma pesquisa mais apurada com relação à região Sul e as florestas com araucárias, na qual a área deste estudo está inserida.

Eunice Sueli Nodari, professora na UFSC e historiadora precursora da História Ambiental em Santa Catarina, possui relevantes publicações que auxiliam no entendimento do passado socioambiental da região deste estudo. Atualmente, destacam-se suas pesquisas acerca das araucárias, vitivinicultura e alteração das paisagens no Sul do Brasil.³⁵

³⁰ SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 70.

³¹ Ibidem. p. 08.

³² FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia: Natureza e cultura em interconexão. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, vol. 02, n. 17, p. 20-33, 2007. p. 30.

³³ SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2004. p. 54.

³⁴ DEAN, Warren. **Op. Cit.**

³⁵ Dentre as produções mais relevantes e atuais da pesquisadora, destacam-se: NODARI, E. S. *Etnicidades Renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009; e capítulo nas seguintes obras: SEDREZ, Lise; RAJAN, Ravi (orgs.). **The Great Convergence: Environmental History of BRICS**. 1ª Ed. New Delhi: Oxford University Press, 2018; BLANC, Jacob;

As produções do LABIMHA/UFSC são importantes para o entendimento da História Ambiental no Sul do Brasil, e principalmente no tocante ao Estado de Santa Catarina. Dentre os trabalhos, cito: a dissertação de Samira Peruchi Moretto, *Remontando a floresta*³⁶, e sua tese de doutorado, *A domesticação e a disseminação da feijoa (Acca sellowiana) do século XIX ao século XXI*³⁷; a tese de Miguel Mundstock Xavier de Carvalho *Uma grande empresa em meio à floresta*³⁸; a tese de Marcos Gehardt, *História Ambiental da Erva Mate*; ³⁹e a tese de Marlon Brandt, *Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina*⁴⁰. Todos estes trabalhos apresentam importantes e originais contribuições para a produção desta dissertação, pois trataram da temática ambiental no bioma Mata Atlântica.

Vale destacar que atualmente a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó, possui um grupo de estudos em História, Ciência e Meio Ambiente. Apesar de incipiente, pois o Programa de Pós-Graduação em História da UFFS iniciou suas atividades em 2016, sendo este trabalho o fruto da primeira turma do mestrado, as pesquisas do grupo estão revisando e reinterpretando o passado da região Oeste de Santa Catarina pela perspectiva da História Ambiental.

* * *

Os capítulos desta dissertação foram concebidos e organizados de acordo com os três níveis de funcionamento da História Ambiental propostos por Donald Worster: 1) o entendimento da natureza e de como ela se organizou no passado; 2) a interação

FREITAS, Frederico (orgs.). **Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay**. 1ª Ed. Tucson: The University of Arizona Press, 2018; ARMIERO, Marco; TUCKER, Richard (orgs.). **Environmental History of Modern Migrations**. 1ª Ed. New York: Routledge, 2017; FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra e; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão (Orgs.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

³⁶ MORETTO, Samira Peruchi. **Remontando a Floresta: a implementação do pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960 - 1990)**. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

³⁷ MORETTO, Samira Peruchi. **A domesticação e a disseminação da Feijoa (Acca sellowiana) do século XIX ao século XXI**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

³⁸ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **Uma grande empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

³⁹ GEHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva Mate**. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

⁴⁰ BRANDT, Marlon. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

socioeconômica das sociedades com o ambiente; e 3) a percepção exclusivamente humana da sua interação com o meio, isto é, suas significações do mundo natural.⁴¹

Capítulo 1: Dinâmica hidrogeológica e biogeográfica entre os rios Canoas e Pelotas. Neste primeiro capítulo, a região será caracterizada em suas peculiaridades hidrogeológicas e biogeográficas. Nas palavras de Worster, “antes que se possa escrever sobre a História Ambiental, deve-se primeiro entender a própria natureza – especificamente como a natureza estava organizada e funcionava nos tempos passados”.⁴² A configuração física da região será revisada ao nível da geografia histórica, entendendo a natureza em seus aspectos orgânicos e inorgânicos, ou seja, pretende-se uma história natural de longuíssima duração, utilizando produções de diversas áreas do conhecimento, como a geologia e a botânica.

Capítulo 2: Ocupação e interferências antrópicas no ambiente de Celso Ramos. Neste segundo capítulo serão analisados os aspectos socioeconômicos, que tratam da interação da sociedade com o meio ambiente, notando, por exemplo, seus modos de produção, tecnologias, relações sociais, instituições e decisões ambientais. Considerando que as pessoas transformam a natureza num sistema que produz recursos para o consumo,⁴³ o segundo nível de observação concentrar-se-á na análise do processo histórico da ocupação humana na região do estudo, principalmente dos colonos de origem italiana, trazendo uma narrativa à luz dos atuais debates e da crítica da História Ambiental. O uso dos recursos vegetais, faunísticos, hídricos etc., bem como a alteração da paisagem, serão contextualizados e problematizados, utilizando uma pertinente bibliografia, observações *in situ* e fontes diversas.

Capítulo 3: Percepções e perspectivas socioambientais. O terceiro capítulo trata de um tipo de interação “mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza”.⁴⁴ Conforme a expressão de Frederick Turner, seria a “história espiritual” que

⁴¹ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 198-215, 1991. p. 201-202.

⁴² WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, vol. 05, n. 02, p. 23-44, 2003. p. 26.

⁴³ Idem.

⁴⁴ WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 198-215, 1991. p. 202.

um povo estabelece com o seu território, uma espécie de construção imaginária da natureza pelo homem, através da cultura e da memória.⁴⁵

A conclusão deste trabalho fará um balanço crítico acerca dos impactos socioambientais ocorridos e ainda em curso no município de Celso Ramos. As atuais ações de devastação ambiental e as perspectivas de sustentabilidade serão abordadas, quiçá, possibilitando que o entendimento do passado desperte a consciência para uma interação mais equilibrada entre o homem e a natureza.

A relevância deste trabalho está em sua originalidade em revisar a história de um território através da crítica da História Ambiental. O passado instrui o presente, e, no caso da história de uma região, a maneira como utilizamos a natureza pode possibilitar ou inviabilizar o seu próprio futuro. Afinal, a interação entre o ser humano e o meio ambiente necessita de uma urgente reconfiguração, que possibilite a sustentabilidade para o ecossistema do qual todas as formas de vida fazem parte.

Conhecer os aspectos históricos da devastação ambiental da qual somos os infelizes herdeiros nos permite reconhecer a necessidade de uma interação mais sustentável com a natureza, no intento de que a reflexão provoque a sua valorização e preservação.

⁴⁵ TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

CAPÍTULO I

DINÂMICA HIDROGEOLOGIA E BIOGEOGRÁFICA ENTRE OS RIOS CANOAS E PELOTAS

*"Lucien Febvre costumava dizer: 'a história é o homem'.
Eu, por outro lado, digo: a história é o homem e tudo mais.
Tudo é história: solo, clima, movimentos geológicos."*⁴⁶

Fernand Braudel
(1902 - 1985)

O território do atual município de Celso Ramos está inserido na região do planalto de Santa Catarina. Para compreendermos a história da sua paisagem, faz-se necessário um entendimento da sua formação hidrogeológica e biogeográfica. Ao longo de milhões de anos, a configuração geológica, hídrica, botânica e faunística foi decisiva para a história, mais recente, da relação socioeconômica e cultural dos seres humanos com o território deste estudo.

1.1 A configuração hidrogeológica do Planalto Catarinense

A formação geológica do Estado de Santa Catarina é caracterizada por uma sucessão de eventos que moldaram o atual relevo nos últimos 2,5 bilhões de anos. De acordo com o geólogo Luiz Fernando Scheibe, no território catarinense, de leste para oeste, afloram os sedimentos recentes do litoral, uma faixa de rochas magmáticas e metamórficas mais antigas, a sucessão das rochas sedimentares gondwânicas (referentes ao supercontinente que existiu há 200 milhões de anos) e os derrames de lavas básicas, intermediárias e ácidas da Serra Geral.⁴⁷

A partir de sua formação geológica, Santa Catarina apresenta três unidades de relevo: a planície litorânea, os planaltos e serras do leste e o planalto ocidental. As serras cristalinas litorâneas, o planalto cristalino e a Serra do Mar são de formação

⁴⁶ BRAUDEL, Fernand apud MOORE, Jason W. Capitalism as world-ecology: Braudel and Marx on environmental history. **Organization and Environment**, vol. 16, n. 04, p. 431-458, dez. 2003. p. 431. In: PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 24, n. 68, p. 81-101, 2010. p. 81.

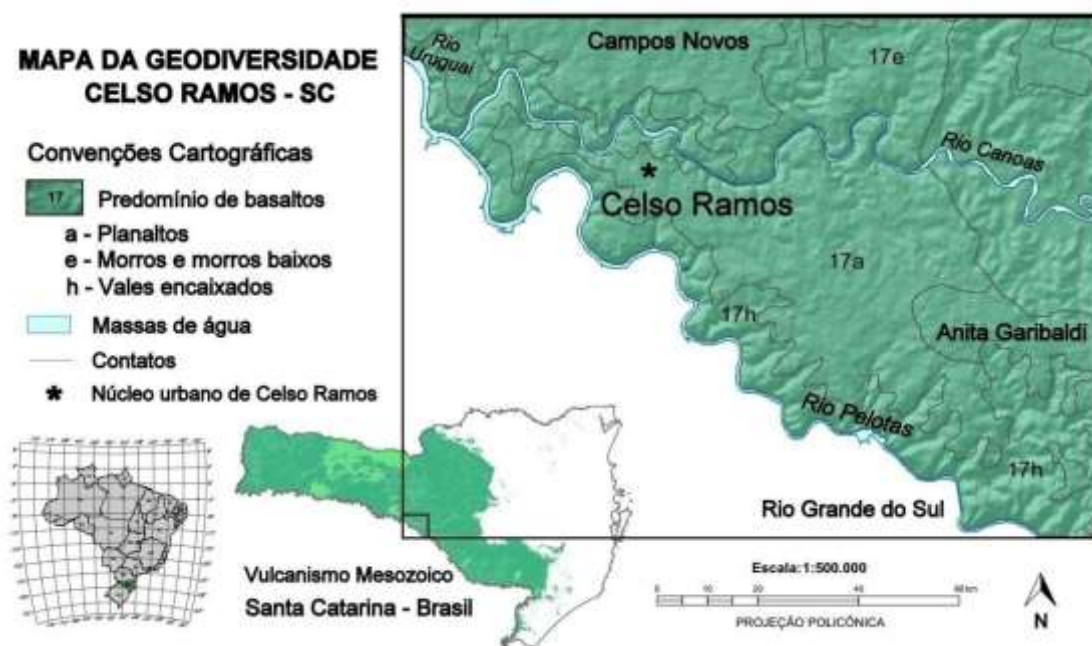
⁴⁷ SCHEIBE, Luiz Fernando. Geologia de Santa Catarina: sinopse provisória. **Revista Geosul**, Departamento de Geociências da UFSC, Florianópolis, n. 01, ano 01, p. 07-38, 1986. p. 07.

muito antiga. Já a planície litorânea e as planícies fluviais têm origem mais recente. Na porção Oeste, isto é, no Planalto Catarinense, o elemento morfológicamente mais importante é a enorme capa das rochas eruptivas basálticas que estendem-se transversalmente sobre o planalto.⁴⁸

O planalto, forma de relevo onde o município de Celso Ramos situa-se, é uma grande área, com elevação considerável quando comparada com os terrenos adjacentes, e suas origens estão relacionadas aos processos da tectônica de placas, que produz um soerguimento regional em resposta às forças verticais.⁴⁹

No mapa 02, podemos localizar a região deste estudo e notar sua geodiversidade⁵⁰, predominada por rochas basálticas do vulcanismo que formou planaltos, morros e vales encaixados.

Mapa 02 - Geodiversidade de Celso Ramos, SC.



Fonte: CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Mapa da Geodiversidade do Estado de Santa Catarina. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2010. [Com adaptações do autor].

⁴⁸ SCHEIBE, Luiz Fernando. **Op. Cit.** p. 09 e 23.

⁴⁹ PRESS, Frank; SIEVER, Raymond; GROTZINGER, John; JORDAN, Thomas H. **Para entender a Terra.** 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. p. 449, 453-454.

⁵⁰ Geodiversidade é o estudo da natureza abiótica (meio físico), constituída por uma variedade de composições e processos geológicos que dão origem às paisagens, rochas, minerais, águas, solos e outros depósitos superficiais que propiciam o desenvolvimento da vida na Terra. Fonte: CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. **Mapa da Geodiversidade do Brasil:** Influência da geologia dos grandes geossistemas no uso e ocupação dos terrenos. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2006.

A composição do solo é fundamental para o sucesso ou insucesso do desenvolvimento de formas de vida em determinado local. O solo da área deste estudo faz parte de duas Unidades Geomorfológicas: Planalto dos Campos Gerais (17a, no mapa 02) e Planalto Dissecado Rio Iguaçu/Rio Uruguai (17h). O principal solo identificado para a região é uma associação de Terra Bruna/Roxa Estruturada Álica e Cambissolo Álico. Esta variedade de solo é de textura muito argilosa e com alta saturação por alumínio. Devido a baixa fertilidade natural e a presença de alumínio em níveis tóxicos, este solo precisa de alterações físico-químicas para o cultivo.⁵¹

O município de Celso Ramos está sobre o Aquífero Guarani, que tem sua área de 1.195.500 km² distribuída entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Há cerca de 130 milhões de anos, a Bacia do Paraná foi recoberta por derrames de lavas vulcânicas que ao resfriarem formaram horizontes de rochas rígidas, que soterraram e isolaram as camadas permeáveis do contato com a atmosfera. Neste ambiente se formou uma das maiores reservas subterrâneas de água doce do planeta (algo em torno de 50 trilhões de m³). Por ser constituído de arenitos, o Aquífero Guarani apresenta na sua zona de recarga uma grande vulnerabilidade à contaminação por ações antrópicas.⁵²

O entendimento da dinâmica dos rios é imprescindível para compreender a atual configuração hidrogeológica do território de Celso Ramos. Os cursos d'água atuam na superfície da Terra como os principais agentes geológicos de sua modificação. A rede hidrográfica de Santa Catarina é constituída por dois sistemas independentes de drenagem: o sistema integrado da vertente do interior, comandado pela bacia Paraná-Uruguai – no qual os rios Canoas e Pelotas se inserem –, e o sistema da vertente atlântica.

Os rios Pelotas e Canoas nascem no alto da Serra Geral, aproximadamente a 1200 metros acima do nível do mar, próximo ao Parque Nacional de São Joaquim. A partir deste mesmo nascedouro, os dois rios seguem por caminhos divergentes. De uma maneira geral, o traçado dos rios Pelotas e Canoas e, após o entroncamento destes, do rio Uruguai, é o mesmo do passado, quando a velocidade da água era menor e os rios serpenteavam a região na forma de meandros desenvolvidos em uma antiga planície.

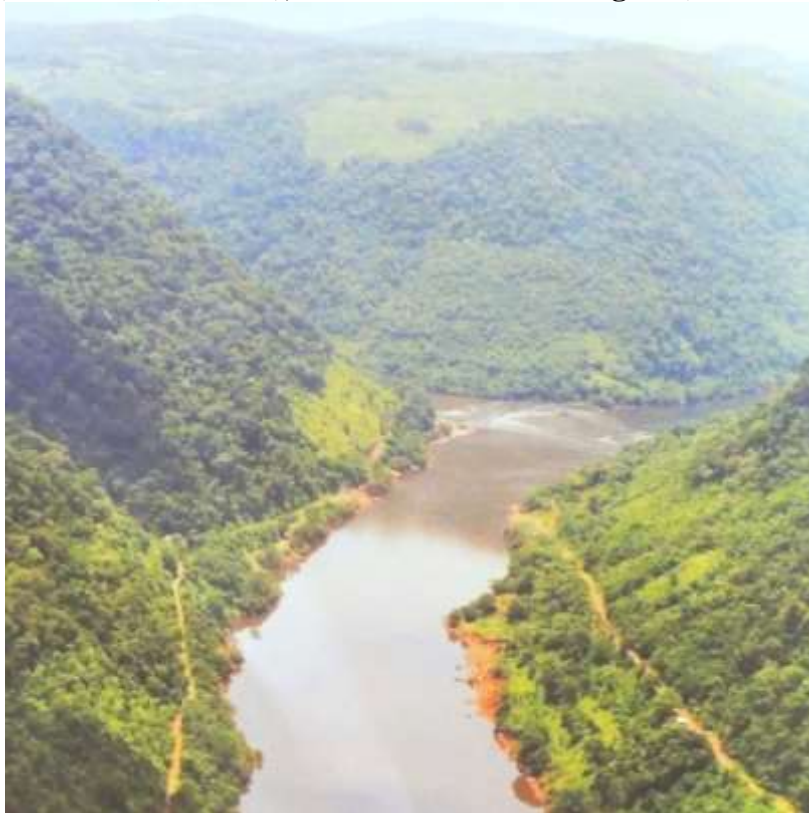
⁵¹ EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Solos do Estado de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 2004. p. 18 e 281; EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EMBRAPA/SPI - Serviço de Produção de Informação, 2006. p. 76-77.

⁵² SCHEIBE, Luiz Fernando; HIRATA, Ricardo César Aoki. O contexto tectônico dos sistemas aquíferos Guarani e Serra Geral em Santa Catarina: uma revisão. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas**. Natal: ABAS, 2008. p. 02, 03 e 05.

Somente após o soerguimento do continente em relação ao mar, e também após mudanças climáticas profundas, os rios ganharam maior velocidade de vazão e maior capacidade de transporte de sedimentos. Os vales tornaram-se mais encaixados e com forma de "v", sendo que em muitos locais, o desnível entre o fundo do vale e a parte mais alta atinge mais de 200 metros.⁵³

Na figura 01 temos uma fotografia mostrando o local onde os rios Canoas e Pelotas se encontravam, formando o rio Uruguai. Na imagem, é possível notar os vales encaixados em forma de "v". À esquerda, temos o município de Campos Novos, SC, à direita, o município de Barracão, RS, e à frente, o município de Celso Ramos, SC. A foto é anterior ao represamento dos rios, causado pela formação do lago da Usina Hidrelétrica Machadinho, em 2001. As águas do rio Canoas apresentam tonalidade barrosa devido à drenagem dos solos em sua bacia hidrográfica, mas podem variar sua turbidez de acordo com o volume pluviométrico e o assoreamento dos solos, ocasionado, em grande parte, pela derrubada das matas e por práticas agrícolas.

Figura 01 - Fotografia aérea com vista para a confluência dos rios Canoas (à esquerda) e Pelotas (à direita), formadores do rio Uruguai (ao centro), c. 2000.

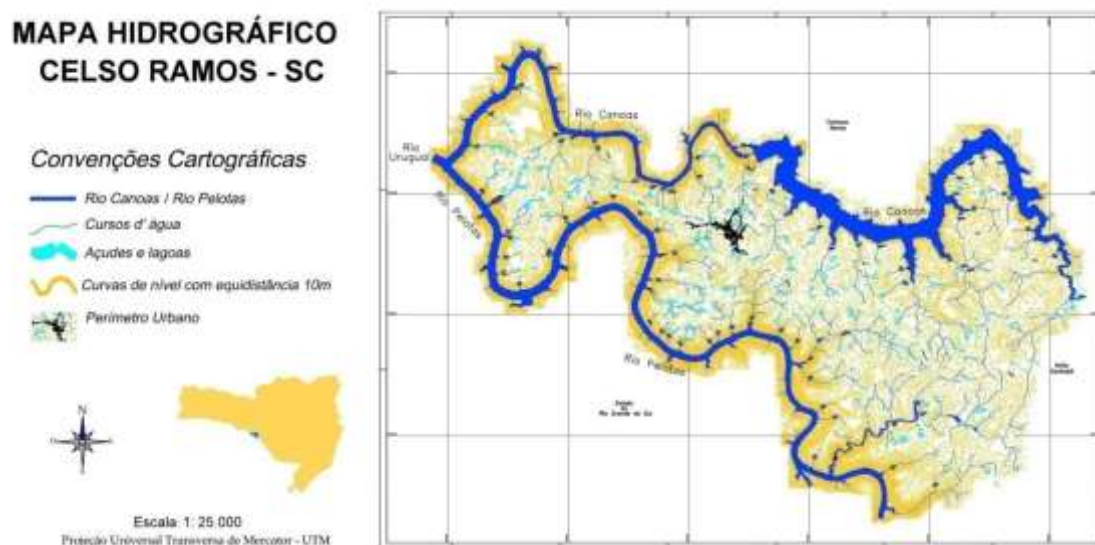


Acervo: MAESA - Machadinho Energética S.A. Florianópolis, SC.

⁵³ MAESA - Machadinho Energética S.A. PACUERA - Plano Ambiental de Conservação e Uso do Entorno do Reservatório Artificial da Usina Hidrelétrica Machadinho. Florianópolis: Núcleo de Consultoria Ambiental, 2013. p. 08.

Na região, existem diversos cursos d'água e riachos, chamados de lajeados, formados em decorrência da existência de fraturamento pré-existente na rocha, favorecendo, dessa maneira, a instalação das drenagens nestes locais.⁵⁴ No mapa 03, podemos observar a hidrografia do território municipal de Celso Ramos, com o rio Canoas ao norte e o rio Pelotas ao sul, sendo essa mesopotâmia densamente marcada por nascentes, lagoas e cursos d'água.

Mapa 03 - Hidrografia do município de Celso Ramos, SC.



Fonte: AMPLASC - Associação dos Municípios do Planalto Sul de Santa Catarina. Mapa do Território Municipal de Celso Ramos (SC). Responsável Técnico: Murilo Spillere Milanez. Campos Novos: AMPLASC, Departamento de Engenharia de Agrimensura, 2016. [Com adaptações do autor].

A região de confluência entre os rios Canoas e Pelotas possui uma alta concentração de cachoeiras, resultado de sua primitiva formação hidrogeológica e da alta precipitação pluviométrica anual, que aumenta no período de verão. Muitas quedas d'água precipitam-se diretamente de seus paredões sobre os rios, outras distam em média 5 km destes. De acordo com a catalogação efetuada pelos engenheiros e técnicos do Consórcio Machadinho, existem 118 cachoeiras e cascatas próximas ao local de confluência dos rios, tornando-a umas das regiões que possui a maior concentração de quedas d'água em todo o país.⁵⁵

⁵⁴ MAESA - Machadinho Energética S.A. PACUERA - Plano Ambiental de Conservação e Uso do Entorno do Reservatório Artificial da Usina Hidrelétrica Machadinho. Florianópolis: Núcleo de Consultoria Ambiental, 2013. p. 08-09.

⁵⁵ Ibidem. p. 93-94.

As grutas e cavernas da região são de pequenas dimensões, atingindo profundidades de, no máximo, 50 metros, e altura de até 2 metros. Via de regra, são formadas pelo processo de erosão do solo ou solapamento da base, e podem estar associadas às cachoeiras ou às infiltrações d'água no maciço de rocha. No município de Celso Ramos, merece destaque o complexo de cavernas e cachoeira das Furnas do Brechó (figura 02), próximas ao rio Pelotas, na comunidade de Entre Rios.⁵⁶

Figura 02 - Fotografias do complexo de cavernas e cachoeira Furnas do Brechó. Localidade de Entre Rios, Celso Ramos, SC, 2013.



Fonte: GOLDMEIER, Ronildo. A arte da fotografia e os paraísos naturais da região sul: cachoeiras. Fotos: Ronildo Goldmeier. Textos e edição: Marli Henicka. Florianópolis: Expressão, 2013. p. 61 e 69. [Com adaptações do autor].

De acordo com a classificação climática de Arthur Strahler, o clima de Santa Catarina é subtropical úmido, controlado por massas de ar. Na classificação de Köppen-Geiger, o território catarinense se enquadra como mesotérmico, uma vez que as temperaturas médias do mês mais frio estão abaixo de 18°C e superior a 3°C. Dentro desse tipo, é possível distinguir, graças ao fator altitude, dois subtipos: verão quente, encontrado no litoral e no vale do rio Uruguai, no Oeste, onde as temperaturas médias de verão são mais elevadas; e verão fresco, nas zonas mais elevadas do planalto.⁵⁷

⁵⁶ MAESA - Machadinho Energética S.A. **PACUERA - Plano Ambiental de Conservação e Uso do Entorno do Reservatório Artificial da Usina Hidrelétrica Machadinho.** Florianópolis: Núcleo de Consultoria Ambiental, 2013. p. 47.

⁵⁷ PEEL, Murray C.; FINLAYSON, Brian L.; MCMAHON, Thomas A. Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification. **Hydrology and Earth System Sciences**, n. 11, p. 1633-1644, 2007.

As geadas que ocorrem no planalto são ocasionadas pela presença de anticiclone polar, que deixa o tempo claro e com ventos fortes. A ocorrência de geadas brancas (quando a temperatura ao nível do solo chega a zero grau) e negras (quando a temperatura do ar e do da superfície do solo encontra-se abaixo de zero grau) pode variar de três a mais de 30 episódios por ano. Já a ocorrência de neve está relacionada com a entrada de uma frente polar, que causa a queda brusca de temperaturas, com a presença de neblina ou chuva fina.⁵⁸

Figura 03 - Fotografia com vista parcial para o povoado após uma nevasca. Celso Ramos, SC, 20 de agosto de 1965.



Acervo: Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

No planalto catarinense, a precipitação é intensa e bem distribuída ao longo do ano, ficando entre 1500 e 1750 mm/anuais. Em condições normais, a região não possui estação seca definida, pois não há índices pluviométricos inferiores a 60 mm mensais. Nas bordas das serras, a umidade presente no ar encontra barreiras e ascende para as partes mais altas e se condensa, formando densa neblina ou nuvens que se precipitam em forma de chuvas intensas e frequentes. A presença de neblina é uma característica do planalto, deixando na superfície das plantas e do solo pequena quantidade de água, relevante para o suprimento das necessidades hídricas de plantas, animais e micro-organismos nos intervalos entre as chuvas.

⁵⁸ NIMER, Edmon. Clima. In: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geografia do Brasil: Região Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p. 151-187.

1.2 Flora e fauna entre os rios Canoas e Pelotas

1.2.1 Flora

De acordo com a conceituação do IBGE, bioma é um conjunto de vida (vegetal e animal) constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação contíguos e identificáveis em escala regional, com condições geoclimáticas similares e história compartilhada de mudanças, o que resulta em uma diversidade biológica própria. Considerando sua fitogeografia, o Brasil pode ser dividido em seis biomas: Amazônia, Pantanal, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica e Pampa. Em Santa Catarina, o bioma Mata Atlântica cobre todo o Estado.⁵⁹

Os ecossistemas são caracterizados através das regiões fitogeográficas ou fitoecológicas, que são áreas delimitadas por parâmetros ambientais como clima, litologia, relevo e solo, criando assim uma resultante ecológica que realiza a seleção natural das formas de vida vegetal que se desenvolvem neste ambiente específico. No mapa 04, podemos notar as formações fitogeográficas de Santa Catarina com a área do município de Celso Ramos em destaque, onde predominam duas formações vegetais da Mata Atlântica: a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Decidual, ambas com áreas de contato. Vale destacar que as Savanas ou Estepes (denominações adaptadas de modelos estrangeiros), também conhecidas como Campos de Altitude, ocorrem neste território em pequenas escalas e de modo fragmentado; porém, não constituem objeto de análise direta neste trabalho.⁶⁰

⁵⁹ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Biomas do Brasil**: primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE, 2004a.

⁶⁰ Para uma discussão atualizada sobre os campos do planalto catarinense, cf.: BRANDT, Marlon. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

Mapa 04 - Fitogeografia do Estado de Santa Catarina, com área do município de Celso Ramos em destaque.



Fonte: KLEIN, Roberto Miguel. Mapa fitogeográfico do estado de Santa Catarina. In: REITZ, Raulino (ed.). Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978. [Com adaptações do autor].

A Floresta Ombrófila Mista (FOM), também conhecida como Floresta de Araucárias, é um tipo de vegetação do Planalto Meridional, com disjunções florísticas no Sudeste, em refúgios situados nas Serras do Mar e da Mantiqueira. A composição florística deste tipo de vegetação sugere uma ocupação recente a partir de Refúgios Alto-Montanos. Para a FOM, são identificadas quatro formações: Aluvial, em terraços da rede hidrográfica; Submontana, constituindo disjunções em altitudes inferiores a 400 m; Montana, situada entre 400 e 1000 m de altitude; e Alto-Montana, ocorrendo em altitudes superiores a 1000 m.⁶¹

Na região de Celso Ramos, a Floresta Ombrófila Mista possui dominância fisionômica marcada pela espécie *Araucaria angustifolia*. A imponência da espécie, com altura média de 30 a 35 metros, forma o primeiro dossel da floresta. Suas copas largas de cor verde-negro dão à paisagem um aspecto escuro, sendo chamada popularmente de mata preta. Abaixo das araucárias, no segundo dossel, estão as árvores

⁶¹ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012. p. 80-81.

de copa densa e larga, com altura entre 15 e 20 metros. No sub-bosque, com altura inferior a cinco metros, encontra-se o terceiro estrato, formado com arvoretas e arbustos. No quarto estrato, próximo ao solo, encontram-se as plantas herbáceas com cerca de 1 metro de altura e adaptadas ao sombreamento. Sobre o solo da mata e/ou em contato com os troncos, temos espécies rasteiras, trepadeiras e as plantas hemiparasitas (que sugam das espécies hospedeiras sua água e nutrientes). Na tabela 01, temos a lista com as principais espécies arbóreas da Floresta Ombrófila Mista na região de Celso Ramos, SC.⁶²

Tabela 01 - Principais Espécies Arbóreas da Floresta Ombrófila Mista em Celso Ramos, SC.

Principais Espécies Arbóreas da Floresta Ombrófila Mista em Celso Ramos, SC	
Nome popular	Nome científico
Araucária, Pinheiro	<i>Araucaria angustifolia</i>
Imbuia	<i>Ocotea porosa</i>
Erva-mate	<i>Ilex paraguariensis</i>
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>
Camboatá-vermelho	<i>Cupania vernalis</i>
Camboatá-branco	<i>Matayba elaeagnoides</i>
Goiabeira-serrana	<i>Acca sellowiana</i>
Butiá	<i>Butia eriospatha</i>
Bracatinga	<i>Mimosa scabrella</i>
Guabirobas	<i>Campomanesia xanthocarpa</i>
Sete-capotes	<i>Campomanesia guazumifolia</i>
Sapopema	<i>Sloanea retusa</i>
Canela-fogo	<i>Cryptocarya aschersoniana</i>
Canela-preta	<i>Ocotea catharinensis</i>
Canela-amarela	<i>Nectandra lanceolata</i>
Canela-guaicá	<i>Ocotea puberula</i>
Canela-lageana	<i>Ocotea pulchella</i>
Canela-sassafrás	<i>Ocotea odorífera</i>
Xaxim-mono	<i>Dicksonia sellowiana</i>

⁶² SEVEGNANI, Lucia; SCHROEDER, Edson. **Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças.** Blumenau: EDIFURB, 2013. p. 139.

Xaxim-prateado	<i>Lophosoria quadripinnata</i>
Samambaias	<i>Blechnum cordatum</i> e <i>Alsophila setosa</i>
Bromélias	<i>Tillandsia</i> spp.
Orquídeas	<i>Sophronithis coccinea</i> e <i>Hadrolaelia coccinea</i>
Barbas-de-velho	<i>Tillandsia usneoides</i>
Taquaras	<i>Merostachys skvortzovii</i> e <i>Merostachys multiramea</i>
Carazais	<i>Chusquea</i> spp.

Fonte: SEVEGNANI, Lucia; SCHROEDER, Edson. Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças. Blumenau: EDIFURB, 2013. p. 139.

Dentre todas as espécies vegetais da Floresta Ombrófila Mista, a *Araucaria angustifolia* se destaca por seu valor econômico, paisagístico e ecológico. Tais valores, ao longo do tempo, variaram conforme os interesses do ser humano, desde a extração para a indústria madeireira até a valorização da floresta em pé pelos ambientalistas.

A *Araucaria angustifolia* é uma espécie que pertence à família botânica das Araucariaceae. As Araucariaceae fazem parte do filo Coniferophytas (coníferas), que por sua vez pertencem ao grupo das gimnospermas. A *Araucaria angustifolia* ocorre naturalmente no Brasil e em pequenas manchas na Argentina e no Paraguai, ficando localizada entre as latitudes 19° e 31° Sul e entre as longitudes 41° e 54° Oeste. No Brasil, até o século XIX a área original cobria cerca de 200 mil quilômetros quadrados, e o seu ecossistema original, a Floresta Ombrófila Mista, ocupava cerca de 20 milhões de hectares. A araucária, espécie dominante da FOM, distribuiu-se nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, em aproximadamente 25%, 40% e 31% de suas superfícies, respectivamente. Também ocorre em manchas esparsas no Sul de São Paulo (3%) e no sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro, em áreas com altitude superior a 500 m (1%).⁶³

Estudos sobre o paleoambiente do Sul do Brasil indicam que a região passou por uma mudança fitofisionômica posterior ao fim da última era glacial. Durante o ciclo glacial ocorrido no período do Pleistoceno Superior, entre 100 mil e 11,5 mil anos atrás,

⁶³ GUERRA, Miguel Pedro; MANTOVANI, Neusa Steiner Adelar; NODARI, Rubens Onofre; REIS, Maurício Sedrez dos; SANTOS, Karine Louise dos. Araucária: evolução, ontogênese e diversidade genética. In: BARBIERI, Rosa Lía; STUMPF, Elisabeth Regina Tempel. **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2008. p. 153 e 156.

a vegetação de campos dominou a paisagem do planalto meridional brasileiro, com a ocorrência de poucas araucárias restritas aos vales. Com o fim da glaciação, a Floresta Ombrófila Mista expandiu-se devido à mudança para um clima mais úmido na região, com chuvas bem distribuídas e estações secas mais curtas. O favorecimento das condições climáticas úmidas possibilitou que as florestas de araucária se expandissem sobre as áreas de vegetação campestre a partir de 3 mil anos atrás, expandindo-se plenamente há cerca de mil anos A.P.⁶⁴

A *Araucaria angustifolia* é decisiva no processo de sucessão da Floresta Ombrófila Mista. Por ser considerada uma espécie emergente e determinante da fitofisionomia, sua dinâmica populacional possibilita colonizar áreas abertas ou campos, criando assim as condições de umidade e fertilidade que facilitam o recrutamento de outras espécies arbóreas.⁶⁵

Considerando a dinâmica recente da Floresta Ombrófila Mista, destacam-se duas tendências comportamentais: o avanço dos pinheiros sobre os campos e o recuo dos pinhais na mata branca. A araucária tende a se expandir sobre os campos de altitude aproveitando os espaços abertos, a fim de reduzir a competição com as espécies arbóreas da Floresta Estacional Decidual do Paraná-Uruguai (Mata Branca) e da Floresta Ombrófila Densa da Costa Atlântica. O contato da FOM com as florestas decidual e densa dificulta a regeneração natural das araucárias, pois a espécie apresenta menor capacidade competitiva para ocupação de zonas de transição entre tipologias florestais, ambientes em que as espécies angiospermas folhosas são mais eficientes na ocupação territorial.⁶⁶

A Floresta Estacional Decidual (FED) ocorre na forma de disjunções distribuídas por diferentes regiões do país, com estrato superior formado por mais de metade de indivíduos caducifólios, isto é, árvores que perdem sua folhagem por fatores climáticos restritivos e/ou genéticos. No sul, na área subtropical, a FED ocorre no vale do Rio Uruguai e seus afluentes, entre a Floresta Ombrófila Mista do Planalto Meridional e os campos. Nesta região de ocorrência, devido ao frio do inverno, a

⁶⁴ CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **Uma grande empresa em meio à floresta**: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970). Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p. 47.

⁶⁵ BERTOLDO, Édson; PAISANI, Julio Cesar; OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. Registro de Floresta Ombrófila Mista nas regiões sudoeste e sul do Estado do Paraná, Brasil, durante o Pleistoceno/Holoceno. **Hoehnea** [online], São Paulo, vol. 41, n. 01, p. 01-08, 2014. p. 02. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hoehnea/v41n1/01.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

⁶⁶ REITZ, Raulino; KLEIN, Roberto Miguel. **Araucariaceae**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966.

vegetação passa por um repouso fisiológico que desencadeia a queda parcial da folhagem.⁶⁷

Se considerarmos o tempo geológico, a Floresta Estacional Decidual representa uma vegetação recente em Santa Catarina, com ingresso posterior à Estepe (campos naturais) e à Floresta Ombrófila Mista. A FED é um prolongamento das florestas da bacia do rio Paraná, difundida por migrações bióticas da província de Misiones pelos corredores dos canais fluviais. As bacias hidrográficas do Leste apresentam zonas de transição entre a Floresta Estacional Decidual e a Floresta Ombrófila Mista. A expansão das florestas estacionais se dá até uma altitude entre 500 e 700 m, havendo uma transição a partir da faixa dos 600 m. As flutuações climáticas pretéritas, as quais condicionaram processos de expansão e retração dos tipos vegetacionais, certamente contribuíram para o estabelecimento de conexões florísticas, tendo em vista a geração de zonas de contato entre diferentes tipos florestais, como ocorre em Celso Ramos.⁶⁸

Na tabela 02, temos a lista com as principais espécies da Floresta Estacional Decidual, encontradas na região de Celso Ramos.

Tabela 02 - Principais Espécies Arbóreas da Floresta Estacional Decidual em Celso Ramos, SC.

Principais Espécies Arbóreas da Floresta Estacional Decidual em Celso Ramos, SC.	
Nome popular	Nome científico
Açoita-cavalo	<i>Luehea divaricata</i>
Tarumã	<i>Vitex megapotamica</i>
Ingás	<i>Inga vera e Inga marginata</i>
Grápia	<i>Apuleia leiocarpa</i>
Canela	<i>Cinnamomum amoenum</i>
Canela-loura	<i>Ocotea Diospyrifolia</i>
Canela-amarela	<i>Nectandra lanceolata</i>
Canela-guaicá	<i>Ocotea puberula</i>

⁶⁷ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012. p. 96.

⁶⁸ GASPER, André Luís de; UHLMANN, Alexandre; VIBRANS, Alexander Christian; SEVEGNANI, Lucia; MEYER, Leila. Grupos florísticos da Floresta Estacional Decidual em Santa Catarina. In: VIBRANS, Alexander Christian; SEVEGNANI, Lucia; GASPER, André Luís de; LINGNER, Débora Vanessa (eds.). **Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina**. Vol. II: Floresta Estacional Decidual. Blumenau: EDIFURB, 2012. p. 130, 137-138.

Angico-branco	<i>Ruprechtia laxiflora</i>
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>
Timbaúva	<i>Enterolobium contortisiliquum</i>
Louro	<i>Cordia trichotoma</i>
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>
Perobas	<i>Aspidosperma</i> spp.
Ipê-amarelo	<i>Handroanthus albus</i>
Cerejeira	<i>Eugenia involucrata</i>
Sete-sangrias	<i>Cuphea carthagenensis</i>
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i>
Guamirins	<i>Myrtaceae</i>
Angico	Diversas árvores dos gêneros Piptadenia, Parapiptadenia e Anadenanthera
Laranjeira-do-mato	<i>Actinostemon concolor</i>
Aroeira-pimenteira	<i>Schinus terebinthifolius</i>
Pau-amargo	<i>Picramnia parvifolia</i>
Cancorosa ou Espinheira-santa	<i>Maytenus muelleri</i>
Cipó-vaqueiro	<i>Adenocalymma marginatum</i>
Cipó-pau	<i>Araujia sericifera</i>
Cipó-de-canoa	<i>Memora Consanguinea</i>
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i>
Pente-de-macaco	<i>Pithecoctenium crucigerum</i>
Cipó-são-joão	<i>Pyrostegia venusta</i>

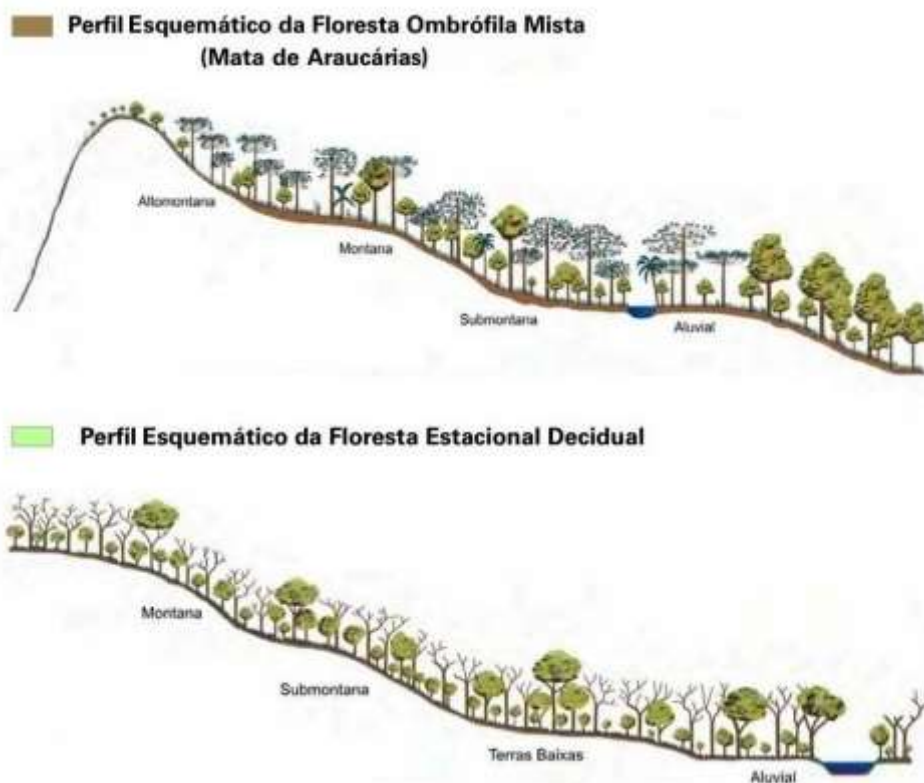
Fonte: SEVEGNANI, Lucia; SCHROEDER, Edson. Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças. Blumenau: EDIFURB, 2013. p. 162; DELORENZI, Ivo. Agricultor relata em versos as espécies de árvores da região. Jornal Correio dos Lagos, n. 520. Anita Garibaldi (SC), 21 set. 2016. p. 06.

Existem regiões fitoecológicas onde as floras se interpenetram, constituindo os contatos ecótonos ou transições florísticas. É o caso da região de Celso Ramos, onde ocorre o contato ecótono entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Decidual.⁶⁹ Na figura 04, podemos observar o perfil esquemático da FOM e da FED,

⁶⁹ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012. p. 141.

formações ocorrem em forma de contato nos vales dos rios Canoas e Pelotas, sobretudo na região de Celso Ramos.

Figura 04 - Perfis Esquemáticos da Floresta Ombrófila Mista e da Floresta Estacional Decidual.



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Manual técnico da vegetação brasileira: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012. p. 82 e 102. [Com adaptações do autor].

O Sistema da Vegetação Secundária contempla áreas onde houve intervenção humana para o uso da terra, descaracterizando a vegetação primária. Essas áreas, quando abandonadas, se recuperam de modo diferente, de acordo com o tempo e a forma com a qual terra foi utilizada. A vegetação secundária que surge reflete os parâmetros ecológicos do ambiente.⁷⁰

Na área deste estudo, diversos locais antes ocupados pela agropecuária e por eucalipto e pinus passam por diferentes estágios de sucessão natural. Este processo é resultado da estagnação econômica do município de Celso Ramos, e, de modo geral, de toda a região do Planalto catarinense. Após ser abandonada, uma área pode apresentar um processo de ocupação do solo por plantas primitivas e com pouca exigência em

⁷⁰ Ibidem. p. 149.

fertilidade. Geralmente, esta sucessão ocorre em cinco fases: 1) após o abandono da área, inicia-se o aparecimento de plantas de pequeno porte e exigências rudimentares; 2) em seguida, surgem plantas de baixo porte, caracterizando, popularmente, uma “capoeirinha”; 3) surge então uma vegetação mais desenvolvida, com plantas lenhosas de baixo e médio porte, com alturas de até 3 m, porém, bastante espaçadas entre si, denominada de “capoeira rala”; 4) neste estágio, aparece uma vegetação complexa, com até 5 m, uma “capoeira propriamente dita”; 5) enfim, o último estágio de sucessão natural é eminentemente lenhoso, com plantas que ultrapassam 15 m de altura, sendo denominado popularmente como “capoeirão”.⁷¹

Figura 05 - Fotografia de uma área com vegetação secundária em estágio de sucessão (“capoeirão”). Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017.



Fonte: Acervo do autor.

⁷¹ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012. p. 149-151.

1.2.3 Fauna

Nos últimos milênios algumas espécies de animais mantiveram-se relativamente estabelecidas nos ecossistemas do Sul do Brasil. No Planalto Meridional, mais especificamente na região de Celso Ramos, os animais nativos desenvolveram uma relação intrínseca com a flora e as demais condições ambientais da região. Um exemplo do sucesso dessa evolução intrínseca entre ambiente, flora e fauna, é a quantidade de insetos ocorrentes na área deste estudo, o que evidencia a sua importância na constituição da biomassa e denotando condições para existência de um bom equilíbrio natural no ecossistema.

A listagem de toda a fauna presente na região deste estudo seria impossível, por isso, na tabela 03, destacamos apenas algumas das espécies de maior porte e mais recorrentes na literatura, nas entrevistas e na observação *in situ*.

Tabela 03 - Principais espécies da fauna da região de Celso Ramos, SC.

Principais espécies da fauna da região de Celso Ramos, SC.	
Nome popular	Nome científico
Anfíbios	
Sapo-cururu	<i>Rhinella ictérica</i>
Sapo flamenguinho	<i>Melanophryniscus tumifrons</i>
Sapo-martelo	<i>Hyla faber</i>
Sapo-guarda	<i>Elachistocleis ovalis</i>
Sapinho-da-barriga- vermelho	<i>Melanophryniscus cambaraensis</i>
Rã-touro	<i>Rana catesbeiana</i>
Pererecas	<i>Hypsiboas leptolineatus, Hyla minuta, Scinax squalirostris, Scinax fuscovarius, Dendropsophus nahderer e Sphaenorhynchus surdus</i>
Répteis	
Lagarto-teiú	<i>Tupinambis merianae</i>
Lagarto-de-uvas	<i>Anisolepis grilli</i>
Lagartinho-pintado	<i>Cnemidophorus vacariensis</i>
Cobra-de-vidro	<i>Ophiodes cf. striatus</i>

Lagartixa-preta	<i>Tropidurus torquatus</i>
Jararaca	<i>Bothrops jararaca</i>
Coral-verdadeira	<i>Micrurus altirostris</i>
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>
Peixes	
Lambaris	<i>Astyanax gr. Scabripinnis,</i> <i>Steindachnerina biornata e Leporinus</i> <i>amae</i>
Cascudos	<i>Hemiancistrus fuliginosus e Hypostomus</i> <i>isbrueckeri</i>
Joana	<i>Crenicichla jurubi</i>
Mandi	<i>Rhamdella longiuscula</i>
Jundiá	<i>Rhamdia quelen</i>
[Espécie endêmica do planalto]	<i>Jenynsia eirmostigma</i>
Aves	
Gralha-azul	<i>Cyanocorax caeruleus</i>
Papagaio-charão	<i>Amazona pretrei</i>
papagaio-do-peito-roxo	<i>Amazona vinacea</i>
Grimpeiro	<i>Leptasthenura setaria</i>
Gavião-de- penacho	<i>Spizaetus ornatus</i>
Gralha-picaça	<i>Cyanocorax chrysops</i>
Tucano-de-bico-verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>
Azulão	<i>Cyanocompsa brissonii</i>
Anu	<i>Crotophagaani</i>
Jacus	<i>Penelope spp</i>
Inhapim	<i>Icterus cayanensis</i>
Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>
Urutau	<i>Nyctibius griséus</i>
Martim-pescador	<i>Choroceryle americana</i>
Alma-de-gato ou Rabo-de-palha	<i>Piaya cayana</i>
Tiriva	<i>Pyrrhura frontalis</i>
Tesourinha	<i>Tyrannus savana</i>

Surucuá	<i>Trogon surrucura</i>
Baitaca	<i>Pionus maximiliani</i>
Inhambu	<i>Crypturellus tataupa</i>
Pomba-carijó	<i>Patagioenas picazuro</i>
Siriema	<i>Cariama cristata</i>
Curucaca	<i>Theristicus caudatus</i>
Uru	<i>Odontophorus capueira</i>
Pica-pau-do-campo ou Bico-chanchã	<i>Colaptes campestris</i>
Saracura	<i>Aramides saracura</i>
Mamíferos	
Porco-do-mato ou Queixada	<i>Tayassu pecari</i>
Tatu-mulita	<i>Dasypus hybridus</i>
Veado- Tatu-de-rabo-mole	<i>Cabassous Tatouay</i>
Catingueiro	<i>Mazama gouazoubira</i>
Veado-campeiro	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>
Tapiti ou Lebre	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>
Caxinguelê ou Serelepe	<i>Guerlinguetus ingrami</i>
Cotia	<i>Dasyprocta azarae</i>
Tamanduá-bandeira	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Ratos-do-mato	<i>Brucepattersonius sp.</i>
Preá	<i>Cavia aperea</i>
Paca	<i>Cuniculus paca</i>
Puma ou leão-baio	<i>Puma concolor</i>
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis</i>
Gato-maracajá	<i>Leopardus tigrinus</i>
Quati	<i>Nasua nasua</i>
Graxaim-do-campo ou Raposa-do-campo	<i>Lycalopex gymnocercus</i>
Lobo-guará	<i>Chrysocyon brachyurus</i>
Irara	<i>Eira barbara</i>
Zorrilho	<i>Conepatus chinga</i>
Furão	<i>Galictis cuja</i>
Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>

Onça-pintada	<i>Panthera onca</i>
--------------	----------------------

Fontes: SEVEGNANI, Lucia; SCHROEDER, Edson. Biodiversidade catarinense: características, potencialidades, ameaças. Blumenau: EDIFURB, 2013. p. 143; SILVEIRA, André Barcellos; LIMA, André de Mendonça; STEFFLER, Carla Elisabete; PORT, Dagoberto; CASTRO, Fabiana Teixeira de; TRIERVEILER, Fernanda; VINCIPROVA, Giovanni; SILVEIRA, Nelson Jorge Esquivel. Guia de Fauna: Usina Hidrelétrica Campos Novos. Elaboração: Bourscheid - Engenharia e Meio Ambiente. Realização: ENERCAN. Florianópolis: Fábrica de Comunicação, 2006. p. 16-38.

A descrição hidrogeológica e biogeográfica do território entre os rios Canoas e Pelotas nos apresenta uma dinâmica de mudanças naturais e constantes. Neste ambiente, a proliferação da vida só foi possível pela união intrínseca de elementos que vão desde a rocha vulcânica do solo até seu microclima complexo. Entretanto, essa paisagem natural será modificada pelo aparecimento invasivo de um animal dotado de habilidade e racionalidade altamente evoluídas. Trata-se do *Homo sapiens sapiens*. Sua trajetória de interação socioambiental com a natureza da região deste estudo será analisada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II

OCUPAÇÃO E INTERFERÊNCIAS ANTRÓPICAS NO MEIO AMBIENTE DE CELSO RAMOS

*“É uma paisagem cicatrizada pelo trabalho humano.
[...] Estradas de terra adernam por essa caótica colcha de retalhos,
como se abertas por formigas batedoras.”⁷²*

Warren Kempton Dean
(1932 - 1994)

Neste segundo capítulo analisaremos a ocupação humana e as interações socioambientais na região entre os rios Canoas e Pelotas, atual município de Celso Ramos. Para recompormos essa trajetória, apresentaremos fontes e dados para problematizar a interação entre seres humanos e o meio ambiente da região. Entre as fontes, foram utilizadas 10 entrevistas realizadas com moradores de diferentes localidades do município e imagens aéreas e de satélite, para compreendermos o uso dos recursos vegetais, faunísticos e hídricos e suas correlações com a alteração da paisagem. Considerando que as pessoas transformam a natureza num sistema que produz recursos para o consumo⁷³, o processo histórico da ocupação humana por indígenas, caboclos e ítalo-brasileiros será problematizado trazendo uma narrativa à luz dos atuais debates e da crítica da História Ambiental.

A partir do final do século XX, alguns cientistas começaram a utilizar o termo Antropoceno para a atual época da história terrestre, em que os efeitos da humanidade estariam afetando o planeta e interferindo em seus sistemas de funcionamento. A palavra combina a raiz *antropo*, que significa humano, com a raiz *ceno*, sufixo padrão para época em termos geológicos. Intensificado com a Revolução Industrial, o Antropoceno é um novo período localizado após ou dentro do Holoceno - a época atual, iniciada há cerca de 10.000 anos, com o fim do último período glacial. De acordo com José Augusto Pádua, o Antropoceno refere-se ao atual momento da história em que a

⁷² DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996. p. 19.

⁷³ WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, vol. 05, n. 02, p. 23-44, 2003. p. 26.

espécie humana, com uma superpopulação, passa a se apropriar de modo acelerado da matéria e energia existentes no planeta, interferindo no Sistema Terra como um agente geológico global. Já consciente dos riscos, uma parte considerável da comunidade científica alerta para as consequências dramáticas destas interferências, como o aquecimento global e a perda da biodiversidade. Diante deste cenário, Pádua nos alerta que precisamos refletir coletivamente sobre a nova responsabilidade ética dos seres humanos perante os usos dos recursos do planeta, buscando possíveis alternativas para o desenvolvimento social e sustentável.⁷⁴

Além de étnica e cultural⁷⁵, a divisão dos subtítulos deste capítulo é também cronológica. Cada grupo étnico que ocupou o território que hoje compreende o município de Celso Ramos servirá para elucidar as interações antrópicas ocorridas no ambiente, sendo: 1) alguns traços da presença indígena: desde a pré-história até o século XIX; 2) caboclos: séculos XIX e XX; e 3) ítalo-brasileiros: séculos XX e XXI. Cabe aqui uma ressalva: estes grupos humanos foram se sobrepondo e se miscigenando uns com os outros, em maior ou menor grau; a divisão étnica e cronológica é apenas um modo de organizar o entendimento dos processos de ocupação humana da região deste estudo.

2.1 Pioneiros do planalto: marcas da presença indígena⁷⁶

Os grupos indígenas que habitavam e percorriam a região do Planalto Catarinense faziam parte do tronco linguístico Jê, conhecidos como Kaingang e Xokleng. Buscando suas origens, aspectos sociais e interacionais com o ambiente, apresentaremos a seguir alguns dados arqueológicos e etno-históricos para elucidar o passado indígena da região entre os rios Canoas e Pelotas.

⁷⁴ PÁDUA, José Augusto. Vivendo no Antropoceno: Incertezas, Riscos e Oportunidades. In: OLIVEIRA, Luiz Alberto (Org.). **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015. p. 60-65.

⁷⁵ Por uma explicação sobre cultura, utilizamos a conceituação da antropóloga Eunice Durham, a qual explica que os homens “organizam sua conduta coletiva através de sistemas simbólicos que criam e transmitem sob a forma de regras. [...] Neste sentido, todo comportamento humano é “artificial” e não “natural”. O homem é um animal que construiu, através de sistemas simbólicos, um ambiente artificial no qual vive e o qual está continuamente transformando. A cultura é, propriamente, esse movimento de criação, transmissão e reformulação desse ambiente artificial.” Fonte: DURHAM, Eunice. Produzindo o passado. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Cultura, patrimônio e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 26.

⁷⁶ Agradeço a arqueóloga Mirian Carbonera pela atenciosa revisão do texto sobre a história indígena da região em apreço.

Até então, a história de Celso Ramos, forjada e transmitida por autodidatas, parece ignorar o passado indígena da região. Porém, bastaram algumas saídas a campo e entrevistas com moradores do município para perceber que os indígenas estiveram presentes outrora neste território. Diversos agricultores relataram onde se localizavam os “buracos de bugres” (locais de antigas habitações dos nativos também conhecidas como casas ou estruturas subterrâneas), e mostraram cerâmicas, mãos-de-pilão e pontas-de-flechas, artefatos produzidos pelos antigos e, verdadeiramente, “pioneiros” moradores do território que hoje conhecemos como Celso Ramos. A quantidade e a diversidade de vestígios são tão expressivas que, segundo os moradores do interior, ainda se encontram artefatos indígenas quando se lavram novas terras para as plantações.

A Pré-História do Sul do Brasil apresenta dois momentos característicos. O primeiro, com grupos de caçadores-coletores que fabricavam pontas em estilo rabo-de-peixe e teriam iniciado o povoamento da região há mais de 10 mil anos, seguidos por outros povos caçadores-coletores conhecidos como tradição Umbu. O segundo momento, mais recente, é marcado pela migração e ocupação da região por povos das culturas Guaraní e Jê.

Escavações realizadas pela arqueóloga Miriam Carbonera e demais parceiros de equipe, apontam que os vestígios mais antigos de populações humanas encontrados no vale do rio Uruguai datam de mais de 11 mil anos atrás, e procedem de sítios da foz do rio Chapecó.⁷⁷ Tais descobertas arqueológicas representam um importante marco para o entendimento da pré-história a nível regional e continental, pois indicam uma ocupação humana mais antiga do que se acreditava para o Planalto Meridional Brasileiro.⁷⁸ Para a região deste estudo, situada nos baixos vales dos rios Canoas e Pelotas ou, ainda, no alto vale do rio Uruguai, as datas são um pouco mais recentes.

Através dos trabalhos de salvamento arqueológico do baixo vale do rio Canoas, realizados como medida compensatória pela construção da Usina Hidrelétrica de Campos Novos, foram identificados 240 sítios arqueológicos nos municípios de Campos Novos, Celso Ramos, Anita Garibaldi e Abdon Batista. Em Celso Ramos

⁷⁷ LOURDEAU, Antoine; CARBONERA, Mirian; SANTOS, Marcos César Pereira; HOELTZ, Sirlei; FONTUGNE, Michel; HATTÉ, Christine; SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da; ROSINA, Pierluigi; OLIVEIRA E LUCAS, Lívia de; DA COSTA, Amélie; FOUCHER, Cécile; RAMALHO, Juliana Betarello; KUCZKOVSKI, Francieli; CAMPOS, Juliano Bitencourt; VIANA, Sibeli Aparecida; HERBERTS, Ana Lucia. Pré-história na foz do rio Chapecó. *Cadernos do CEOM*, vol. 29, n. 45, p. 220-242, dez. 2016. p. 239.

⁷⁸ LOPONTE, Daniel; CARBONERA, Miriam; SILVESTRE, Romina. Fishtail Projectile Points from South America: The Brazilian Record. *Archaeological Discovery*, n. 03, p. 85-103, jun. 2015.

foram encontrados 13 sítios arqueológicos, caracterizados em cinco tipologias: lítico, lito-cerâmico, cerâmico, estruturas subterrâneas e danceiros⁷⁹. Os sítios foram associados à tradição Jê, especialmente aos índios Xokleng.⁸⁰

Os povos Jê do Sul estão diretamente associados ao sistema cultural dos índios Kaingang e Xokleng, estes últimos mais expressivos na arqueologia e etno-história de Celso Ramos. No primeiro milênio da nossa era um grupo Jê originário do Brasil Central se estabeleceu no Planalto Meridional Brasileiro, atraído pela disponibilidade de recursos animais e vegetais, ocasionada, em parte, pela expansão das florestas de araucárias. Suas típicas casas subterrâneas e sua cerâmica, denominadas de tradição Taquara/Itararé, marcariam o planalto por séculos.⁸¹

Conforme os assentamentos estudados pelos arqueólogos João Henrique Rogge e Mirian Carbonera, por volta do ano 1000 os índios Guarani, populações agricultoras de origem amazônica, começaram a se estabelecer nas várzeas do rio Uruguai e seus afluentes, onde predomina a Floresta Estacional Decidual. A partir de 1200 se constata que os Guarani parecem ter sofrido um constante crescimento demográfico, impulsionando a ocupação rio Uruguai acima e iniciando assim uma aproximação com os índios Jê das casas subterrâneas (tradição Taquara/Itararé) da Floresta Ombrófila Mista das terras mais altas e frias do planalto.⁸² Porém, com as incursões dos paulistas pelo rio Uruguai em busca de indígenas nas Missões para serem escravizados, a presença dos índios Guarani desapareceu na primeira metade do século XVII. A captura

⁷⁹ Danceiro ou estrutura anelar são montículos de terra, circundados por um anel rebaixado, que é fechado por uma taipa também de terra. De costume, os montículos são construídos no alto de colinas cuja superfície foi intencionalmente aplainada, e possuem tamanhos variados, podendo atingir uma centena de metros de diâmetro. Em seu interior, podem estar enterrados esqueletos humanos cremados e vestígios de grandes fogueiras. Em síntese, os danceiros serviam para enterro de pessoas importantes do grupo, e seriam os lugares principais das ações coletivas, sociais e rituais da população local. Fonte: IRIARTE, Jose; DEBLASIS, Paulo; MAYLE, Frank; CORTELETTI, Rafael; FRADLEY, Michael; CARDENAS, Macarena Lucia; SOUZA, Jonas Gregório de. Paisagens Jê Meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio. **Cadernos do LEPAARQ** - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, vol. 11, n. 22, p. 241-253, 2014. p. 244.

⁸⁰ Os trabalhos de salvamento arqueológico do baixo vale do rio Canoas foram coordenados pelo arqueólogo Marco Aurélio Nadal de Masi (UNISUL), e ocorreram entre os anos 2000 e 2005 como medida compensatória obrigatória para a construção da Usina Hidrelétrica de Campos Novos. Fonte: DE MASI, Marco Aurélio Nadal. **Relatório Final de Pesquisa do Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Campos Novos**. Florianópolis: ENERCAN/UNISUL, 2005.

⁸¹ SCHMITZ, Pedro Ignacio. A ocupação indígena do oeste catarinense. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignacio. **Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Editora Argos, 2011. p. 73-104. p. 85.

⁸² ROGGE, João Henrique. CARBONERA, Mirian. O contato cultural entre populações ceramistas pré-coloniais na região do alto rio Uruguai. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignacio. **Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Editora Argos, 2011. p. 311-337. p. 320 e 330.

e extermínio dos Guarani teriam liberado o vale do rio Uruguai e seus afluentes para os Xokleng e Kaingang, o qual veio a servir, mais tarde, como última morada para os indígenas retirados dos Campos de Lages, invadidos por tropeiros e criadores de gado.⁸³

As escavações arqueológicas para o baixo vale do rio Canoas, no qual a porção Norte do município de Celso Ramos está inserida, apresentam datações de até 4860 A.P. (antes do presente) para as aldeias de superfície e estruturas subterrâneas. As evidências do cultivo do milho pelos indígenas aparecem a partir de 2350 A.P., indo até 1600 d.C. As pesquisas também revelaram grupos ancestrais dos Jê do Sul que praticavam cremação de seus mortos a partir de 1280 d.C., o que pode revelar interações, aculturações ou novos modelos de interpretação sobre os Jê no planalto catarinense.⁸⁴

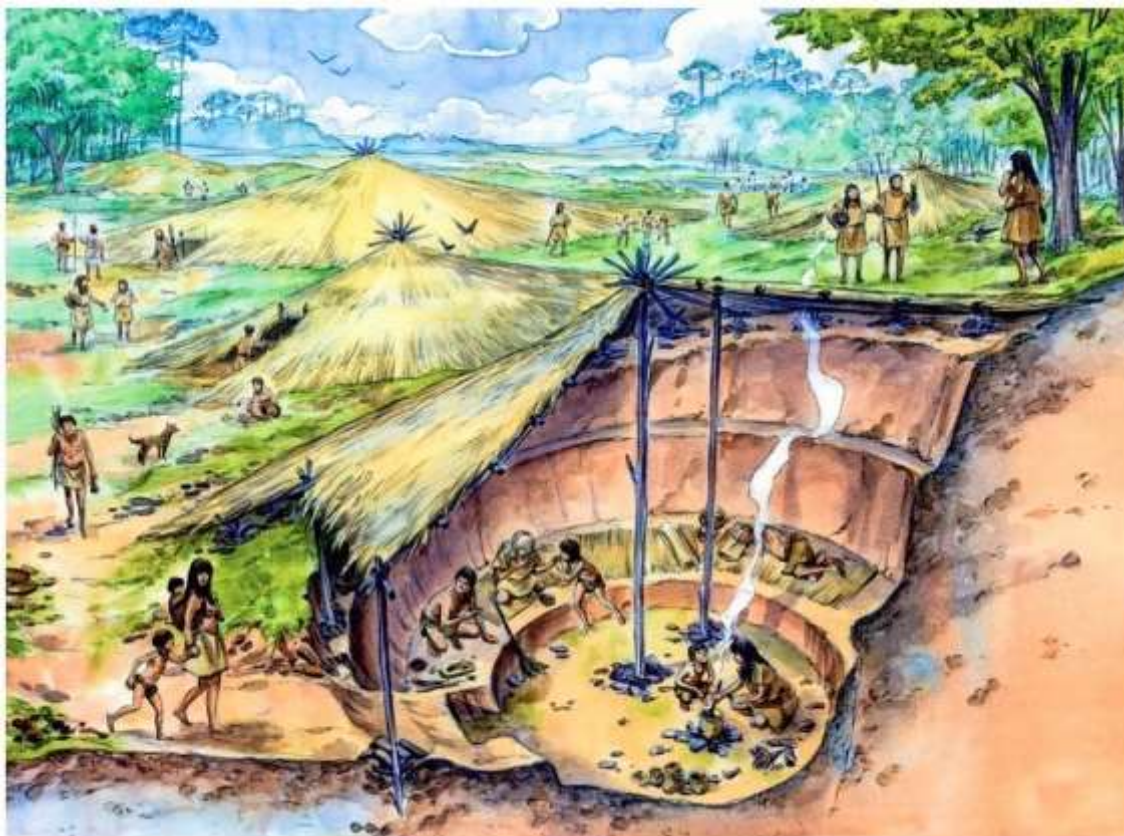
Estritamente ligadas à cultura Jê, as estruturas subterrâneas ocorrem com ampla distribuição no planalto catarinense, especialmente nos terrenos altos drenados pelos rios Canoas e Pelotas. Esses sítios costumam se localizar em locais de ampla visibilidade sobre os arredores, nos divisores de água, junto a banhados que dão origem aos arroios ou nas proximidades dos rios. As estruturas são caracterizadas por concavidades construídas no solo, variando de 1,8 a 20 metros de diâmetro e de 1 a 7 metros de profundidade. Podiam servir como moradia ou depósitos de alimentos, e exigiam um sofisticado grau de organização do grupo para sua construção. O arqueólogo Marco de Masi cadastrou 150 estruturas subterrâneas no baixo vale do Rio Canoas, sugerindo que teriam função de silos de armazenamento, pois grande parte das estruturas ocorrem de forma isolada (diferente dos conjuntos observados em aldeias) e, conforme as informações etno-históricas sobre os grupos Xokleng do século XIX, os indígenas da região costumavam estocar pinhão em covas no chão.⁸⁵ Na figura 06 temos uma ilustração que representa as estruturas subterrâneas utilizadas como pelos indígenas da tradição Taquara/Itararé na região deste estudo.

⁸³ SCHMITZ, Pedro Ignacio; BEBER, Marcus Vinícius. Em busca dos antepassados dos índios Kaingang. In: CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignacio. **Antes do Oeste Catarinense: arqueologia dos povos indígenas**. Chapecó: Editora Argos, 2011. p. 243-268. p. 265.

⁸⁴ DE MASI, Marco Aurélio Nadal. **Caderno de Arqueologia: Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica Campos Novos**. Florianópolis: UNISUL Business School, Laboratório de Antropologia Cultural e Arqueologia; UFSC, Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral; ENERCAN, 2006. p. 02 e 05.

⁸⁵ DE MASI, Marco Aurélio Nadal. **Relatório Final de Pesquisa do Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Campos Novos**. Florianópolis: ENERCAN/UNISUL, 2005.

Figura 06 - Ilustração representativa de estruturas subterrâneas dos indígenas da tradição Taquara/Itararé.



Fonte: Ilustração de Ana Luiza Koehler. In: COPÉ, Silvia Moehlecke. A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro. Estudos Avançados, vol. 29, n. 83, p. 149-171, 2015. p. 156.

Estudos recentes do projeto “Paisagens Jê do Sul do Brasil demonstram que a construção e ocupação destas estruturas e moradias subterrâneas, adaptadas ao clima frio das terras altas do Sul do Brasil, eram resultado de um complexo sistema de organização social. A escavação de alguns sítios trouxe novas interpretações sobre a ocupação indígena da região, contrariando o entendimento que as estruturas eram ocupadas apenas de tempos em tempos. Como exemplo, citamos o sítio arqueológico Baggio I, localizado em Campo Belo do Sul, no qual a datação de suas 12 camadas estratigráficas permitiram estabelecer que a moradia passou por uma contínua e intensiva ocupação entre os anos de 1395 e 1650. Nas análises paleobotânicas do sítio se constatou uma diversificada gama de cultivares, incluindo produtos cultivados em todas as estações, contradizendo as teorias anteriores que postulavam um alto grau de mobilidade entre esses grupos e uma horticultura incipiente praticada apenas em um período específico do ano.⁸⁶

⁸⁶ SOUZA, Jonas Gregório de; ROBINSON, Mark; CORTELETTI, Rafael; CÁRDENAS, Macarena Lucia; WOLF, Sidnei; IRIARTE, José; MAYLE, Francis; DEBLASIS, Paulo. Understanding the

Os índios Xokleng, que pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, eram grupos relativamente nômades, que viviam da caça, coleta e agricultura, e podiam utilizar de certa transumância entre o planalto e o litoral em busca de recursos sazonais, como o pinhão. Após o contato com os europeus estes indígenas ficaram conhecidos como “botocudos”, devido ao costume de seus homens em usar botoques no lábio inferior, confeccionados com madeira ou pedra. Usavam armas como lanças, arcos de madeira e flechas produzidas em rochas. Entre seus artefatos, destacam-se as machadinhas de pedra, as canoas de madeira de lei, o pilão, os balaios de taquara, as panelas e vasilhames de cerâmica, os instrumentos musicais, os adornos e uma manta feita com as fibras de urtiga brava.⁸⁷

A formação de povoados no planalto serrano intensificou o contato entre os luso-brasileiros e os autóctones, ocasionando recorrentes conflitos. Neste contexto, os índios da região recebiam a denominação de Coroados e Botocudos - ou simplesmente “bugres”⁸⁸ - sendo utilizadas, atualmente, as respectivas denominações de Kaingang e Xokleng.

Não diferente do restante do Brasil, o contato com a população luso-brasileira foi catastrófico para os indígenas do planalto catarinense. Apesar de terem ocupado a região por milênios, o modo de vida dos indígenas pouco alterou a paisagem local, se comparado com o modo de vida dos lusos e ítalo-brasileiros que se estabeleceriam na região. Os motivos da interação menos agressiva ao meio natural, pode ser por conta da densidade demográfica dos silvícolas, que viviam em pequenos agrupamentos esparsos pelo território, e na sua cosmogonia, pois reconheciam na natureza uma força sagrada e essencial para o desenvolvimento de suas vidas.

Certa vez, questionado sobre quais eram as lições que o mundo moderno poderia aprender com as sociedades primitivas, o antropólogo Claude Lévi-Strauss afirmou que, antes de qualquer coisa, aprenderíamos uma lição de sabedoria. Cada vez mais, os estudos destas sociedades demonstram que, para a espécie humana, há muitas maneiras de viver em comunidade. A forma que nós escolhemos não deve ser encarada como a

Chronology and Occupation Dynamics of Oversized Pit Houses in the Southern Brazilian Highlands. **Public Library of Science - Plos One**, vol. 11, n. 07, p. e0158127, 2016b.

⁸⁷ PERES, Jackson Alessandro. **Entre as matas de araucárias**: cultura e história Xokleng em Santa Catarina (1850-1914). Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. passim.

⁸⁸ Segundo o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, bugre é um termo usado no Sul do Brasil para designar indistintamente qualquer índio. Sua aplicação tem conotação pejorativa, pois encerra as noções de “selvagem” e “inimigo”. Fonte: SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil**: A dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973. p. 30.

única possível ou simplesmente válida, e tão pouco devemos nos fechar às vantagens de outras fórmulas. Em seguida, Lévi-Strauss nos lembra de que as sociedades ditas primitivas conseguiram viver em boa relação com a natureza, pois tinha nela deferência e simbiose. Sem dúvida, estas sociedades relegavam ao ser humano um lugar especial, porém, nenhuma o tornou ser supremo da criação, com total liberdade para dispor do seu ambiente sem se preocupar com as demais espécies e com o mundo que deixará aos seus descendentes. Além da lição de sabedoria, podemos aprender com as sociedades primitivas uma lição de moderação.⁸⁹

Atualmente, devemos reconsiderar a importância das práticas socioambientais das populações nativas, em um cenário onde os conhecimentos destas populações podem contribuir para uma interação mais harmônica entre o ser humano e o meio ambiente. As comunidades tradicionais, ou seus descendentes, ainda conservam conhecimentos sobre plantas, medicamentos, animais e solos, que podem auxiliar em manejos de paisagem que favoreçam a manutenção da biodiversidade.

2.2 Fazendeiros e caboclos no Sertão das Lagens

Podemos relacionar o início da grande transformação antrópica na paisagem de Celso Ramos com a ocupação luso-brasileira deste território, que paulatinamente forçou a expulsão do elemento indígena. Na região deste estudo, a etnia⁹⁰ lusitana mesclou-se, em maior ou menor grau, aos elementos indígenas e africanos⁹¹, formando assim a denominada cultura cabocla⁹².

⁸⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude apud LLOBERA, José Ramon. As sociedades primitivas. Rio de Janeiro: Salvat, 1979. p. 100. In: COSTA, Adão José Vital da; WIZNIEWSKY, José Geraldo. História Ambiental Agrária: uma reflexão dialética sobre o espaço rural brasileiro. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, vol. 30, n. 1, p. 35-49, jan./jun. 2010. p. 41.

⁹⁰ Utilizo a caracterização do antropólogo Fredrik Barth para grupo étnico: “população que 1) se perpetua por meios biológicos; 2) compartilha de valores culturais fundamentais; 3) compõe um campo de comunicação e interação; 4) tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outro, como uma categoria distinguível das demais categorias da mesma ordem.” Fonte: BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1976. p. 11.

⁹¹ Se tratando de um território brasileiro, não podemos esquecer que a escravidão esteve presente nesta área. De acordo com dados do Recenseamento Geral do Brasil de 1872, o Planalto Catarinense - que compreendia as freguesias de Lages, Baguaes (hoje, Campo Belo do Sul, área na qual Celso Ramos se localizava), Campos Novos, Curitibaanos e São Joaquim - apresentava uma população de 14.549 habitantes, dos quais 1.585 eram escravos (10,9%). Por muito tempo, a escravidão em Lages não foi problematizada com rigor, pois era encarada como numericamente invisível e representada como mais branda, em comparação às outras regiões do país. Entretanto, conforme o historiador e antropólogo Frank Nilton Marcon demonstrou em seus estudos através de fontes demográficas e judiciais, a escravidão no Planalto Lageano era numericamente expressiva, e apresentava relações sociais entre senhores e seus escravos tão perversas quanto nas demais regiões do Brasil. Fontes: BRASIL. **Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872**. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística, 1872; MARCON, Frank

A região de Celso Ramos foi, por muito tempo, o prolongamento do chamado Sertão de Curitiba e, depois, do Sertão das Lagens. Desde o século XVII o Planalto de Santa Catarina foi percorrido por viajantes europeus, jesuítas e bandeirantes paulistas. A partir de meados do século XVIII, com a passagem periódica de gado vacum pelo caminho de Viamão (RS) a Sorocaba (SP), os campos da região serviram para o descanso dos tropeiros e para a internada das tropas.⁹³ A fundação da póvoa de Lages em 1766 se insere no contexto de expansão do domínio luso-brasileiro no território meridional do Brasil, pois, neste contexto geopolítico, a Coroa lusitana e o governo luso-brasileiro visava assegurar o domínio português nos campos do planalto meridional do Brasil. A ocupação dos Campos de Altitude serviu estrategicamente para o aproveitamento das gramíneas nativas para a pecuária, e também, para auxiliar os tropeiros que viajavam pela região. Com a abertura de caminhos alternativos para as tropas, os campos à Oeste de Lages passaram a ser ocupados, e no início do século XIX Campos Novos já era um povoado com relativa atividade comercial.⁹⁴

No final do século XVIII, iniciou-se uma incipiente ocupação do vale do rio Canoas por tropeiros, fazendeiros e seus subordinados. Conforme observamos no subitem sobre os indígenas, mesmo não habitando de modo perene o território, os nativos foram sendo, aos poucos, espantados e exterminados pelos luso-brasileiros. Em decorrência de um conflito de terras, o jornal Região Serrana, de Lages, apresenta a seguinte argumentação sobre a ocupação da área:

[...] Esta Superintendência afirma, desde logo, que as terras em questão, foram desde tempos imemoráveis, consideradas terras de logradouro público

Nilton. **Visibilidade e Resistência Negra em Lages**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010. passim.

⁹² Entende-se, neste trabalho, a cultura cabocla como o determinado modo de vida de um grupo, por vezes remetendo a uma designação de condição social. Apesar de servir como referência para os locais, o termo caboclo precisa ser contextualizado e relativizado, pois quase sempre é acompanhado de um estigma pejorativo. Conforme observou o historiador Paulo Pinheiro Machado, “os caboclos [...], ‘matutos’, ‘tabaréus’ e outras denominações pejorativas aos habitantes nacionais indicavam uma mistura de preconceito racial (contra negros, indígenas e mestiços) associado ao preconceito urbano e de classe, contra os camponeses em geral. Esta população [...] era tratada como um povo ignorante, desprovido de civilidade despreparado para qualquer política de modernização, preso às superstições e guiado por charlatões e explorados em sua fé ingênua.” Fonte: MACHADO, Paulo Pinheiro. *O Contestado e o mundo caboclo: História, Memória e Historiografia*. In: VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Marcia Jenete; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços**: reflexões sobre o Contestado (1912-1916). Pelotas, RS: Ed. UFPEL, 2012. p. 15-28. p. 15-16.

⁹³ BRÜGGEMANN, Adelson André. **Ao poente da Serra Geral**: a abertura de um caminho entre as capitâneas de Santa Catarina e São Paulo no final do século XVIII. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p. 27.

⁹⁴ COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens**: sua história e influência no sertão da terra firme. Vol. I. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982. p. 48.

ou bem público de uso comum, como aliás são considerados os terrenos e lugares necessários à comodidade e utilidade geral dos Municípios, ao uso e proveito comum dos habitantes. Conhecido sob a denominação outrora de passo da “Guarda do Rio Canoas” o estabelecimento n’aquelas terras, dos primeiros moradores data de quase século e meio, o que aliás, não é difícil verificar, atendendo-se a que muito antes da abertura de quaisquer vias de comunicação do litoral para serra acima, já existia a estrada secular por onde transitavam os habitantes da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul e vice-versa. [...].⁹⁵

As áreas de logradouro público eram terras pertencentes inicialmente a Coroa, que eram utilizadas de modo comum, a partir de regulamentações locais. Em Lages, Curitiba e Campos Novos, os espaços que compunham essas terras (formadas por campos e capões), eram usufruídos pela população local, e tinham seu reconhecimento e legalidade garantidos em seus respectivos códigos de posturas.⁹⁶

A ocupação das terras entre os rios Canoas e Pelotas pelo colonizador luso-brasileiro foi progressiva. Um dos primeiros impulsos aconteceu na primeira metade do século XIX, com a abertura do caminho das tropas pelo Passo do Pontão - próximo a atual Ponte da Integração, entre Campos Novos (SC) e Barracão (RS). Posteriormente, por ser uma mesopotâmia densamente florestada, diferente dos Campos de Altitude predominantes no entorno de Lages e Campos Novos, ingressaram neste território posseiros, fugitivos e desertores das revoluções rio-grandenses, em especial a dos Farrapos (1835 - 1845) e a Federalista (1893).⁹⁷ Com o tempo, a região ficou conhecida como Quarteirão dos Baguais.⁹⁸

Datam do final do século XIX as primeiras transações comerciais registradas envolvendo a venda de terras no território de Entre Rios. Em 1896, José Antônio da Rosa vendeu uma propriedade a Evaristo Telles da Silva por 400\$ (quatrocentos mil réis), e em 1897, outra gleba foi vendida por José Antônio de Moraes e comprada por

⁹⁵ Região Serrana. Lages, 07 mar. 1910. p. 02.

⁹⁶ BRANDT, Marlon. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. p. 168.

⁹⁷ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja do contestado (1912 - 1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 16.

⁹⁸ O Quarteirão dos Baguais era a região de Nossa Senhora do Patrocínio dos Baguais - o antigo nome do distrito de Campo Belo, atual município de Campo Belo do Sul. Na época compreendia os atuais territórios municipais de Celso Ramos, Anita Garibaldi, Cerro Negro e Campo Belo do Sul, tendo como limites: ao Sul, o rio Pelotas e o Rio Grande do Sul e, ao Norte e Oeste, o rio Canoas e o Distrito de São João de Campos Novos. Fonte: MACHADO, Paulo Pinheiro. *A Ocupação do Vale do Rio Canoas*. In: NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João; MACHADO, Paulo Pinheiro; DIRKSEN, Valberto; KLANOVICZ, Jó. **Mosaico de Identidades: uma história das práticas socioculturais e econômicas em Campos Novos**, Abdon Batista, Anita Garibaldi e Celso Ramos. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: LABIMHA/UFSC, 2004. p. 02.

João José Rath por 700\$ (setecentos mil réis).⁹⁹ Em suas pesquisas sobre Campos Novos, Eneidy Fátima Padilha da Rosa registra sobre o Entre Rios que “o local fora palco de brigas entre portugueses e espanhóis, que jesuítas teriam por ali passado, bem como revoltosos da Federalista de 1893”.¹⁰⁰

Nas últimas décadas do século XIX aparecem os primeiros registros de proprietários com título legal de terras, dedicados à criação de equinos e muares, para suprimento das tropas. Ao que tudo indica, e com base na memória dos locais, desta atividade pecuária parece ter surgido a denominação de “Rincão dos Baguais” para esse recanto do Sertão das Lagens.¹⁰¹

Além da agricultura de subsistência e da criação de animais, a extração de erva-mate (*Ilex paraguariensis*) também atraiu os caboclos para as áreas de florestas do Planalto e Oeste catarinense. No início do século XIX, a erva-mate começou a ser colhida nas matas, inicialmente para o consumo local e mais tarde destinada ao comércio. Assim, enquanto os campos nativos abrigaram atividades pastoris, nos espaços florestados se espalhou a atividade extrativa, da qual se ocupavam os caboclos.¹⁰² Conforme apontou Arlene Renk, no início era uma atividade exercida pelos agregados das fazendas em terras dos patrões, e cada vez mais passou a ser realizada pela população de caboclos seminômades, que “na entressafra da erva-mate dedicava-se à lavoura e à criação de animais, basicamente para o consumo doméstico”.¹⁰³ Entretanto, na área do atual município de Celso Ramos, a erva-mate não ocorria em densidade satisfatória a ponto de representar um importante produto que motivasse a sua extração.

Em um artigo de 1897, publicado pelo jornal Região Serrana, a geografia e sociedade do Entre Rios foram descritas nos seguintes termos:

⁹⁹ Livro n. 01. **Índice de Escrituras**. Fundo Cartório. Acervo: Arquivo Histórico Dr. Waldemar Rupp. Campos Novos, SC.

¹⁰⁰ POZENATO, José Clemente; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Campos Novos: rincão de campos e matos**: aspectos históricos e culturais da UHE Campos Novos. Projeto de resgate e preservação do patrimônio histórico-cultural na área do reservatório da Usina Hidrelétrica Campos Novos S.A. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, dez. 2003. p. 38.

¹⁰¹ *Ibidem*. p. 36-37.

¹⁰² Para uma discussão aprofundada sobre a erva-mate e seus aspectos socioambientais na América Meridional, cf.: GERHARDT, Marcos. **História ambiental da erva-mate**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

¹⁰³ RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2ª Ed. Chapecó: Argos, 2006. p. 106.

A vegetação é opulentíssima; o solo de uma fertilidade sem par, produz todos os produtos agrícolas, tanto de serra acima como do litoral, inclusive a mandioca, a cana, e até mesmo o café; a sua população é relativamente densa e notadamente por família que nunca vieram à nossa cidade, nem mesmo à sede do seu Distrito de Campo Bello.¹⁰⁴

Por meio das informações, podemos constatar que o local detém um importante diferencial ambiental em comparação aos campos de Lages, pois se apresenta com solo fértil e clima propício para o cultivo de produtos que exigem temperaturas mais elevadas. O artigo ainda comenta sobre a população que vivia no Entre Rios. Segundo o escrito, a população era relativamente densa e não conhecia Lages, nem tão pouco o povoado de Campo Belo, distrito ao qual pertenciam. Exagero ou não, o fato é que o isolamento da região dificultava as comunicações com as vilas e povoados distantes, e mais do que isso, o modo de vida subsistente dos moradores não os obrigava a tais deslocamentos.

No ano de 1897 uma parcela da população do Entre Rios protagonizou um movimento sociorreligioso que ficou conhecido pela imprensa da época como “Canudinho de Lages” - em alusão ao conflito contemporâneo que acontecia no arraial de Canudos, na Bahia, e gerava grande alarde jornalístico. De acordo com o historiador Paulo Pinheiro Machado, o movimento sertanejo iniciou-se com a chegada de um sujeito autodenominado São Miguel ou Dom Miguelito, que dizia ser parente do monge João Maria. A partir daí, um pequeno povoado com cerca de 300 pessoas formou-se em torno do engenho de cana-de-açúcar de Francelino Subtil de Oliveira, contando com doentes, penitentes e toda sorte de desgarrados das redondezas. O povoado localizava-se nas margens do rio Pelotas¹⁰⁵, próximo a uma formação rochosa na qual os crentes acreditavam que uma santa estaria encantada (figura 07).¹⁰⁶ Por representar uma afronta aos poderes da elite agrária e política, expedições de milicianos e militares foram organizadas para atacar e acabar com o reduto. Em 29 de agosto de 1897, em uma operação conjunta de forças gaúchas e catarinenses, o povoado foi destruído, e os sertanejos foram perseguidos e mortos pelas matas e esconderijos. Apesar da forte

¹⁰⁴ ENTRE RIOS. **Região Serrana**, n. 24, Lages, 15 ago. 1897. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

¹⁰⁵ Em 2001 o local foi inundado com a formação do lago da Usina Hidrelétrica de Machadinho.

¹⁰⁶ Cf.: PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. A Santa do Canudinho de Lages. **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**, Florianópolis, n. 37/38, p. 37-40, dez. 1985.

repressão, a crença da população sertaneja no monge João Maria¹⁰⁷ - ou seus supostos sucessores - manteve-se viva e lançou as bases para o movimento do Contestado.¹⁰⁸

Figura 07 - Fotografia da área onde se localizava o movimento do “Canudinho de Lages”, com vista para a formação rochosa. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 2003.



Foto: Paulo Pinheiro Machado. Indicação do local: Antônio Cassul Fernandes. Acervo: Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental, LABIMHA/UFSC. Florianópolis, SC.

Dentre os diversos causos transmitidos oralmente pelos caboclos devotos de São João Maria, merece atenção, para este trabalho, aqueles relacionados à natureza. Dado o isolamento e penúria em que viviam, os habitantes do planalto delegavam santidade para os andarilhos que se apresentavam como João Maria. De forma geral, o personagem João Maria era um penitente, que não aceitava dormir nas casas das pessoas, não comia carne e alimentava-se apenas de verduras e leite. Advertia que todos deveriam levar uma vida simples, evitar as queimadas, defender as fontes d’água e evitar os maus-tratos a todo tipo de ser vivo. Segundo a memória popular cabocla, o

¹⁰⁷ Três profetas foram considerados santos e fundiram-se em apenas uma figura no imaginário popular. O primeiro, monge Giovanni Maria D’Agostini, tinha origem italiana e vagou pela região Sul entre 1840 e 1870. O segundo, João Maria de Jesus, peregrinou pelos sertões da década de 1890 até 1908. E o terceiro, José Maria de Santo Agostinho, teve forte envolvimento com os caboclos da região na Guerra do Contestado (1912 – 1916). Fonte: KAISER, Jaksam. **Guerra do Contestado**: a revolta dos caboclos no sertão catarinense. 2ª ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2014. p. 26-27.

¹⁰⁸ MACHADO, Paulo Pinheiro. O Conflito do Canudinho de Lages (1897). **Estudos de Sociologia**, Araraquara, vol. 13, n. 24, p. 65-78, 2008. passim.

monge declarava que “pedra é quase planta, planta é quase bicho e bicho é quase gente” e que “quem não sabe ler a natureza é analfabeto de Deus”.¹⁰⁹ Por sua indicação muitas vertentes de água foram postas em uso, e com o tempo estes pontos se transformaram em “águas santas”.¹¹⁰ Entre outros aspectos, e guardados os anacronismos das expressões, podemos notar em seus dizeres e ensinamentos uma visão holística, simbiótica e sustentável para com a natureza.

No contexto da Guerra do Contestado (1912 - 1916)¹¹¹, a região do baixo rio Canoas participou do movimento através das invasões e saques sofridos, ou pela adesão e apoio de alguns moradores aos redutos. Em relatório datado de 03 de janeiro de 1916, apresentado ao Conselho Municipal - atual Câmara de Vereadores - de Lages, o Coronel Belisário Ramos relatou os prejuízos que a Guerra do Contestado trouxe para o comércio de víveres do município. Em 1915, de acordo com o relatório, as movimentações que ocorreram nas serras do Cerrito e do vale do rio Canoas não permitiram que as lavouras de gêneros de subsistência pudessem abastecer satisfatoriamente a cidade de Lages:

Renda do Mercado

Orçada em 2:500\$000, alcançou a 2:291\$310 esta rubrica orçamentaria, mau grado a pequena quantidade de gêneros que foram expostos a venda no mercado. Porquanto sendo as serras do Cerrito e Canoas os maiores fornecedores de mercado da cidade e portanto os seus melhores contribuintes e não tendo havido plantações naquellas serras o anno passado, por as ter impedido a invasão dos fanáticos, não era de esperar que a tanto attingisse a arrecadação. [...].¹¹²

A construção do trecho Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908 - 1910) contribuiu na dinamização da economia na área em apreço neste estudo. Porém, devemos lembrar que, apesar de a ferrovia ter proporcionado um notável dinamismo para a economia regional, ela também desencadeou o fim do chamado “ciclo do tropeirismo”, conectando o interior catarinense com centros urbanos e industriais, e

¹⁰⁹ Estes e outros “Mandamentos das Leis da Natureza”, atribuídos aos monges andarilhos, foram coletados pelo pesquisador Euclides José Felipe em 1939, junto a Emídio Conceição, capelão da Igrejinha das Águas Santas, município de Curitiba, SC. Cf.: FELIPE, Euclides José. **O Último Jagunço: o Folclore na História da Guerra do Contestado**. Curitiba: Ed. UnC, 1995. p. 36.

¹¹⁰ MACHADO, Paulo Pinheiro. O Conflito do Canudinho de Lages (1897). **Estudos de Sociologia**, Araraquara, vol. 13, n. 24, p. 65-78, 2008. p. 68.

¹¹¹ Para um debate mais atualizado sobre a Guerra do Contestado, cf.: VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado**. 4ª. ed. Chapecó, SC: Argos, 2016.

¹¹² RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal de Lages, em 3 de janeiro de 1916, pelo Superintendente Belisário Ramos. Lages: Typographia d'O Lageano, 1916. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

assim favorecendo o transporte, comércio e comunicações.¹¹³ No aspecto socioambiental, a construção da ferrovia impactou diretamente o modo de vida da população cabocla, expulsando os moradores dos espaços onde haviam se estabelecido através da posse. A venda das terras por empresas colonizadoras e particulares para colonos de origem europeia e a consequente redução das áreas de florestas relegou os caboclos cada vez mais à condição de miséria e desamparo.

A invisibilidade dos habitantes deste sertão pode ser atestada na cartografia do período. Mesmo com uma ocupação secular, toda a região do Entre Rios aparece como um enorme vazio em um mapa dos Estados do Paraná e Santa Catarina (Mapa 05), produzido pelo Ministério da Viação e Obras Públicas em 1914. Em outro mapa, este apenas do Estado de Santa Catarina, datado de 1917, o povoado da colônia de Annita Garibaldi aparece conectado à área do Entre Rios por uma estrada vicinal, porém, a localidade também não foi mencionada.¹¹⁴ Evidentemente, tais mapas, enquanto documentos produzidos por escolhas e omissões humanas, tinham propósitos que não eram representar a todas as localidades. Mas, de qualquer modo, a ausência de informações sobre a ocupação da área do atual município de Celso Ramos é também um indicativo da insignificância destes locais perante as autoridades e os intelectuais no início do século XX.

¹¹³ ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1910): mão de obra e migrações. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 28, n. 48, p. 849-869, jul./dez. 2012.

¹¹⁴ CARTA Chorographica do Estado de Santa Catharina. Secção Cartographica do Estado, 1917. Acervo: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart175818/cart175818.jpg>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Mapa 05 - Detalhe do Mapa dos Estados do Paraná e S. Catharina. Ministério da Viação e Obras Públicas, Inspetoria Federal das Estradas, 1914.



Acervo: Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart537520/cart537520.jpg.

Acesso em: 05 jul. 2018.

O isolamento da região - que só começou a reduzir-se por volta de 1940, com a abertura da primeira estrada de tráfego regular - criou as condições para se preservarem elementos arcaicos da cultura cabocla. Em suas pesquisas pelos municípios banhados pelo rio Pelotas, o escritor José Clemente Pozenato registrou em uma crônica que o Sertão das Lages é um dos lugares do Brasil onde é possível se fazer uma viagem no tempo. Segundo o escritor, os arcaísmos culturais podem ser notados, por exemplo, no vocabulário com termos do português antigo e no catolicismo rústico permeado por cantos de excelência e recomendações de Sexta-Feira Santa.¹¹⁵

Sobre o modo de produção dos caboclos, uma certa itinerância estava associado à sua agricultura de subsistência, que era baseada na rotação de terras, com a alimentação complementada com a caça, a pesca e a coleta. Esse modelo de economia agrícola só era possível em sociedades com baixa densidade demográfica, que vivessem em locais com terras devolutas e ainda pouco capitalizadas, isto é, em fronteiras abertas, sem divisões que impusessem limites às transumâncias desses grupos de agricultores. Esse sistema de produção, no qual a mata era queimada para servir de adubo, exigia

¹¹⁵ POZENATO, José Clemente. Zé Amarelo. **Jornal Pioneiro**, n. 8575. Caxias do Sul, RS, 07 e 08 jun. 2003. p. 19.

sempre novas áreas para o cultivo.¹¹⁶ Entretanto, devemos lembrar que a fertilidade do solo era obtida através do sistema de coivara, com a abertura de roças nas quais se aproveitavam da queima da floresta para melhorar o cultivo. Na concepção dos agricultores, as cinzas representavam uma maneira rápida e fácil de adubar a terra. Porém, é necessária uma enorme quantidade de biomassa florestal para produzir uma reduzida quantidade de cinzas. De acordo com estudos acerca da combustão lenhosa, esta conversão não traz um bom rendimento, pois, conforme a espécie vegetal, um quilo de biomassa produz apenas cerca de quatro gramas de cinzas nutritivas.¹¹⁷ O resultado deste sistema foi a redução das áreas florestais em roças e poteiros, cada vez mais exauridos de nutrientes.

No Sul do Brasil, a política estatal e a iniciativa privada realizaram a ocupação de terras na perspectiva de que a imigração e colonização europeia fossem sinônimas de progresso e inovação tecnológica. O contraponto para essa visão, segundo seus adeptos, seria o atraso e o tradicionalismo dos agricultores nacionais, vistos como ineficientes para o desenvolvimento agroeconômico do país. A colonização executada com imigrantes europeus e seus descendentes, foi conduzida através de um processo que procurava eliminar o camponês nacional do acesso às terras. Deste modo, para garantir sua sobrevivência, o camponês caboclo precisou se submeter ao mercado de trabalho assalariado ou às formas arcaicas de relações de trabalho, como agregados, meeiros e peões sem registro. Em síntese, no processo de ocupação das terras, o caboclo ficou como mão-de-obra barata, enquanto o colono se inseriu em uma rede de comércio de terras e de produtos agrícolas que, à longo prazo, permitiu o acúmulo de capital nas mãos de empresários.¹¹⁸

Para os caboclos, a forma mais generalizada de ocupar uma área era através da posse, diferente dos colonos europeus que priorizavam o título legal de suas terras. A partir da década de 1930, com a chegada dos colonos de origem italiana na região (tema do próximo subitem), a população luso-brasileira enfrentou significativas mudanças sociais e agrárias. Na observação do historiador Paulo Afonso Zarth, os principais

¹¹⁶ CABRAL, Diogo de Carvalho. **Na presença da floresta**: Mata Atlântica e história colonial. Rio de Janeiro: Geramond, 2014. p. 122 e ss.

¹¹⁷ SARDINHA, Augusto M.; MACEDO, Fernando Wolfango; MACEDO, Fernando Vasconcelos. Combustão lenhosa directa e indirecta: sua relevância para a temática dos fogos florestais. **Silva Lusitana**, vol. 10, n. 01, p. 91-100, jun. 2002. p. 98.

¹¹⁸ ZARTH, Paulo Afonso. Colonos imigrantes e lavradores nacionais no Sul do Brasil. In: ZARTH, Paulo Afonso; MOTTA, Márcia. **Formas de resistência camponesa**: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. Vol. II. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009. p. 223-242. p. 240.

processos de ocupação de terra que foram responsáveis pela redução do espaço dos caboclos foram “o latifundiário pastoril, de um lado, e o processo de colonização e imigração das zonas da mata, de outro, uma vez que fechou os espaços costumeiramente utilizados por essa população”.¹¹⁹

Com o passar do tempo, a cultura cabocla permaneceu associada à uma população marginalizada. Muitos de seus costumes e tradições se perderam, esquecidas e substituídas por novos elementos e valores absorvidos pelos meios de comunicação de massa. Nestas condições, conforme aponta o antropólogo Darcy Ribeiro, uma homogeneização cultural se processa pela pobreza, tal como uma deculturação uniformizadora, que unifica os brasileiros mais díspares pelo denominador comum da penúria.¹²⁰

2.3 Abrindo clareiras, expandindo fronteiras: a agrocolonização ítalo-brasileira

A partir da década de 1930, com a chegada dos colonos de origem italiana, a região do Entre Rios passou por mais uma significativa mudança socioambiental. A *posteriori*, a construção da história memorialística do município por autodidatas enfatizou quase que exclusivamente a sua identidade italiana, com base na ideia de progresso e transformação. Para a população cabocla já estabelecida neste espaço, a chegada dos colonos representou um choque cultural, socioeconômico e tecnológico sem precedentes, sendo que, em muitos casos, esse choque de culturas foi extremamente prejudicial aos caboclos. Precisamos relativizar esse discurso sobre os pioneiros, e perceber que a história é feita por inúmeros sujeitos, que interagem e desenvolvem suas vidas se relacionando intrinsecamente com o meio ambiente.

Para a região deste estudo, a vinda do colonizador neoeuropeu e seu modo de vida representou uma drástica alteração em seu meio ambiente. Foi a partir do ideal progressista-capitalista dos colonos de origem italiana que a natureza local passou a ser explorada, modificada e dominada de modo mais intenso.

A vinda de imigrantes europeus para o Brasil fez parte de uma política de Estado que visava o desenvolvimento socioeconômico do Império e, após 1889, da República. Conduzida pelas elites oligárquicas, tal política foi depreciativa contra negros e

¹¹⁹ Ibidem. p. 237.

¹²⁰ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 430.

mestiços, vistos como indolentes e atrasados, e buscou branquear a população através da imigração de europeus. Do outro lado do Atlântico, na península itálica, o século XIX foi um período de intensas transformações. Até a sua unificação, por volta de 1870, a Itália era dividida em diversos reinos. Em cada território os privilegiados proprietários arrendavam as terras aos camponeses, que ficavam com uma parte da produção para sua sobrevivência. A maioria da população estava ocupada na agricultura, porém, poucos possuíam sua própria terra para cultivar. Durante todo século XIX e a primeira metade do século XX, as condições de vida dos agricultores italianos eram marcadas pela pobreza e pela falta de amparo. Tais dificuldades foram agravadas por problemas agrícolas e demasiada exploração no meio rural, forçando milhares de camponeses a emigrar.¹²¹

No período entre as últimas décadas do século XIX e o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, milhares de italianos emigraram para outros continentes. Enquanto a Itália passava por uma crise com a população rural desprovida de terra, o Brasil, pelo contrário, almejava o recebimento de imigrantes para povoar e desenvolver economicamente seu vasto território. O fim do tráfico e do trabalho escravo e a necessidade de colonizar e integrar a região Sul acelerou o interesse do governo e das empresas colonizadoras para atrair imigrantes europeus para o país. Os camponeses italianos eram convencidos a emigrar pela propaganda de agentes pagos pelo governo brasileiro ou por companhias de colonização. Saindo de suas comunas de origem, os emigrantes seguiam de trem ou carroças até o porto italiano de Gênova, onde embarcavam em navios para a América. A travessia do Atlântico demorava cerca de um mês, e, devido às péssimas condições de viagem, ocorriam diversas doenças e inclusive mortes durante o trajeto. Ao chegarem aos portos do Brasil, os imigrantes passavam por um período de quarentena, e eram conduzidos às fazendas ou colônias com as quais haviam efetuado contrato.¹²²

Os agentes das companhias de imigração e colonização apresentavam diversas vantagens aos imigrantes. Dentre as ajudas prometidas, destacam-se o pagamento das despesas com a viagem; a facilitação da compra de terras, com preços baixos e amplos prazos; e a garantia de serviço aos colonos em obras públicas, para que as famílias pudessem se manter até a primeira colheita. Milhares de italianos se deixaram envolver

¹²¹ GROSSELLI, Renzo Maria. **Vincere o Morire**. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte I: Santa Catarina 1875 – 1900. Provincia Autonoma di Trento, 1986. p. 68.

¹²² GROSSELLI, **Op. Cit.**, p. 253.

por estas propagandas. Porém, o governo brasileiro e as empresas de colonização não cumpriram totalmente tais promessas, deixando muitas vezes os imigrantes entregues à própria sorte. Impossibilitados de retornar à mísera pátria, o ideal de acumulação capitalista e a determinação dos imigrantes os forçaram a trabalhar e tentar progredir economicamente em condições adversas.¹²³

Por meio de iniciativas governamentais e privadas, foram criados diversos núcleos coloniais no Sul de Santa Catarina. Grande parte dos migrantes que colonizaram Celso Ramos foi proveniente destes núcleos, sobretudo de Urussanga, Treviso, Nova Veneza e Nova Belluno (hoje Siderópolis). Os demais colonos que participaram do processo de ocupação da área vieram das antigas colônias do Rio Grande do Sul.¹²⁴

A colonização de novas áreas seguiu a visão desenvolvimentista projetada com a imigração do século XIX. Conforme observou a historiadora Juliana Bublitz, nas antigas colônias do Rio Grande do Sul “derrubadas e queimadas foram a tônica da conquista, incentivada e comemorada pelo Estado”.¹²⁵ Este mesmo processo se repetiu em Celso Ramos, onde muitos colonos deram continuidade a sina de luta e devastação de seus antepassados, na tentativa de reproduzir seus modos de vida. Com o esgotamento das terras e recursos das antigas colônias gaúchas e do Sul catarinense, as terras do Oeste de Santa Catarina foram colonizadas, e assim, sucessivamente, também foram ocupados o Oeste do Paraná e os Estados do Centro Oeste e Norte do país, estes últimos representando a última fronteira agrícola nacional.

Ao se estabelecerem em seus lotes coloniais, os imigrantes realizavam o sonho de serem proprietários, embora de terras quase sem valor, mas eram terras férteis que eles confiavam valorizar pela força de seu trabalho. Os brasileiros de origem italiana se distinguem por alguns hábitos que ainda os vinculam a suas matrizes europeias, como, por exemplo, um modo de vida rural baseado na pequena propriedade policultora, um nível educacional mais alto do que o da população geral e, em alguns casos, o bilinguismo.¹²⁶

¹²³ FRANZINA, Emilio. **La Grande Emigrazione**. Venezia: Marsiglio, 1976. p. 157.

¹²⁴ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade**: história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1999. p. 68.

¹²⁵ BUBLITZ, Juliana. **Forasteiros na floresta subtropical**: uma história ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. p. 181.

¹²⁶ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 436 e 438.

A colônia (1900), distrito (1931) e depois município (1961) de Anita Garibaldi serviu de base política e comercial para a ocupação do Entre Rios por colonos de origem italiana, na década de 1930. A ocupação sistemática da região por colonos se deu a partir do ano de 1900, quando o capitão José Maria Antunes Ramos¹²⁷ resolveu fundar uma colônia em terras de sua propriedade, onde atualmente se encontra a cidade e o município de Anita Garibaldi.¹²⁸

Os colonos provenientes do Rio Grande do Sul adquiriram lotes, sobretudo próximos ao rio Canoas, e formaram a comunidade de Santa Ana. Com o desenvolvimento agrícola, a colônia passou a se conectar mais ainda com a cidade de Lages. Em 1932, o jornal *A Época*, de Lages, ainda designava Anita Garibaldi como a única colônia do município:

Para a ligação desta cidade ao distrito de Anita Garibaldi, única colônia do município, faltava construir um trecho de estrada de rodagem de cerca de 18 quilômetros, entre o rio dos Portões e Casa Nova, pelo que a Prefeitura iniciou os respectivos trabalhos, sob a administração do Sr. Paulino Granzotto, dedicado Intendente daquele distrito.¹²⁹

O processo formal de colonização de Celso Ramos iniciou-se em janeiro de 1934, quando a fazenda Rath foi inventariada. A fazenda havia sido recebida pelo topógrafo João Rath da família Mancos, como forma de pagamento pelo serviço de legalização de terras devolutas. O comerciante e tropeiro João Comin, que residia em Caxias do Sul, foi contratado por um dos herdeiros da família Rath para a venda de lotes coloniais da fazenda. João Comin fez propaganda das terras na região de Urussanga, Sul de Santa Catarina, e promoveu a vinda de diversas famílias interessadas. Desta forma, diferente de muitos núcleos, sobretudo no Oeste de Santa Catarina, que foram

¹²⁷ José Maria Antunes Ramos nasceu em Lages, SC, no dia 05 de maio de 1864 e faleceu em Rio do Sul, SC, no dia 03 de agosto de 1927, vítima de um acidente de carro. Era filho de José Antunes Lima e de Maria Gertrudes de Moura Ramos Lima. Foi casado com Ana (Nicota) Ribas Antunes. Junto com seu pai, atuou como capitão durante a Revolução Federalista (1892 – 1894), escrevendo inclusive para a imprensa de Lages. Filiado ao Partido Conservador, foi deputado na Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina pela 26ª legislatura (1886 – 1887). Além da fazenda entre os rios Canoas e Pelotas, onde hoje se encontra o município de Anita Garibaldi, o capitão também possuía fazendas no interior de São Paulo e no interior do município de Lages (Fazenda Pavão). No ano de 1900 introduziu as raças *Holandesa* e *Simenthal* na pecuária da região. Fonte: PIAZZA, Walter Fernando. **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis: ALESC, 1985. p. 643.

¹²⁸ DIRKSEN, Valberto. **Anita Garibaldi**: retratos da memória. Porto Alegre: Pomar Editora, 2011. p. 16.

¹²⁹ Jornal *A Época*, n. 233. Lages, 12 jan. 1932. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

colonizados por empresas, em Celso Ramos o processo se deu de modo mais pessoal, executado de acordo com João Comin, que ganhava comissão pela venda das terras.¹³⁰

Ainda no ano de 1934 os primeiros colonizadores de origem italiana subiram a Serra da Rocinha, e após 20 dias chegaram às novas terras. Quem os guiou e transportou suas mudanças foram os tropeiros conhecidos como João Keller, Pedro Oliveira, João Oliveira e Sinhozinho Vadoca. Quando chegaram ao destino, todos os colonos permaneciam no “acampamento” - uma casa de madeira bruta de 5 por 15 metros, coberta com tabuinhas lascadas de pinheiro -, onde moravam até construírem seus primeiros ranchos de habitação. Para servir de suporte aos colonos recém-chegados, existiam dois acampamentos. Um se localizava no prolongamento da atual rua Ferdinando Burigo, antes do lajeado Burigo, e o outro na continuidade da atual avenida Dom Daniel Hostin, próximo ao lajeado Atílio Guarda, na saída para Campos Novos.¹³¹

O processo de colonização de Celso Ramos foi acompanhado pelo agricultor José Comin (sobrinho de João Comin), que, ainda criança, migrou para o local em 1934 com sua família. Conforme seus relatos, por meio de herança a região era propriedade de Fausta Soares Rath, que na década de 1930 tratou de vender suas terras. Em 1934, a família Rath firmou acordo com João Comin, para que este noticiasse a disponibilidade de terras para a colonização, mediante o ganho de uma determinada comissão com os negócios. A notícia exaltava a qualidade da terra para a agricultura e a construção, já em andamento, de uma estrada que passaria pela colônia possibilitando a trafegabilidade e o escoamento da produção. João Comin reuniu alguns colonos em Nova Belluno (atual Siderópolis), e deste modo, em julho de 1934, as primeiras famílias partiram do Sul do Estado em direção às terras do Entre Rios, sendo seguidas sucessivamente por outras levadas de migrantes.¹³²

Sobre a migração e os primeiros tempos de colonização, o agricultor Domingos Minosso compôs uma música com base nas histórias que escutou dos primeiros colonos de origem italiana que se estabeleceram em Celso Ramos:

¹³⁰ Painel Histórico-Informativo. Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

¹³¹ Painel Histórico-Informativo. Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

¹³² COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

Vinda do Migrante

Vieram de longe morar pra cá
 Muitos países aqui no Brasil vieram morá
 Foram São Paulo, Rio de Janeiro
 No Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Paraná
 E aqui em Celso Ramos
 Faz tempo que os imigrante em trinta e quatro vieram pra cá

Numa serraria tocada a água foram montá
 As primeira madeiras serradas fizeram uma igreja prá eles rezá
 Como aqui não tinha padre muito longe foram buscá
 E tinha um rio fundo que tinha que atravessá
 E tinha uma canoa de cedro que o padre tinha que remá
 E levava o cavalo puxado bem curto pro cavalo nadá
 E tinha um carreiro estreito que eles tinham que passá
 Quando chegaram na igreja a criançada de bandeirinha foram encontrá

Eles fizeram um rancho de pau a pique prá eles morá
 Derrubaram árvores e pinheiros prá eles plantá
 Plantavam milho e feijão
 Trigo e mandioca e também canaviá
 Eles fizeram moinho de farinha
 Engenho de cana e também atafona pra eles trabalhá

Tinham um carro de boi
 Carreta de mula pra eles viajá
 O seu Kela e o seu Oliveira eram os tropeiros que iam tropiá
 Faziam compra de longe
 Surtiam os mercados pros outro comprá

Muitos migrantes desta cidade noutras cidades eles vão morá
 Somente em data importante os migrante vem pra cá passeá
 Como eu não sou migrante inté eles eu posso gavá
 Vai um aperto de mão do meu coração até onde alcançá
 Foi desta vez que eu cuma filha de imigrante fui me casá¹³³

Muitas observações poderiam ser feitas a partir da letra desta música. No que diz respeito às interações socioambientais, podemos notar que o autor, filho de migrantes de origem italiana, apresentou sua interpretação acerca do processo de colonização, misturando as interações com a natureza local (desmatamento e construções) e os elementos culturais dos migrantes. Os primeiros produtos cultivados, exceto o trigo, evidenciam que os colonos mantiveram os cultivos agrícolas já praticados pelos moradores caboclos da região. A falta de estradas trafegáveis, consideradas carreiros, tornou os tropeiros fundamentais para a vinda dos colonos e o abastecimento do povoado nos primeiros tempos de colonização. Em linhas gerais, o discurso sobre a luta dos “pioneiros” foi transformado em versos sertanejos, procurando exaltar o progresso que os colonos italianos trouxeram com seu trabalho para a região.

¹³³ MINOSSO, Domingos. **Vinda do Migrante** [música]. S.d. Transcrição com grafia original do compositor. Acervo: Domingos Minosso. Celso Ramos, SC.

Apesar de os colonos de origem italiana terem sido os últimos a chegar à área deste estudo, a construção da identidade e da história memorialística do município passou quase que exclusivamente pela visão de mundo do elemento ítalo-brasileiro. Esta construção de narrativa influenciada pela cultura dominante do local fato pode ser observada, por exemplo, através da análise da letra do Hino Municipal, com alguns trechos na sequência:

Oh migrante que a serra subiu
A procura de nova aurora
Encravando os ranchos na terra
Esquecendo os tempos de outrora
[...]
Italianos de grande apreço
Aqui construíram suas casas
Desenvolveram o comércio
Roças sacrificas
[...]
Embalado nos braços dos rios
Segue firme seu passo imortal
O progresso conduz à ventura
Na certeza do seu ideal¹³⁴

O hino destaca a migração dos colonos ítalos como o ponto inicial da história, tecendo elogios aos “italianos” e acreditando na ideia de progresso. Entretanto, considerando que não há história sem crítica, devemos revisar esses posicionamentos. Ao iniciar sua narrativa com os migrantes, o hino, que deveria incluir e representar toda a população municipal, ignorou deliberadamente os povos indígenas e os caboclos que há tempos viviam no Entre Rios. A seguir, a letra enobrece apenas os “italianos”, mais uma vez esquecendo que casas, comércio e roças também foram obras e ações das outras etnias que ali estavam. Ao final, o hino reproduz a crença - já ultrapassada - em uma ideia de progresso. Estas observações, entre tantas possíveis, demonstram o poder de predominação que os ítalo-brasileiros, descendentes dos colonos, incutiram na história e na cultura local.

Mesmo sem a atuação de uma empresa colonizadora, a ocupação dos lotes coloniais seguiu uma razoável organização territorial, de acordo com o terreno e antigas estradas. Muitos lotes formaram bairros rurais, conhecidos como comunidades ou linhas. Nas comunidades e linhas do interior se desenvolveram os laços mais próximos

¹³⁴ Trechos inicial, central e final do Hino Municipal de Celso Ramos. Oficializado em 29 de abril de 1992. Autores: Marcos José de farias, Angelir Búriço Rosso e Nilso Bedin.

de cooperação social e união religiosa, geralmente reunindo pessoas com propósitos de ajuda mútua ou ofícios religiosos e festivos.¹³⁵

Embora já existissem capelas na área do Entre Rios, foi no ano de 1936 que os colonos construíram sua primeira capela rústica para celebrarem seus ritos religiosos (figura 08). Por incentivo de frei Lourenço, franciscano de Lages, foi iniciada a construção da primeira capela dos colonos. A capela media 3 x 4 metros e foi feita de madeira de pinheiro serrada a muque, com cobertura de tabuinhas lascadas de pinheiro, no mesmo local onde, depois, foram construídas a 2ª (1942) e a 3ª Igreja (1962). A igreja foi dedicada a São Paulo Apóstolo. Em consequência da religiosidade dos colonos, o povoado passou a ser chamado de Colônia São Paulo. Diz a tradição que São Paulo foi escolhido como padroeiro para que os colonizadores obtivessem proteção contra as picadas de cobras, que haviam em grande quantidade na região, pois o santo era reconhecido por proteger os fiéis dos animais peçonhentos.¹³⁶ Apesar de ainda preocuparem os habitantes, a população de cobras foi drasticamente diminuída na região. Este fato não pode ser atribuído à ação de uma santidade, como resultado de sua proteção, mas sim ao sistemático extermínio executado pelo homem.

Nos relatos dos descendentes dos migrantes, sempre consta uma referência às dificuldades enfrentadas pelos colonos nos primórdios da colonização. Sobre os primeiros tempos, o pesquisador Antônio Cassul Fernandes registrou que:

A maior dificuldade dos colonizadores era a derrubada do mato, que era de grande espessura de diâmetro, principalmente o pinhal, onde as gralhas azuis voavam festivas pelos copados dessas coníferas, alimentando-se do pinhão, fruto dessa árvore pródiga e sendo elas mesmas que, após os lautos banquetes, enterravam os pinhões sobejos, dando origem aos capões fechados de pinheirais.¹³⁷

No discurso dos colonos, os trabalhos e dificuldades inerentes à ação colonizadora aparecem como árduos desafios que seus antepassados venceram. Conforme observou os pesquisadores José Clemente Pozenato e Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, o mito do difícil começo é uma narrativa recorrente entre os sujeitos que protagonizam tais empreendimentos. Este mito possui respaldo quando, no presente, os

¹³⁵ CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 79.

¹³⁶ COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

¹³⁷ FERNANDES, Antônio Cassul. Histórico do Município de Celso Ramos. In: WALDRIGUES, Augusto; MARTELLO, Graciano. **História de Anita Garibaldi**: antiga Colônia Hercílio Luz. Porto Alegre: Edições EST, 1996. p. 202-212. p. 204.

sujeitos avaliam as dificuldades dos primeiros tempos como um indicador tanto das conquistas até o presente, quanto dos méritos dos antepassados que viveram naquelas circunstâncias de carência.¹³⁸

As primeiras moradias dos colonos eram rústicas, feitas exclusivamente com as madeiras da mata local. Por serem mais resistentes, as madeiras de lei como o tarumã e angico serviam de cepos para a fundação da obra. As paredes eram de tábuas de pinheiro, bem como o telhado que era feito das lâminas de pinheiro lascado denominadas de “tabuinhas” - para os migrantes de origem italiana, conhecidas como *scandole di legno* [telhas de madeira]. Primeiramente, a maioria das casas em ranchos de chão batido, com madeiras de encaixe para não utilizar pregos na construção. Depois, com o advento das serrarias e as madeiras aplainadas, surgiram as casas de assoalho e a utilização de pregos de metal. Assim como as paredes, os móveis e esquadrias também eram feitas com tábuas de pinheiro. As janelas geralmente eram no estilo tampão, “de correr” (movimentadas no sentido horizontal). Próximo às moradias, os colonos mantinham uma cozinha de chão, o paiol (pequeno galpão), o galinheiro e o chiqueiro, todos feitos de madeira. Tais construções faziam parte da dinâmica organizacional de cada unidade familiar e produtiva.¹³⁹

Notadamente mais bem acabada que as demais moradias do período, a título de exemplificação da arquitetura colonial, temos a antiga casa de Alcides Domingo Spiazzi e Cecília Bonamigo (figura 08). A casa, que também serviu de comércio, foi construída por volta de 1936 e localiza-se ao lado da Igreja Matriz. De acordo com os dados catalogados pelo Inventário do Patrimônio Histórico-Cultural Construído, podemos notar na construção elementos característicos da arquitetura de origem italiana desenvolvida nas áreas coloniais do planalto meridional brasileiro, como o telhado em *scandole*, paredes duplas e esquadrias elaboradas com detalhes requintados e soluções variadas. O local foi reformado e atualmente abriga a Casa da Cultura do município.¹⁴⁰

¹³⁸ POZENATO, José Clemente; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Campos Novos: rincão de campos e matos**: aspectos históricos e culturais da UHE Campos Novos. Projeto de resgate e preservação do patrimônio histórico-cultural na área do reservatório da Usina Hidrelétrica Campos Novos S.A. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, dez. 2003. p. 113.

¹³⁹ RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. **Fronteiras sem Divisas**: aspectos históricos e culturais da UHE Barra Grande, Caxias do Sul: EDUCS, 2005. p. 175-179.

¹⁴⁰ CAMPOS da Memória. **Inventário do Patrimônio Histórico-Cultural Construído**. Salvamento e preservação do patrimônio histórico-cultural e paisagístico da região atingida pela UHE Campos Novos: Abdon Batista, Anita Garibaldi, Campos Novos e Celso Ramos (Santa Catarina). Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de

Figura 08 - Fotografia com vista parcial do povoado, com a casa/armazém de Alcides Domingo Spiazzi e Cecília Bonamigo ao centro, e 1ª Igreja São Paulo Apóstolo à direita. Celso Ramos, SC, c. 1940.



Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

Assim como qualquer contato étnico-cultural, a relação entre caboclos e colonos foi permeada por interações ora pacíficas ora tensas, que não podem ser ajuizadas de forma generalista, pois cada caso refletiu situações específicas. De acordo com os pesquisadores José Clemente Pozenato e Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro, podemos observar nas trocas culturais entre as etnias que compuseram a população de Celso Ramos o que sempre ocorre quando diferentes tradições entram em contato: elementos culturais são rejeitados, substituídos, absorvidos e assimilados, conforme a conveniência e os jogos de poder dos grupos humanos em interação. É o caso, por exemplo, da valorização da cultura campeira mesmo por pequenos agricultores de origem italiana. Neste fenômeno, o migrante tardio buscou assimilar os valores de prestígio da cultura já estabelecida no território, mantendo e dando ênfase a tradições gauchescas nesta área de “fronteiras sem divisas”¹⁴¹. Portanto, sobre as trocas culturais,

Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, 2004. Antiga residência de Alcides Domingo Spiazzi - Código de cadastro: CR 006.

¹⁴¹ Devemos notar que as divisas entre as unidades federativas situam-se mais no plano político-administrativo, ou cívico-ideológico, do que no âmbito das relações culturais e ambientais. É o que ocorre, por exemplo, na bacia do rio Pelotas, entre Santa Catarina e o Rio Grande do Sul, onde os elementos convergiram em uma cultura muito próxima em ambas as margens do rio. Fonte: RIBEIRO,

não descartamos que houve confrontos, porém, não se trata de decidir quem é bom ou ruim, mas de verificar o que permaneceu dos respectivos patrimônios de origem, na nova identidade em construção neste território.¹⁴²

Conforme apontou o antropólogo Darcy Ribeiro em sua obra *O Povo Brasileiro*, nem todos os colonos conseguiram prosperar economicamente nas áreas coloniais do Sul do Brasil. Com o passar do tempo, muitas colônias tiveram sua expansão travada e passaram a subdividir-se em lotes com tamanho antieconômico, abrigando diversas famílias em áreas que originalmente foram adquiridas para apenas um núcleo familiar. Este é o chamado minifúndio, uma pequena e quase insustentável propriedade da qual a população gringo-brasileira tenta retirar seu sustento. Junto as regiões coloniais, economicamente dinâmicas por seu agronegócio e atividade industrial, surgiu uma população marginal, gringos acabocladados que, não possuindo terras, regrediram também a uma cultura de pobreza.¹⁴³

A possibilidade de continuarem sendo agricultores motivou os colonos de origem italiana a se estabelecerem em novas terras. Ao chegarem a Celso Ramos, um dos primeiros trabalhos que cada família de migrantes realizava era a derrubada da mata para a construção de sua moradia e o início das plantações. O termo utilizado na época era limpar o terreno, pois a mata nativa era observada como um empecilho ao desenvolvimento da agricultura. Para os colonos, assim como de modo geral para todos os europeus que chegaram à América, a floresta era vista como uma diversidade caótica, que precisava ser eliminada ou dominada¹⁴⁴.

Práticas arcaicas de agricultura foram repudiadas por pensadores que visavam o desenvolvimento do agronegócio no Brasil. Conforme observou o historiador Claiton Marcio da Silva, autores como Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Borges Schmidt,

Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. **Fronteiras sem Divisas: aspectos históricos e culturais da UHE Barra Grande**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005. p. 16.

¹⁴² POZENATO, José Clemente; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Campos Novos: rincão de campos e matos: aspectos históricos e culturais da UHE Campos Novos**. Projeto de resgate e preservação do patrimônio histórico-cultural na área do reservatório da Usina Hidrelétrica Campos Novos S.A. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, dez. 2003. p. 24, 25 e 41.

¹⁴³ RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 441.

¹⁴⁴ Utilizo essa expressão do projeto de pesquisa coordenado pela professora Dra. Eunice Sueli Nodari: A natureza dominada: ocupação e desmatamento no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina (1875-1970). NODARI, Eunice Sueli; FERRI, Gil Karlos. **A natureza dominada: ocupação e desmatamento no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina (1875 – 1970)**. Relatório final de pesquisa. CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010/2012.

Emílio Willems, Antônio Cândido e Florestan Fernandes, exploraram em seus escritos o chamado “problema rural brasileiro”. Segundo estes intelectuais, o entrave para o desenvolvimento da agricultura brasileira estaria no atraso das técnicas empregadas, na aversão ao trabalho cotidiano e na agricultura como atividade de devastação.¹⁴⁵ A vinda de imigrantes europeus teve, entre outros, o objetivo combater esse atraso no meio rural brasileiro. Porém, Claiton Marcio constatou em sua pesquisa, a vinda dos imigrantes europeus não resolveu completamente o problema do atraso rural brasileiro, pois, em parte, o problema estava no engessamento governamental com as questões agrárias e a dificuldade de inserção e adaptação de novas técnicas mais eficientes. O caso de Celso Ramos corrobora com essa constatação, pois os colonos acabaram adotando as mesmas práticas agrícolas utilizadas pelos indígenas e luso-brasileiros, como, por exemplo, a coivara. Assim, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, “a lavoura entre nós continuou a fazer-se nas florestas e à custa delas”.¹⁴⁶

Aos poucos a vegetação nativa foi forçada a ceder espaço, a ferro e fogo, às roças, lavouras e construções. Era costume na época registrar em fotografia as construções ocupando o espaço antes dominado pelas florestas. Na figura 09 temos uma imagem com este objetivo, através da qual procurava-se destacar “o progresso da civilização” que o incipiente núcleo urbano de Celso Ramos representava no meio das matas de araucária do planalto catarinense.

¹⁴⁵ SILVA, Claiton Marcio da. Modernizar é preciso: pensamento social e mudança no Brasil rural (1944-1954). *Iberoamericana*, vol. 17, n. 64, p. 195-209, 2017. p. 197.

¹⁴⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 70.

Figura 09 - Fotografia com vista parcial do povoado, ao centro aparece a 2ª Igreja construída. Celso Ramos, SC, década de 1940.



Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

Aproveitando as pedras que abundavam na área, os luso-brasileiros e os colonos estabelecidos construíram as chamadas taipas. Nos primeiros tempos da colonização, os agricultores não tinham condições econômicas para comprar arames, então, recorreram às pedras para cercar e subdividir suas propriedades. As taipas possuem altura média de 1,5 m e são construídas com a pedra encontradas principalmente nos campos, popularmente conhecida como cabeça-de-negro, que possuem formas arredondadas e irregulares. O transporte delas podia ser feito com uma zorra, espécie de forquilha sobre a qual as pedras podiam ser levadas de arrasto para o local a ser cercado.¹⁴⁷

Quase todos os colonos de origem italiana que migraram para Celso Ramos tinham na agricultura sua principal ocupação, exceto pouquíssimas famílias que se dedicaram ao comércio. A pequena propriedade policultora foi a característica predominante das novas terras ocupadas, aspecto ainda observado no interior do município. Não muito diferente dos luso-brasileiros que já habitavam a área, nos primeiros tempos da colônia os migrantes produziam cultivares de origem americana, como o milho, o feijão preto, a mandioca e a batata. Esta produção também podia ser

¹⁴⁷ RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. **Fronteiras sem Divisas: aspectos históricos e culturais da UHE Barra Grande.** Caxias do Sul: EDUCS, 2005. p. 116.

complementada com o cultivo de trigo, do arroz e da cana-de-açúcar. Paralelamente ao cultivo das roças e lavouras, conforme o progresso econômico permitia, os agricultores de origem italiana passaram a criar animais para o consumo e, posteriormente, também destinados ao comércio. Em alguns casos, com a consolidação deste modelo e a diversificação produtiva, foram lançadas as bases para uma incipiente indústria rural, como expansão da indústria doméstica.

Na região deste estudo, os agricultores são autotclassificados nas categorias de fortes, médios e fracos, conforme notou a antropóloga Neusa Maria Sens Bloemer. Os agricultores fortes geralmente são de origem italiana, salvo raros casos de caboclos enriquecidos, e possuem grande quantidade de terra, máquinas e implementos agrícolas. Os classificados como médios representam os proprietários com razoável quantidade de terra para agricultura e pastoreio. Os agricultores fracos geralmente são de origem luso-brasileira, salvo alguns casos de colonos empobrecidos, e não possuem mais que 5 hectares de terra, localizadas em terrenos acidentados e pedregosos. Muitos desses camponeses vivem na condição de agregados, morando e trabalhando em terras alheias, ou na condição de arrendatários.¹⁴⁸

O ciclo anual do trabalho nas propriedades depende, sobretudo, das estações e das condições meteorológicas. O período de safra, que vai dos meses de setembro a março, concentra a maior parte dos trabalhos agrícolas, muitos dos quais exigem o empenho de todos os membros do núcleo familiar. Entre os trabalhos mais recorrentes, entre outros cuidados, destacam-se a capina para controlar as ervas daninhas¹⁴⁹ e, de acordo com a necessidade, a pulverização de insumos químicos para controlar os insetos (inseticidas), os fungos (fungicidas) e as plantas indesejadas (herbicida). Nos meses de abril a agosto, período de entressafra marcado pelo frio, o trabalho diminui. Nestes meses os agricultores podem aproveitar, por exemplo, para realizar reparos na casa, no galpão e nas cercas da propriedade.¹⁵⁰

Outrora mais cultivada, mas ainda presente entre as culturas da região, está a fumicultura. Diferente dos outros produtos, o fumo é financiado por empresas que atuam na área, como a Souza Cruz, e, por isso, tem regras de plantio e comercialização orientadas para o mercado. Conforme observou a jornalista e historiadora Ana Carolina

¹⁴⁸ BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Brava gente brasileira: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. p. 180-182.

¹⁴⁹ As ervas são consideradas danosas porque interferem no crescimento da lavoura plantada pelo agricultor. Porém, devemos lembrar que, ambientalmente, são plantas nativas que apenas procuram ocupar a terra lavrada.

¹⁵⁰ BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Op. Cit.** p. 132.

Dionísio e historiador João Klug, apesar da rentabilidade que representa para os agricultores, devemos repensar a produção de fumo considerando a saúde humana e os impactos ambientais. Na áreas de fumicultura, o uso indiscriminado de agrotóxicos, o desmatamento para o fornecimento de lenha para a secagem do produto e a alteração da paisagem biogeográfica estão produzindo um significativo desequilíbrio ambiental e colocando em vulnerabilidade famílias inteiras de agricultores.¹⁵¹

As variações climáticas, vistas como riscos aos agricultores, são realidades constantes do município de Celso Ramos. Conforme registrou a antropóloga Neusa Maria Sens Bloemer em suas entrevistas com moradores locais, “foram recorrentes as referências à estiagem prolongada que ocorreu em 1994, quando foi perdida quase toda a produção de feijão, restando apenas alguns poucos sacos, utilizados como sementes e para o consumo do grupo doméstico”.¹⁵² A área deste estudo está inserida em uma zona onde as estiagens são sazonais, isto é, ocorrem em determinada época do ano com variações de intensidade. De acordo com estudos desenvolvidos pelos pesquisadores Eunice Sueli Nodari e Marcos Aurélio Espíndola, constata-se que alguns municípios do Planalto (entre os quais Celso Ramos) e quase todos os localizados no Oeste catarinense apresentam estiagens prolongadas, sobretudo no verão. Além dos fatores exclusivamente climáticos, os pesquisadores avaliam o crescimento da ocorrência de tais desastres por meio de uma conjugação de determinantes antrópicas, dentre as quais podemos destacar o aumento da impermeabilização dos solos, o uso de técnicas agrícolas irregulares, o assoreamento dos rios e, principalmente, o desflorestamento realizado em larga escala na região.¹⁵³

No atual cenário, a produção agrícola do município continua diversificada, herança das pequenas propriedades policultoras. Além da bovinocultura, destacam-se o cultivo de milho, feijão, moranga, soja, arroz, fumo, mandioca e batata-inglesa. Como alternativa de renda, muitos produtores rurais trabalham também com a produção de leite de vaca, criação de suínos, aves, ovos, coleta de mel, feitiço de açúcar mascavo e o cultivo de melancia, repolho, tomate e cebola. Também merece destaque a fruticultura,

¹⁵¹ DIONÍSIO, Ana Carolina; KLUG, João. **Memórias intoxicadas**: fumicultura e injustiça ambiental em Major Gercino (SC). In: NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; LOPES, Alfredo Ricardo Silva. Desastres socioambientais em Santa Catarina. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 272-298. p. 293-294.

¹⁵² BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Brava gente brasileira**: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. p. 116.

¹⁵³ ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; NODARI, Eunice Sueli. Relações complexas: as estiagens no Oeste de Santa Catarina. In: NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **Migrações e Natureza**. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 165-184. p. 176-177.

que nos últimos anos cresceu exponencialmente sua área de cultivo no município, motivada pelo razoável preço e a garantia de mercado da laranja e da uva.¹⁵⁴ Na tabela 04, observamos a quantidade calculada produzida nos anos de 1990, 2003 e 2007 dos principais produtos agrícolas e agropecuários do município.

Tabela 04 - Produtos agropecuários mais representativos e sua quantidade produzida ou efetivo total. Celso Ramos, SC, 1990, 2003 e 2007.

Produtos agropecuários mais representativos e sua quantidade produzida ou efetivo total. Celso Ramos, SC, 1990, 2003 e 2007.			
Produtos	Quantidade Produzida - 1990	Quantidade Produzida - 2003	Quantidade Produzida - 2007
Agrícolas			
Milho	2.699 toneladas	9.620 t.	17.880 t.
Feijão	1.896 t.	2.040 t.	5.250 t.
Arroz	434 t.	60 t.	130 t.
Soja	315 t.	210 t.	300 t.
Fumo	127 t.	121 t.	145 t.
Cana-de-açúcar	30 t.	580 t.	1.920 t.
Pecuários			
Bovinos	8.538 cabeças	9.890 cab.	9.757 cab.
Suínos	5.132 cab.	4.150 cab.	1.951 cab.
Equinos	299 cab.	290 cab.	268 cab.
Ovinos	567 cab.	395 cab.	136 cab.
Leite	1.515.262 litros	1.750.000 l.	2.086.000 l.
Mel	66.445 quilos	18.000 kg.	5.300 kg.

Fontes: ESTADO de Santa Catarina. Diagnóstico Municipal de Celso Ramos. Programa Integrado de Desenvolvimento Socioeconômico. Florianópolis: Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, 1990. p. 13; SEBRAE/SC. Santa Catarina em Números: Celso Ramos. Florianópolis, 2010. p. 51 e 53.

O crescimento da produção agrícola observada na tabela pode ser explicada, entre outros fatores, pela implantação de novas técnicas de cultivo e, sobretudo, pela ampliação das áreas de lavoura. O aumento do espaço para as plantações é conquistado, muitas vezes, pelo desmatamento de áreas de floresta ou capoeira em diversos estágios de regeneração.

Na lavourinha, um espaço reservado para cultivo em pequenas escalas localizado próximo a residência, diversas saladas, verduras e temperos são cultivados. De costume, a lavourinha fica sob responsabilidade das mulheres, sendo elas que determinam quais produtos cultivar, a melhor época para plantar e a quantia a ser plantada, bem como depende delas a comercialização de eventuais excedentes. O lucro obtido com a venda

¹⁵⁴ ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. **Diagnóstico Municipal de Celso Ramos - SC.** Projeto Canoas Século XXI. Florianópolis: ENERCAN, 2002. p. 15.

pode complementar a renda da família ou servir para comprar bens para a casa, como móveis e eletrodomésticos.¹⁵⁵

De acordo com o Diagnóstico Municipal de Celso Ramos produzido em 2002, a atividade agropecuária corresponde a 67% do Produto Interno Bruto (PIB) do município. Entretanto, diversos fatores inibem o desenvolvimento da economia local, como, por exemplo, a ausência de agregação de valor ao produto in natura e a falta de diversificação dos setores econômicos. O resultado deste entrave pode ser constatado na baixa oferta de emprego e renda do município.¹⁵⁶

Resultado da evolução intrínseca com o ambiente, a fauna da região deste estudo chama a atenção pela grande quantidade e diversidade de animais que a compõe. Desde os primórdios da ocupação humana da área, as caçadas e pescarias representaram fonte de alimento e subprodutos para os indígenas. Para os luso-brasileiros não foi diferente. Porém, com a colonização italiana a caça e a pesca se intensificaram, desequilibrando o ecossistema com a predação de espécies. Nas histórias orais contadas pelos caçadores, a prática da caça aparece como um costume que ultrapassa o medo, conforme as palavras de Olivio Ferri “a escuridão da noite e seus mistérios podem até assustar, mas nunca o suficiente para abandonarmos a nossa tradição de caça”.¹⁵⁷

¹⁵⁵ BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Brava gente brasileira: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000. p. 111.

¹⁵⁶ ENERCAN - Campos Novos Energias S.A. **Diagnóstico Municipal de Celso Ramos - SC**. Projeto Canoas Século XXI. Florianópolis: ENERCAN, 2002. p. 09.

¹⁵⁷ FERRI, Olivio. Conto: Imaculada Conceição. In: ESCOLA de Educação Básica José Cesário Brasil. **Celso Ramos: histórias, lendas e contos: construindo a cidadania a partir de suas origens**. Celso Ramos: Editora Escala, 2013. p. 28.

Figura 10 - Fotografia de Ivo e Pedro Delorenzi prontos para a caça. Na janela, Elza Grassi Delorenzi e Ermida Delorenzi. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 1959.



Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

Além de propiciar alimento, a pesca proporcionava lazer e diversão, unindo familiares e amigos. Dada a grande quantidade e diversidade de peixes em sua ictiofauna, os rios e lajeados da região não sofreram demasiadamente os impactos das pescarias. Porém, a utilização de redes inapropriadas e o desrespeito ao período de reprodução dos peixes, por exemplo, são ações que impactam negativamente no ecossistema dos cursos d'água; mas nada comparado às mudanças hidroambientais causadas pelo represamento dos rios ocasionado com construção das usinas hidrelétricas.

Figura 11 - Fotografia de Idalino Zanoni e Irio Manfioletti pescando com caíco¹⁵⁸. Rio Canoas, Celso Ramos, SC, década de 1980.



Acervo: Idalino Zanoni. Celso Ramos, SC.

Se avaliarmos os ganhos econômicos em curto prazo, a colonização em áreas de florestas atingiu os seus objetivos. As florestas cederam espaço para todo tipo de transformação da paisagem através da ação antrópica, como agricultura, criação de animais, cidades e indústrias. Entretanto, devemos reconsiderar este processo sob uma perspectiva que vá além do imediatismo econômico. Na conclusão de um estudo socioambiental acerca das florestas do Sul do Brasil, a historiadora Eunice Nodari apresenta uma pertinente crítica acerca do processo de devastação das florestas:

¹⁵⁸ Na região deste estudo, o termo caíco significa caíque, espécies de canoa de madeira.

Não foram avaliadas à época as perspectivas para o futuro, levando em consideração a preservação e sustentabilidade. [...] Sempre que os interesses econômicos de uma minoria se sobrepuser aos interesses maiores da sociedade, os reflexos repercutem não somente nos seres humanos, mas em toda a natureza. As florestas acabam sucumbindo, e com elas se vai a sua biodiversidade e se perdem as perspectivas diferenciadas de sustentabilidade.¹⁵⁹

Em Celso Ramos ocorreu o mesmo processo replicado por toda a região Sul. É certo que os colonos de origem italiana contribuíram para a maior alteração da paisagem. Porém, as mudanças causadas na natureza local foram protagonizadas por todos os sujeitos deste território. Somam-se ainda os sujeitos vinculados à políticas estatais e empreendimentos privados que, mesmo planejando à distância, desencadearam grandes intervenções na paisagem, como obras viárias e hidrelétricas.

Antes da chegada dos colonos, diversas estradas rústicas foram abertas. Desde seu passado remoto, a região era trilhada por indígenas. Com a ocupação pelo elemento luso, novos caminhos foram abertos, sobretudo com a atuação dos tropeiros. Entretanto, foi com a colonização ítalo-brasileira que a abertura de estradas e a trafegabilidade se tornaram fundamentais, pois necessitavam transportar suas produções agrícolas para outras cidades. A figura 12 mostra a fotografia da balsa que realizava a travessia do rio Canoas, entre a Colônia São Paulo e Campos Novos. Nota-se na figura 12 o uso de pranchões de madeira de lei para formar a embarcação, que era puxada através de um cabo de aço.

¹⁵⁹ NODARI, Eunice Sueli. As florestas do Sul do Brasil: entre discursos de preservação e ações de devastação. In: FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra e; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão (Orgs.). **História Ambiental**: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 260.

Figura 12 - Balsa sobre o rio Canoas. Celso Ramos / Campos Novos, SC, c. 1939.



Acervo: Itamar Muniz Correia. Celso Ramos, SC.

De acordo com José Comin, um dos fatores que atraiu os colonos de origem italiana para a região foi a construção da estrada estadual - SC-458, atual SC-390 -, que liga a BR-116 em Capão Alto até Capinzal, passando por Anita Garibaldi e Celso Ramos. A notícia da construção dessa estrada foi usada como fator de atração dos colonos, pois estes se interessavam nas possibilidades de ganhos econômicos como escoamento da produção agrícola através do transporte por esta rodovia.¹⁶⁰

Em relatório apresentado em 1939 ao Presidente Getúlio Vargas, o Interventor Federal de Santa Catarina, Nereu Ramos, cita que o trecho da estrada que passa pelo Entre Rios estaria em fase de conclusão: “no ano corrente deve ser ultimada a construção da estrada de Anita Garibaldi, em Lages, a Umbú, em Campos Novos.”¹⁶¹ Deste trecho de estrada, o agricultor Itamar Muniz Correia, residente na Linha Ferri, possui importantes registros fotográficos, pois seu pai, Gasparino Muniz Correia, trabalhou com a turma de Mário Godinho na execução das obras entre Anita Garibaldi e a balsa que liga Celso Ramos a Campos Novos, no rio Canoas. Na figura 13 observamos um dos registros fotográficos, onde se lê no verso da foto “Directoria de

¹⁶⁰ COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁶¹ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República, pelo Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina. 1939. p. 147. Acervo: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

Estrada de Rodagem “Urubici à Santa Anna”, Recordação da turma de Mário Godinho à Gasparino Muniz, 1938”. Gasparino Muniz é o 2º, da esquerda para a direita. Esta foto, assim como era costume no período, foi produzida através de uma elaborada disposição dos indivíduos em pose, demonstrando hierarquia dos sujeitos e importância da obra para a posteridade. Podemos observar, também, a altura e retidão dos troncos dos pinheiros, muitos dos quais foram abatidos¹⁶² para a construção da obra viária.

Figura 13 - Fotografia de um trecho da construção da estrada SC-458, atual SC-390. Anita Garibaldi / Celso Ramos, SC, 1938.



Acervo: Itamar Muniz Correia. Celso Ramos - SC.

Em 1940, após os trabalhos nas serras do rio Canoas, ocorreu a inauguração da estrada, na localidade de Tupitinga, município de Campos Novos. Entre as autoridades presentes na solenidade de inauguração, estavam o prefeito de Lages, Indalécio Domingues de Arruda, o governador do Estado, Nereu Ramos, e o Bispo Diocesano, Dom Daniel Hostin. A partir desta ocasião, por conveniências e interesses políticos, ocorreu a mudança da nomenclatura de Colônia São Paulo para Celso Ramos¹⁶³. Sobre esta mudança, o autodidata Antônio Cassul Fernandes registrou que:

¹⁶² Na cultura dos “desbravadores”, abater um grande pinheiro parecia conferir poder ao sujeito que realizava o ato. Por vezes, se registrava em fotografia o cortador ao lado da árvore caída ao chão, como faziam nos safaris os caçadores de leões e outros animais de grande porte.

¹⁶³ Celso Ramos nasceu em Lages no ano de 1897 e faleceu em Florianópolis em 1996. Filho de Vidal José de Oliveira Ramos Júnior e Teresa Fiúza Ramos. Foi casado com Edite Gama Ramos, filha do desembargador Aires Gama. Dentre as funções que desempenhou, destacam-se: agente da Cia. Nacional

Após discursos e festejos que se prolongaram por três dias, nossa comunidade de Colônia São Paulo, como era popularmente chamada, passou a oficialmente, para homenagear ao governador, que escolheu o nome de seu irmão Celso Ramos, querendo assim, aquela autoridade reconhecer o grande mérito que teve seu irmão na concretização da abertura da estrada ora inaugurada.¹⁶⁴

A inauguração da estrada possibilitou o tráfego regular de automóveis e caminhões, favorecendo a comunicação e o comércio da área do Entre Rios com as cidades de Lages e Campos Novos, e, a partir destas, alcançando outros centros urbano-industriais do Brasil. Na figura 14 aparecem diversos caminhões, jipes e pick-ups. Provavelmente feita em um dia festivo, a foto servia para demonstrar prestígio que a posse destes veículos representava para seus donos e ainda para dar ideia do progresso que representavam para a região.

de Navegação Costeira, dedicando-se a industrialização e ao comércio de madeiras; presidente do Avaí Futebol Clube (1941- 1946); fundador e presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC), onde organizou o Serviço Social da Indústria (SESI) em 1952 e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Estado de Santa Catarina (SENAI) em 1954; governador do Estado de Santa Catarina (1961 – 1966); e Senador (1967 - 1974). Na aposentadoria voltou a residir em Lages, onde dedicou-se a pecuária em sua fazenda Pinheiro Seco na Coxilha Rica. Fonte: RAMOS FILHO, Celso. **Coxilha Rica**: Genealogia da Família Ramos. Florianópolis: Insular, 2002.

¹⁶⁴ FERNANDES, Antônio Cassul. Histórico do Município de Celso Ramos. In: WALDRIGUES, Augusto; MARTELLO, Graciano. **História de Anita Garibaldi**: Antiga Colônia Hercílio Luz. Edições EST: Porto Alegre, 1996. p. 205.

Figura 14 - Fotografia de caminhões e veículos estacionados à frente da 3ª e atual Igreja Matriz São Paulo Apóstolo. Celso Ramos, SC, década de 1960.



Acervo: Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

Com o passar dos anos, o crescimento da produção agrícola acarretou o aumento no tráfego rodoviário, surgindo assim problemas pela precariedade da conservação das estradas. Em uma matéria datada de 27 de dezembro de 1993, o jornal *Diário Catarinense* aponta que “Celso Ramos tem sua economia baseada no campo e a maior dificuldade é transportar a produção pelas péssimas estradas”.¹⁶⁵ O problema só foi resolvido, em parte, com a construção da Usina Hidrelétrica Campos Novos. Em 2005 a empresa concessionária da obra possibilitou a passagem de carros por cima da barragem e asfaltou a rodovia SC-135, que liga a cidade de Celso Ramos à BR-470, em Campos Novos.¹⁶⁶ Após muita insistência popular, em 2017 o governo estadual atendeu aos anseios políticos e iniciaram-se as obras de asfaltamento do trecho de 27 km da SC-390, entre as cidades de Celso Ramos e Anita Garibaldi.¹⁶⁷ As obras estão em andamento, e representam o capítulo mais recente da história da modificação da paisagem deste território. A título de informação, é interessante notar que atualmente Celso Ramos é autointitulada e reconhecida regionalmente como a “terra dos caminhoneiros”, dada a

¹⁶⁵ Estradas péssimas dificultam economia. *Diário Catarinense*, n. 2808. Florianópolis, SC, 27 dez. 1993. p. 60.

¹⁶⁶ MASSARANDUBA, José Carlos. Asfalto Borracha no acesso da Barragem de Campos Novos/SC. *Fatos & Asfaltos* - Informativo Trimestral Greca Asfaltos, ano 01, n. 03. Araucária, PR, mar. 2005. p. 02.

¹⁶⁷ PARAÍSO, Cláudio Prisco. Asfalto entre Anita Garibaldi e Celso Ramos começa a virar realidade. *Correio Lageano*. Lages, SC, 11 fev. 2017.

proporção de empresários do setor de transporte e motoristas de caminhões que possuem residência e família no município. A opção de muitos trabalhadores atuarem no transporte de cargas pode ser justificada na necessidade que, no passado, as madeireiras tinham em despachar a produção de tábuas. Tal ocupação é também uma saída que muitos encontraram para a dificuldade de comprar terras (preços inacessíveis) e a baixa remuneração do homem do campo (safras desvalorizadas).

Para os colonos, a floresta era notada em termos do que *não era*, ou seja, daquilo que deixava de oferecer permanecendo em seu estado natural, como lavouras e espaços para construções. Como observou o geógrafo Diogo de Carvalho Cabral, “o sentido do mato emergia exatamente do fato de ele possibilitar outras coisas que não ele mesmo”.¹⁶⁸ Na visão do Estado, das empresas e dos agricultores, sempre que possível, as paisagens florestais deveriam ser aproveitadas de modo comercial.

Antes da instalação das serrarias, os moradores derrubavam e queimavam as árvores para preparar a terra para o cultivo agrícola. Objetivando “limpar o terreno”, muitos pinhais foram abatidos e deixados apodrecer, pois, a madeira ainda não possuía valor atrativo e conseqüentemente não podia ser aproveitada de modo comercial.

A partir de 1940, com a construção da estrada que liga Celso Ramos aos demais núcleos urbanos e rodovias do Estado, a região teve um notável crescimento demográfico e econômico, sobretudo puxado pelo setor madeireiro. Acorreram para o local investidores do Rio Grande do Sul - onde os pinhais estavam em processo de exaurimento -, e empresários que já haviam se instalado no Planalto catarinense. Percebendo a oportunidade de ganhos econômicos, alguns colonos instalaram serrarias na área, transformando-se em madeireiros.

A densa mata de araucárias foi o principal atrativo para os empresários do setor madeireiro. Além da disponibilidade de matéria-prima, também facilitaram o setor madeireiro do período a abertura da estrada estadual e a utilização de tecnologias que permitiam a geração de energia. Se antes as serrarias serravam de modo quase artesanal, a partir da década de 1940 as novas serrarias instaladas contavam com o locomóvel, uma caldeira que transformava a lenha em vapor para mover suas engrenagens e serras.

Se tratando de uma indústria, as madeireiras tinham seu funcionamento padronizado, visando otimizar o tempo e a produção. Os pinheiros eram derrubados no mato, descascados, arrastados por juntas-de-bois e depois estaleirados para o transporte

¹⁶⁸ CABRAL, Diogo de Carvalho. **Na presença da floresta**: Mata Atlântica e história colonial. Rio de Janeiro: Geramond, 2014. p. 82.

até a serraria (figura 15). Com a vinda de tratores e caminhões, sobretudo a partir da década de 1960, este trabalho foi facilitado.

Figura 15 - Fotografia do embarque de toras de pinheiros em um estaleiro. Provavelmente o destino era a serraria Ambrósio Grassi. À esquerda, o motorista do caminhão, Mário de Mattia. Celso Ramos, SC, década de 1960.



Foto da original: Aldo Toniazzo. Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

Na serraria, as toras seguiam para a serra, tornando-se tábuas com tamanhos e espessuras que variavam conforme o objetivo de uso. As tábuas seguiam para o pátio de secagem, onde permaneciam por algumas semanas antes de serem transportadas para a venda. Geralmente, a madeira era vendida para Lages e Campos Novos, ou, conforme a demanda, podia seguir diretamente para os portos de Santa Catarina ou Porto Alegre, RS.

Na década de 1960 o migrante gaúcho e empresário do setor madeireiro Laurindo Paese comprou uma grande fazenda às margens do rio Canoas, no distrito de Santo Antônio, atual localidade de Novo Sul. As terras compradas por Laurindo, passando a ser propriedade da firma Pandolfo S.A., eram cobertas por densas matas de araucárias, que foram dizimadas com a instalação de uma indústria madeireira. Conforme podemos observar no mapa 06, em 1968, após a derrubada da mata nativa, a fazenda foi dividida em lotes coloniais. Alguns destes lotes foram vendidos para

agricultores, porém, a grande maioria dos lotes foi utilizada para um projeto de reflorestamento com espécies exóticas, sobretudo o *Pinus elliottii*.¹⁶⁹

Mapa 06 - “Planta de uma gleba de terra dividida em lotes colonias de propriedade da firma Pandolfo S.A. Ind. Com. e Outros, situado no Distrito de Celso Ramos, Municipio de Lajes”. Lages, SC, 15 de fevereiro de 1968.



Acervo: Galvino Ribeiro de Medeiros. Celso Ramos, SC.

Instalada na área da antiga firma Pandolfo, a Fazenda Lapal, também conhecida como Novo Sul, abrigou uma importante indústria madeireira. A madeira de propriedade de Laurindo Paese destacou-se por sua organização industrial e grande produção. Durante o tempo em que esteve ativa, a indústria contou com uma vila própria para os funcionários, com casas, escritório, escola, galpões para serraria (figura

¹⁶⁹ MEDEIROS, Galvino Ribeiro de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

16), estábulo e fornos de carvão (figura 17).¹⁷⁰ Além da madeireira Novo Sul, diversas serrarias que eram instaladas em localidades do interior de Celso Ramos acabavam aglutinando, no seu entorno, moradias rústicas de empregados. Essas pequenas vilas que se formavam tornavam o interior mais povoado e contribuía para modificar ainda mais o ambiente no qual se instalavam, tornando-se marcos na paisagem. Atualmente, a fazenda Novo Sul é propriedade da empresa Gaboardi, que realiza a extração de pinus reflorestado.

Figura 16 - Fotografia do galpão da serraria Novo Sul / Fazenda Lapal. Localidade de Novo Sul, distrito de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 2003.



Foto: Lilian Mendonça Simon.

Figura 17 - Fotografia com visão para os fornos de carvão da Fazenda Lapal. Localidade de Novo Sul, distrito de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 2003.



Foto: Lilian Mendonça Simon.

¹⁷⁰ CAMPOS da Memória. **Inventário do Patrimônio Histórico-Cultural Construído**. Salvamento e preservação do patrimônio histórico-cultural e paisagístico da região atingida pela UHE Campos Novos: Abdon Batista, Anita Garibaldi, Campos Novos e Celso Ramos (Santa Catarina). Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, 2004. Fazenda Lapal - Código de cadastro: CR 001.

Ainda hoje, a produção de carvão com madeiras reflorestadas ou nativas se apresenta como uma derradeira possibilidade de renda para alguns agricultores. Nos espaços antes ocupados por densos pinhais restam incontáveis nós de pinho. Por vezes utilizados em decoração, sua principal utilidade é servir de guarda-fogo para lareiras e fogões de chão e a lenha. Por sua característica resinosa, junto com a casca do pinheiro, o nó de pinho é considerado um excelente combustível, pois possui um efeito calorífico que excede a oito mil calorias.¹⁷¹

Além das madeiras, muitos agricultores realizaram o plantio homogêneo de espécies exóticas, como pinus e eucalipto. Os reflorestamentos geralmente tinham como objetivo ocupar uma área acidentada, pedregosa e não utilizada das propriedades. Em longo prazo, a esperança dos agricultores era conseguir um dinheiro com a venda da madeira. Entretanto, o preço por tonelada comercializada acabou, por vezes, sequer pagando os custos com o plantio, cuidados e transporte. Outro problema é que espécies exóticas como o Pinus estão se estabelecendo de modo espontâneo em áreas antes dominadas pela flora nativa. Essa invasão dificulta a recuperação de áreas degradadas, pois as plantas exóticas competem com as espécies nativas.¹⁷²

Na época, o processo de extrativismo vegetal foi bem visto pelos moradores locais. Para a criação de animais, principalmente gado, os pinhais não tinham valor e eram vistos como um problema, pois, segundo a visão da época, a queda de suas grimpas (folhas) sujava o potreiro. Para a agricultura, as terras com florestas só tinham valor por causa da possibilidade de se derrubar e queimar a mata nativa para adubar o terreno a ser cultivado. Inseridos neste contexto de luta contra a floresta e avanço da civilização, os empresários puderam executar seus negócios de exploração vegetal. Seus lucros custaram a quase extinção das matas de araucárias, sem que fossem vistos como predadores, muito pelo contrário, foram saudados como os promotores do progresso.

Os colonizadores e madeireiros, oriundos do Sul de Santa Catarina e do Norte e Serra do Rio Grande do Sul, duplicaram, nas terras de Celso Ramos, o que eles e seus antepassados já haviam feito nas antigas colônias dos locais de onde provinham: desmataram, desenvolveram a agricultura e repetiram “velhos costumes”.

¹⁷¹ AQUINO, Francisco Melo de. **Cultivo da Araucaria angustifolia**: análise de viabilidade econômico-financeira. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Gerência de Planejamento. Florianópolis: BRDE, 2005. p. 05.

¹⁷² SOUZA, Vinicius Castro. As gimnospermas do Brasil. In: FORZZA, Rafaela Campostrini et al. (org.). **Catálogo de plantas e fungos do Brasil**. Vol II. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010. p. 77.

Quando o extrativismo vegetal esteve no auge, entre as décadas de 1940 e 1970, muitas comunidades localizadas no interior do município eram mais povoadas. O declínio do setor madeireiro ocasionou a repulsa populacional, obrigando as pessoas a mudarem-se com o fito de encontrarem novos meios de sobrevivência. Somando-se a queda do extrativismo vegetal, a falência de pequenas propriedades rurais e a influência da mídia foram fatores que estimularam o êxodo rural na região. Em uma análise ambiental, é interessante notar que, em alguns casos, o êxodo rural e a diminuição do cultivo provocou a regeneração da mata em áreas antes ocupadas com a agricultura.

A riqueza gerada pelas serrarias não se transformou no chamado capitalismo industrial. De modo geral, os empresários do setor madeireiro não diversificaram as atividades, muitas vezes limitando-se apenas a vender madeiras brutas para outras empresas e indústrias. Os fazendeiros e colonos que haviam vendido os pinhais de suas propriedades - alguns até haviam obtido alguma riqueza nesta venda -, decidiram investir o dinheiro nas propriedades, geralmente comprando mais terras ou bens de consumo, como automóveis. Com o fim das atividades do extrativismo vegetal, a ampla maioria dos trabalhadores, sobretudo caboclos, tiveram que migrar para centros urbanos maiores ou permanecer na zona rural como agregados, ou, com alguma sorte, como pequenos agricultores. Essa opção pela “não-industrialização” manteve a região em sua preconizada “vocação agropecuária”, acumulando os piores índices de desenvolvimento humano do Estado.

A existência de argila de boa qualidade na área proporcionou a instala o de uma olaria. A primeira olaria de Celso Ramos foi fundada no final da década de 1930, pelos acionistas Máximo Ambrósio,  ngelo Grassi, Dionísio Maestri e José Pelozatto. No início do funcionamento a empresa levou o nome de Máximo Ambrósio, depois, passou a se chamar Olaria São José, e atualmente leva junto o nome do proprietário Galdino Pelozatto. Além da produ o de telhas tipo francesa e tijolos furados também funcionou, no início, uma serraria. Ainda em uso e bem conservadas, as estruturas da olaria mant m até hoje seus principais elementos construídos. Destacam-se os fornos em tijolo maciço e em tijolo de seis furos, a cobertura dos fornos, depósitos, moldagem e secagem, tipo telheiros abertos, com estrutura de madeira roliça falquejada e a chaminé em tijolo maciço (figura 18), com 14 metros de altura, construída por Arlindo Ferri, Hilton Baretta e José Pelozatto.¹⁷³

¹⁷³ CAMPOS da Memória. **Inventário do Patrimônio Histórico-Cultural Construído**. Salvamento e preserva o do patrimônio histórico-cultural e paisagístico da região atingida pela UHE Campos Novos:

Figura 18 - Fotografia da construção da chaminé da olaria. José Pelozatto, com esposa e Nair Manfiolette (embaixo), Hilton Baretta (no andaime inferior), e Irio Manfiolette e Arlindo Ferri (no andaime superior). Celso Ramos, SC, década de 1970.



Acervo: Arlindo Ferri. Celso Ramos, SC.

A matéria-prima utilizada na fabricação dos tijolos é a argila ou barro, substância terrosa que contém elementos de liga aglutinantes, como a sílica. O barro é encontrado em extratos ou bancos de pouca profundidade, chamado de barreira, sob uma camada de vegetação. Em linhas gerais, o processo de fabricação compreende as seguintes operações: extração e preparação do barro, modelagem, secagem e cozimento. Depois de extraído e transportado para a olaria, o barro vai para o amassador e depois para o expurgador, onde cilindros verticais o amassam para aumentar sua aglutinação. O barro passa então por uma máquina que faz a modelagem do tijolo, e segue por uma esteira onde é cortado. Após possuir forma, os tijolos ainda crus seguem para um

barracão com prateleiras para secagem, onde aguardam o cozimento. O cozimento dos tijolos é feito em fornos, onde se queima a madeira e a maravalha (serragem grossa). O processo é lento e gradual, pois os fornos operam pelo processo de circulação de ar quente no seu interior, podendo o ciclo de cozimento durar uma semana inteira. Ao final do processo, os tijolos estão prontos para a comercialização.

Figura 19 - Fotografia do transporte de uma carga de lenha para a queima de tijolos na Olaria Pelozatto. À esquerda, o motorista do caminhão, Dalvino Pelozatto. Celso Ramos, SC, década de 1950.



Cópia da foto da original: Aldo Toniazzo. Acervo: Dalvino Pelozatto. Celso Ramos, SC.

Figura 20 - Fotografia do forno da Olaria Pelozatto. Celso Ramos, SC, 11 nov. 2015.



Fonte: Acervo do autor.

Outro produto que também depende de fornos para sua produção é a cachaça. Devido às condições climáticas que favorecem essa cultura, Celso Ramos é o único município do Planalto Catarinense que produz e beneficia a cana-de-açúcar, obtendo inclusive grau suficiente de doçura para a produção de cachaça. Os pequenos engenhos instalados nas propriedades rurais são os responsáveis pela produção artesanal de cachaça, açúcar mascavo e rapadura. Essa indústria doméstica, voltada para o consumo dos camponeses, tem seu excedente comercializado por meio de uma economia informal.

Figura 21 - Fotografia do agricultor Edson Barbosa apurando o caldo de cana para produção do açúcar mascavo. Localidade de Santa Maria Goretti, Celso Ramos, SC, c. 1997.



Acervo: Paulino João Barbosa. Celso Ramos, SC.

Os licores, subprodutos da cachaça, são produzidos de modo artesanal, obtidos a partir da maceração, na cachaça, de frutos como o butiá e a jabuticaba. Também podem ser utilizadas cascas de frutas (laranja e bergamota), folhas (losna, arruda e funcho) e sementes (amêndoa de pêsego e ameixa). Em Celso Ramos, o fabricante Florentino Guarda é reconhecido regionalmente por seu peculiar licor. Na receita que ele faz a cachaça é infundida com ervas e especiarias, e é chamada de “bugio” pela cor avermelhada que lhe confere o açúcar queimado, um dos ingredientes da receita.

Há décadas esperada pela população local, somente em 1998 foi construída uma ponte pênsil para ligar Celso Ramos ao município de Campos Novos. O idealizador e construtor da obra foi Olavio Maravai. A ponte foi desmanchada no ano 2000, devido o represamento do lago da Usina Hidrelétrica de Machadinho.

Figura 22 - Fotografia da construção da ponte pênsil “Realino Maravai”. Da esquerda para a direita: Olavio Maravai (camisa azul), Antônio Schoenardie (camisa verde) e Gentil Pelozatto (camisa rosa). Margem esquerda do Rio Canoas, divisa entre Campos Novos e Celso Ramos, SC, 01 de julho de 1998.



Acervo: Família Maravai. Celso Ramos, SC.

Figura 23 - Quadro/fotografia da 1ª ponte pênsil entre Celso Ramos e Campos Novos, SC, década de 1990.



Acervo: Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

Inaugurada em novembro de 2001, a nova ponte pênsil “Realino Maravai”, projetada pela Estrutural Zortéa, de Campos Novos, é utilizada por veículos de até 2500 kg - para a passagem de caminhões, uma balsa opera nas proximidades da ponte. Possui 250 metros de extensão, duas torres com 25 metros de altura cada. Atualmente, com a construção da barragem e a ligação asfáltica entre Celso Ramos e Campos Novos passando sobre a obra, a ponte pênsil é pouco utilizada.

Figura 24 - Quadro/fotografia da atual ponte pênsil entre Celso Ramos e Campos Novos, SC, década de 2000.



Acervo: Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

2.4 Impactos sem precedentes: os efeitos socioambientais da UHE Campos Novos

A construção da Usina Hidrelétrica Campos Novos, no rio Canoas, alterou significativamente a paisagem ambiental e os aspectos sociais e econômicos do município de Celso Ramos. Se antes os rios foram importantes para a dinâmica de ocupação humana, provendo alimentos e fertilidade para o solo, com a construção de barragens sua importância foi ressignificada pelos aspectos hídrico e econômico.

Para o historiador Gilmar Arruda, a noção de bacia hidrográfica pode ser uma estratégia de apreensão espacial para as pesquisas em História Ambiental, permitindo a análise das relações estabelecidas entre populações e cursos d'água ao longo do tempo. A partir da delimitação das bacias hidrográficas, órgãos governamentais podem efetuar a gestão territorial e entidades públicas e privadas podem desenvolver projetos, como o

Microbacias, que visa planejar a correta utilização dos recursos naturais. A Lei n. 9.433, de 08 de janeiro de 1997, buscou regulamentar a utilização dos recursos hídricos e definiu a bacia hidrográfica como o suporte territorial para a sua gestão, através da implementação dos Comitês de Bacia. Estes comitês trazem novas oportunidades para historiadores ambientais atuarem política e profissionalmente, pois requisitam diagnósticos de gerenciamento sobre os usos pretéritos e atuais dos recursos naturais das bacias hidrográficas.¹⁷⁴

Durante os governos militares foram financiados estudos para a viabilização de obras hidrelétricas que atendessem a crescente demanda de energia elétrica. A barragem Campos Novos foi idealizada nestes planejamentos, dentro os quais o Programa Decenal de Geração do Setor Elétrico (1990/1999), que previa a instalação de 47 novas hidrelétricas no país.¹⁷⁵ Em 1976 a ELETROSUL - Centrais Elétricas do Sul do Brasil, concessionária da ELETROBRÁS - iniciou a revisão do inventário do potencial hidrelétrico da região, que havia sido realizado pelo Comitê de Estudos Energéticos da Região Sul - ENERSUL - nos anos de 1966 a 1969. Desta revisão resultou o denominado Projeto Uruguai, cuja proposta era a implantação de 22 hidrelétricas na Bacia do Rio Uruguai em seu trecho nacional, e mais 3 na fronteira com a Argentina. Por fim, após debates e atualizações dos planos, em 1994 o “Plano 2015” estabeleceu as diretrizes de planejamento para a construção de 22 hidrelétricas, no total.¹⁷⁶

No rio Canoas, no trecho entre os municípios de Campos Novos e Celso Ramos, diversas empresas se uniram como acionistas do consórcio Campos Novos S.A. (ENERCAN), sendo elas (com respectivas cotas): CPFL Energia (48,723%), CBA Alumínios (33,137%), Votorantim Metais (11,625%) e CEEE Geração e Transmissão (6,514%). De acordo com a legislação ambiental brasileira (CONAMA, Lei n. 6.938/81 - Resolução n. 006/87), o processo de instalação de uma obra de geração e transmissão de energia elétrica depende de três tipos obrigatórios de licença: prévia, de instalação e de operação. Após “cumpridas” tais exigências, em 2001 iniciou-se a construção da barragem que seria uma das mais altas do mundo, e em 2006/2007 as 3 turbinas

¹⁷⁴ ARRUDA, Gilmar. Bacias hidrográficas, história ambiental e temporalidades. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 20, n. 02, p. 209-231, 2015. p. 230.

¹⁷⁵ ELETROBRÁS - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. **Plano Diretor de Meio Ambiente do Setor Elétrico 1991/1993**. Programa de Expansão da Geração 1990/1999. [Resumo executivo]. Brasília: Secretaria Nacional de Energia, Ministério da Infraestrutura, 1990. p. 25.

¹⁷⁶ ELETROBRÁS - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. **Plano Nacional de Energia Elétrica 1993/2015**. Plano 2015: Estudos Básicos. Brasília: Ministério das Minas e Energia, 1994.

entraram em operação e passaram a gerar eletricidade, com potência máxima instalada de 880 MW.¹⁷⁷

Figura 25 - Fotografia aérea da Usina Hidrelétrica Campos Novos, 2016.



Acervo: ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. Florianópolis, SC.

Se tratando de uma obra de grandes proporções e impactos socioambientais, devemos relativizar até que ponto as licenças foram de fato cumpridas. Na realidade, existem lacunas nos discursos oficiais sobre tais impactos, certa “retórica dos relatórios”, que muitas vezes produziram informações divergentes daquilo que foi vivido de fato pelos atingidos, sejam eles seres humanos ou ambientais (fauna e flora). A formação do lago do reservatório da usina forçou o deslocamento de dezenas de famílias, e tantas outras foram atingidas indiretamente, com partes de suas terras alagadas. Nem sempre houve entendimento nos acordos com a ENERCAN. Se não fosse a organização do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a história poderia ter sido mais trágica para as famílias atingidas. De qualquer modo, devido a pressão dos atingidos organizados com o MAB, as indenizações ou reassentamento foram garantidos aos agricultores atingidos.¹⁷⁸

¹⁷⁷ ELETROSUL - Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A. **Usina Hidrelétrica Campos Novos**: estudos de controle ambiental e aproveitamento integrado do empreendimento. RIMA - Relatório de Impacto Ambiental. Magna Engenharia, 1990b.

¹⁷⁸ Para uma discussão mais aprofundada sobre o Movimento dos Atingidos pelas Barragens e a mobilização dos camponeses, cf.: BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Brava gente brasileira**: migrantes

No aspecto ambiental, os impactos da UHE Campos Novos foram avassaladores. Quilômetros de florestas das margens do rio Canoas foram sistematicamente derrubados ou apodreceram debaixo d'água com a formação do reservatório da usina. Uma variedade de animais silvestres teve seu habitat reduzido, forçando seu deslocamento a procura de novos locais para viver. Mesmo com as medidas obrigatórias de compensação dos impactos gerados - medidas que, aliás, a empresa supervaloriza como bondade sua para com a natureza -, a biodiversidade local sofreu bruscas mudanças que, por sua rapidez e intensidade, não puderam ser assimiladas pela fauna e flora local.

As informações sistematizadas neste capítulo buscaram apresentar e compreender o processo de ocupação humana sob o viés das interações socioambientais. Do ponto de vista ambiental, e apesar da divisão organizativa do capítulo os ter separado, os diferentes grupos étnicos que compuseram a população de Celso Ramos foram os protagonistas de uma história de alteração da paisagem. Notadamente, foram os ítalo-brasileiros que mais intensamente modificaram a natureza, seguidos pelos caboclos e, em menor escala, pelos indígenas.

No próximo capítulo, a paisagem do município de Celso Ramos será observada através das percepções e perspectivas dos moradores locais, através de suas memórias e imagens, buscando compreender as mudanças ocorridas no ambiente deste território.

CAPÍTULO III

PERCEPÇÕES E PERSPECTIVAS SOCIOAMBIENTAIS

“Inteligência é a capacidade de se adaptar à mudança.”

Stephen William Hawking
(1942 - 2018)

Neste terceiro e último capítulo, buscamos compreender e avaliar a história da reconfiguração paisagística do território de Celso Ramos através das percepções e perspectivas dos moradores locais. A ocupação humana será problematizada em seus impactos para a natureza local, debatendo quais foram as principais alterações causadas pela antropização da paisagem e a percepção dos moradores, verdadeiros protagonistas dessa história, sobre o ambiente circundante e as atuais perspectivas de sustentabilidade. Para compreendermos as percepções e as perspectivas socioambientais, utilizamos diversas fontes, principalmente entrevistas metodologia da História Oral (tabela 05).

Tabela 05 - Nomes dos entrevistados, ano de nascimento, local de nascimento e local de residência atual.

Nomes dos entrevistados, ano de nascimento, local de nascimento e local de residência atual.		
Nome	Ano de nascimento	Local de Nascimento / Residência
José Comin	1926	Siderópolis / Laje de Pedra
Deodoro Francisco de Oliveira	1933	Entre Rios / Papa João XXIII
Ivo Delorenzi	1933	Urussanga / São Pedro
Lourenço Fabris	1939	Linha Fabris / Imaculada Conceição
Galvino Ribeiro de Medeiros	1941	Santa Ana / Santo Antônio
João Batista Mendes	1947	Campos Novos / Entre Rios
Idalino Zanoni	1949	Santa Lúcia / Linha Ferri
Itamar Muniz Correia	1950	Linha Ferri
Doralina Bornagui Bedin	1950	Nossa Senhora do Caravaggio
Inês Grassi Minosso	1953	Santa Maria Goretti / Celso Ramos

Fonte: Entrevistas referenciadas no final deste trabalho.

3.1 Uma paisagem cicatrizada por velhos costumes

A presença indígena nas terras entre os rios Canoas e Pelotas é narrada pelos moradores locais, com base nos inúmeros artefatos que ainda são encontrados na região. De acordo com Deodoro Francisco de Oliveira, nascido em 1933 na localidade de Entre Rios, na época em que era criança, encontravam-se vestígios de cerâmica produzida pelos índios, pois “ninguém tinha olaria, e lá aonde nós morávamos tinha pedaço de telha, bem igual a esses pedaço de telha de olaria.”¹⁷⁹ Referindo-se a todo território municipal, Ivo Delorenzi relata que “foi achada alguma ponta de pedra, que diziam que os índios tinham, e até certos fogue que diziam que era os índios que se acampavam por ali, na costa de rio, que eles viviam da caça e da pesca.”¹⁸⁰ Os “fogue” se referem aos buracos formados pelas antigas estruturas subterrâneas construídas pelos indígenas, encontradas em diversas propriedades do município. Apesar de não terem modificado em larga escala a paisagem, os indígenas estiveram presentes no território deste estudo e representam, de fato, os pioneiros do processo de ocupação humana da região.

Os caboclos que se embrenharam pelas matas do Entre Rios, para aí estabelecerem-se, encontraram uma densa floresta de araucárias. Mesmo com uma ocupação esparsa, no início do século XX a paisagem ainda era dominada pelos pinhais, conforme recordou Deodoro Francisco de Oliveira:

A paisagem era coberta de pinhal, mato. As vezes a pessoa passava fome porque não ia derrubá o mato. Fechada, que você 10 metros não enxergava nada. Não tinha nem criação, bem no fundo do Entre Rios, lá onde que tinha campina, onde esses Brechó moravam, chegava uma época que eles ponhavam fogo nas campina. Um capim alto, formação natural.¹⁸¹

Além da opulência da floresta de araucárias, o que chama atenção no relato acima é que, no alto da serra, haviam formações naturais de capim, resquícios dos Campos de Altitude que circundam os vales dos rios Canoas e Pelotas. Por estar situada em uma zona de contato entre a Floresta Ombrófila Mista (FOM) e a Floresta Estacional Decidual (FED), as espécies de ambas as subdivisões da Mata Atlântica encontram-se distribuídas por todo o território de Celso Ramos, com maior presença da

¹⁷⁹ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁸⁰ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁸¹ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

FED nas margens dos rios. As espécies que mais aparecem nos relatos dos entrevistados são aquelas de valor comercial ou de uso prático na propriedade. O agricultor João Batista Mendes, da localidade de Entre Rios, cita algumas das principais espécies da flora local e seus usos:

Tinha bastante pinheiro, sabe, bastante pinheiro, mato. Tinha bastante angico, cabriúva, loro. Desses cerne mais antigo tinha muito. Usavam pra palanque, fazer casa também, galpão, essas coisa de construir. Chiqueiro, galpão, sempre o cerne melhor pra fazer. Ó, inclusive eu tenho dois esteio ali de Tarumã.¹⁸²

Entre as espécies, o pinheiro (*Araucária angustifolia*) foi citado por todos os informantes como a mais abundante outrora no território de Celso Ramos. Como espécies de lei, ou “madeiras de cerne”, foram citadas árvores como angico, cabriúva, cedro, canela, louro, guamirim, soita, guabiroba, guajuvira e tarumã.

A abundância dos pinheiros foi atestada pela informante Inês Grassi Minosso, ao lembrar que no outono: “A gente andava assim por cima dos pinhões, do tanto que tinha, a gente juntava assim ó, com um saco.”¹⁸³ Para os colonos de origem italiana, a floresta era vista como um estorvo para a execução de suas lavouras e construções. José Comin, um dos primeiros colonos de origem italiana a chegar a Celso Ramos, lembra que “quando não tinha serraria, tinha muito mato, e os pinheiro derrubava pra fazer roça”.¹⁸⁴ Antes da capitalização dos pinhais, os colonos simplesmente derrubavam as araucárias e deixavam apodrecer às margens da clareira. Ou, em alguns casos, utilizavam seus “rachões” para cercar determinadas áreas para o cultivo agrícola ou para a criação de animais, como porcos. Ao chegar a localidade de São Pedro, o migrante Ivo Delorenzi recorda que só haviam “matas e pinhais, e as estradas eram pelo agricultor, só alguma estrada que existia, nós pertencia a Lages”.¹⁸⁵ Além das estradas, as próprias moradias dos colonos foram construídas após a derrubada da mata, conforme lembrou o agricultor Lourenço Fabris, que reside na localidade de Imaculada Conceição: “Ah dos

¹⁸² MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

¹⁸³ BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁸⁴ COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁸⁵ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

mato a gente nota que meus irmãos, pra entra ali e fazer uma casa, tinha que derrubar o mato, os pinheiro. Tudo pinhal, tudo, tudo.”¹⁸⁶

Figura 26 - Fotografia com vista aérea da propriedade de Lourenço Fabris. Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, c. 1980.



Acervo: Lourenço Fabris. Celso Ramos, SC.

A partir da década de 1930, com a colonização ítalo-brasileira, as relações sociais entre caboclos e colonos de origem italiana também tiveram implicações para o meio ambiente. Primeiramente, o estranhamento interétnico foi por questões agrárias. O depoimento do agricultor Lourenço Fabris revela que, de ambos os lados, existiu um confronto: “Diz que os bem antigo tinha diferença, daí eles não se acertavam muito, diziam que eles [os colonos] queriam tomar as terra deles [os caboclos]. Tem aquelas reinas ainda nos dias de hoje, que eles dizem, ‘os italiano tomaram nossas terra tudo’.”¹⁸⁷ O ato de “tomar as terras” se refere à ocupação dos colonos através da compra e com título de propriedade, o que obrigou algumas famílias de caboclos a saírem das terras que ocupavam como posseiros.

¹⁸⁶ FABRIS, Lourenço. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

¹⁸⁷ Idem.

A vinda dos colonos modificou o modo de processar alguns produtos agrícolas, como no caso da farinha de milho, modificando inclusive os hábitos alimentares da população cabocla. Conforme Deodoro Francisco de Oliveira:

Nós aqui ninguém sabia o que era polenta, ninguém sabia o que era moinho pra fazer uma farinha, era tudo no monjolo, fazia farinha no monjolo tocado a água. Depois que veio os italiano eles cortaram pedra, muitos trouxeram de lá os cargueirinhos de pedra, trouxeram, montaram o moinho, que nem o falecido Maravai, ele tinha o moinho dele ali que trouxe de Serra abaixo, e montou o moinho dele ali.¹⁸⁸

A farinha de milho moído nas pedras, ingrediente da polenta, era indispensável para a cultura italiana. Logo, assim que se estabeleceram em suas novas terras, os colonos trataram de construir moinhos, por vezes transportando as pedras adequadas da sua região de origem, as colônias do Sul de Santa Catarina. Entretanto, devemos lembrar que não apenas os caboclos se beneficiaram com as novidades trazidas pelos colonos, mas os colonos também aprenderam muito com a cultura cabocla, principalmente por esta última estar a mais tempo interagindo com a natureza naquele local, detendo mais conhecimento da fauna e da flora, bem como do ciclo agrícola e suas peculiaridades. O agricultor Ivo Delorenzi, da localidade de São Pedro, aponta para uma interação amigável entre as etnias:

Olha nois viemo morar aqui no meio de família de caboclo, mas a gente sempre com muito respeito, muito educado, nois se demo muito bem, numa convivência muito boa. Eles eram amigos pra caça, pra pescada, pra trocar dias pra trabalhar. Fazer alguns puxirão pro ajutório, uns pro outro, iam levando a vida assim.¹⁸⁹

Porém, de modo geral, a visão que ainda sobressaia no imaginário da população de Celso Ramos é que os caboclos não são afeitos ao trabalho, em comparação aos colonos de origem italiana que, em suas observações, possuem o *ethos* do trabalho. Essa diferença de relações com o trabalho, percebida sobretudo pelos descendentes de italianos, foi resumida nas palavras da agricultora Inês Grassi Minosso: “Os brasileiro né, eles tinham um sistema, já os italiano tem outro sistema. O taliano ele é mais de

¹⁸⁸ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁸⁹ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

trabalhá, e o brasileiro mesmo antigo eles não eram muito de trabalha.”¹⁹⁰ A origem dessa percepção, ou preconceito, estaria no modo de vida dos colonos, que, desde seus antepassados na Itália, buscavam a reprodução social através do sistema capitalista, que valoriza o trabalho como meio para obter e acumular bens e dinheiro. Com a migração, o modo de vida dos colonos chocou-se com a cultura cabocla, a qual não havia se capitalizado totalmente, e praticava a agricultura de subsistência para satisfazer suas necessidades imediatas. Deste modo, a questão nodal deste preconceito está nas diferenças culturais, reforçadas em um contexto socioeconômico de encontro e confronto étnico.

Para alguns moradores, os casamentos interétnicos foram responsáveis pelo melhor entendimento entre as culturas e a aceitação de ambas as partes. Apesar de no início ter demorado algum tempo para haver comunicação entendível entre as etnias, o agricultor João Batista Mendes, da localidade de Entre Rios, observou que: “A gente brasileiro, eles italiano, daí tudo mundo se deu as mãos, e todo mundo é amigo. Misturo tudo, na família você pode ver, tem um brasileiro, tem outro italiano, hoje misturo.”¹⁹¹ Essa opinião é compartilhada pelo agricultor Itamar Muniz Correia, morador da Linha Ferri, o qual aponta que: “ tudo os caboclo conviviam bem, agora quase não tem mais. Cruzo, misturo bastante. Hoje não tem mais por exemplo o italiano puro, e nem o caboclo puro.”¹⁹² Os dois informantes apresentam uma síntese da sociedade atual do município, indicando que a miscigenação contribuiu para abrandar os preconceitos relativos à origem étnica. Entretanto, esse discurso pacificador pode omitir as reais tensões que ainda se observam pontualmente em alguns aspectos da vida cotidiana do município, como as “piadas” e “brincadeiras” onde a população de origem cabocla é tratada de modo pejorativo.

A diversidade foi uma característica apontada para a fauna, durante as entrevistas realizadas. Porém, mesmo que conscientes da importância que todas as espécies possuem para o regular funcionamento do ecossistema, quando perguntados sobre as espécies de animais que mais povoavam o território no passado, os entrevistados apenas conseguiam lembrar e/ou achavam relevante falar sobre as espécies de animais mamíferos de maior porte. As espécies apontadas por Ivo Delorenzi

¹⁹⁰ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁹¹ MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

¹⁹² CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

são uma amostra das mais recorrentes para os moradores locais: “Animal selvagens tinha aí viado, paca, cutia, quati e tatu. E pássaros existia o nambu, saracura, a gralha e anu”.¹⁹³ Somando-se a estas espécies, os demais entrevistados citaram: capivara, bugio, quati, tateto, javali, porco do mato, jaguatirica e pomba.

A carne de diversas espécies de mamíferos e aves foram apreciadas e incluídas pelos colonos em sua dieta. Referindo-se aos primeiros tempos da colonização, a agricultora Inês Grassi Minosso comentou acerca da importância que a carne de caça teve neste contexto de adaptações na culinária: “Tipo, você queria fazer uma polenta com carne, era carne de caça. E esses animais a gente lembra né, paca, cutia, capivara, porco do mato”.¹⁹⁴ Outro fator que motivou a caça foi os prejuízos que determinadas espécies causavam aos agricultores ao “atacar” suas roças. Conforme observou Deodoro Francisco de Oliveira: “Eles queriam fazer a roça, não podia colher, era duas classes de bicho que ia comer milho: papagaio e baitaca. Quem colhia roça naquela época terminava os pinhão eles avançavam”.¹⁹⁵ Embora para os agricultores os danos nas plantações justificassem a caça como forma de controle da população, visando reduzir seus prejuízos, para os animais o ataque nada mais é do que a oportunidade instintiva de obter alimentos de uma forma fácil e abundante.

As caçadas e pescarias eram práticas costumeiras dos caboclos, entretanto, com a chegada dos colonos de origem italiana, elas foram intensificadas, comprometendo o equilíbrio e a capacidade de reprodução de algumas espécies. Um fato interessante nos foi contado por Deodoro Francisco de Oliveira, que serve para exemplificar os desdobramentos ambientais das práticas dos colonos:

Coisa que meu pai não gostava das pescaria, porque os italiano quando vieram de lá era que nem “bugre”: aquele que caça come, se não caçar não come. Eles soltavam o estopim na água pra pegar peixe, pra matar... aquele estouro! O pai disse: essa pragaiada quando vié até os bicho do mato tem medo. Ai meu pai fez parte aí que era pro delegado de Santo Antônio. Proibiram de usar esses estopim. Daí nós aqui se criemo do sistema antigo, era respeitado porque era proprietário velho, era morador véio e os gringo quiseram tomar um direito. Foi lá, decretou a lei: se eles soltasse um estopim na água, era pra contar que ele vinha investiga os peixes que morreu e iam ser tudo preso.¹⁹⁶

¹⁹³ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁹⁴ BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁹⁶ Idem.

Primeiramente, o relato aponta para diferenças étnicas no modo de executar as pescarias. Enquanto os caboclos viam a pesca como uma prática de interação benéfica com a natureza, os ítalo-brasileiros são apontados como inconseqüentes em seus atos. O estilo predatório dos colonos é comparado ao dos “bugres”, pois os índios tinham na caça e na pesca as bases de sua alimentação. A utilização de artefatos como bombas, que matavam todos os peixes próximos ao local onde era estourada, levou o pai de Deodoro a denunciar este ato à autoridade da localidade de Santo Antônio. Para além das diferenças culturais, de acordo com nosso informante, o que estava em jogo era a preservação do equilíbrio da ictiofauna dos rios. Embora emblemático, este ato em prol do meio ambiente foi um caso isolado, e o saldo da caça e da pesca descontrolada foi negativo para os animais.

Em áreas com existência de florestas há séculos ou milênios, a agricultura só era possível através do desmatamento, a ferro e fogo. Os sertanejos executavam o sistema da coivara, derrubando e incendiando a mata, sistema que continuou a ser executado pelos descendentes de italianos que colonizaram a área. José Comin relembra dos primeiros tempos da colonização e o alerta de sua avó sobre a derrubada dos pinheiros:

E oia, de 83 anos que to aqui, se derrubava os pinheiro pra fazer roça, e ia deixando. E faziam um fogo só um ano com tudo os pinheiro. A minha nona [Giovanna Sachet], mãe do meu pai, veio um dia lá de Serra Abaixo, e falo, ela disse em italiano: “você se lembra um dia disso daí...” Ela disse, e eu lembro. “...Planta pinheiro!” E eu plantei.¹⁹⁷

Na época, a ideia da nona Giovanna Sachet foi uma exceção. Poucos tinham a consciência de que a vastidão dos pinhais encontrados no planalto iria um dia se exaurir pela ação humana. A qualquer custo, o objetivo de todas as famílias de colonos ítalo-brasileiros era desmatar e cultivar produtos agrícolas e criar animais. O relato de Inês Grassi Minosso denuncia o fadigoso trabalho do arroteamento das terras: “Na frente da nossa casa quem derrubou o mato foi minha mãe, Pierina Fabris Grassi. Tudo de machado. Hoje tá tudo lavoura. Lá ela teve um aborto de uma criança”.¹⁹⁸ Corroborando ao ideal de trabalho do sistema capitalista, não foram poucos os colonos que esgotaram suas forças e prejudicaram sua saúde visando progredir em suas propriedades. Para

¹⁹⁷ COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

¹⁹⁸ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

muitos, suas mentes compreendiam apenas duas opções: vencer ou morrer. E para atingir a vitória econômica, vidas foram desgastadas.

Seguindo a lógica do mercado, a grande quantidade de pinheiros desvalorizava seu preço para os colonos, embora propiciasse um razoável montante de dinheiro para os empresários madeireiros. Conforme observou Lourenço Fabris: “Vendiam pra eles [os pinheiros] aí a preço de banana, como diz o caso, pra fazer lavoura”.¹⁹⁹ O baixo preço do pinheiro não motivou os agricultores a manterem reservas de pinhais em suas propriedades, exceto em alguns casos, como informou Itamar Muniz Correia: “Na derrubada dos pinheiro com as máquina saiu tudo. O que fico de mata fico mais na caída, porque senão o resto é lavoura e pasto”.²⁰⁰ Ou seja, apenas nas terras íngremes, de difícil acesso e não agriculturáveis, foram mantidas algumas reservas de mato.

Figura 27 - Fotografia aérea com vista para a propriedade da Família Ferri. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, c. 2005.



Acervo: Inês Ferri. Celso Ramos, SC.

As roças eram preferencialmente feitas nas serras às margens dos rios, devido à fertilidade do solo. De acordo com Idalino Zanoni, em seu tempo de infância, “tinha

¹⁹⁹ FABRIS, Lourenço. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

²⁰⁰ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

mais roça em costa de rio, tinha mais gente também que trabalhava na roça”.²⁰¹ Na localidade de Santa Lúcia, onde morava com sua família próximo ao rio Pelotas, relata que: “Nóis dai dirrubemo esse mato. Plantava na beira do rio, e não precisava de adubo nada”.²⁰² De modo geral, para todo território entre os rios, esse sistema de roças foi a base da agricultura durante três quartos do século XX. Sobre o modo de fazer roças, o agricultor Galvino Ribeiro de Medeiros, morador da localidade de Santo Antônio, apresenta sua labuta:

A gente fazia roça na foice. No começo empreitava pra roçar por baixo, onde não tinha taquara. Começava na entrada do inverno e ia até mês de outubro. De machado, derrubando, porque não tinha nem motosserra pra derruba. Era tudo no machado. Era de faze calo nas mão da gente derrubar pau. Muitas vezes a gente perdia um pouco da queima, porque não dava queima boa, mas queimava.²⁰³

O processo de derrubada da mata nativa era árduo. Por vezes, devido a densidade da floresta, era realizado em etapas. A queima da biomassa tombada ao chão era geralmente realizada no mês de novembro. Uma queima satisfatória dependia de vários fatores, como espécies derrubadas e umidade do solo, e estava associada com a queima total das árvores derrubadas na área a ser feita a roça.

As áreas de lavoura eram conquistadas. Afinal, os agricultores precisavam lutar contra a força de uma floresta e reduzir as árvores em cinzas para adubo. Nas palavras de Doralina Bornagui Bedin, moradora da localidade de Nossa Senhora do Caravaggio: “A maioria [das árvores] era queimada, dai os tocos de madeira iam apodrecendo e destocando, e ia melhorando a propriedade”.²⁰⁴ Para os agricultores, mais espaços cultiváveis representavam melhorias na propriedade. Ivo Delorenzi também recorda desses trabalhos: “Antigamente era tudo braçal. Arrancar a toco de enxada e picão pra preparar terra, depois preparar terra pra poder lavrar com os boi”.²⁰⁵ E assim, com a formação das clareiras para construções, pastagens e cultivo agrícola, o território de Celso Ramos foi transformando-se em uma verdadeira colcha de retalhos, quando visto do alto ou de modo panorâmico.

²⁰¹ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

²⁰² Idem.

²⁰³ MEDEIROS, Galvino Ribeiro de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

²⁰⁴ BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²⁰⁵ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

Figura 28 - Fotografia aérea com vista para a capela, salão comunitário e algumas propriedades rurais. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, anos 2000.



Acervo: Paulino João Barbosa. Celso Ramos, SC.

A produção agrícola era variada, desde produtos de clima temperado aos produtos de clima tropical. O clima da região, associado à fertilidade dos solos às margens dos rios e às cinzas das florestas queimadas, proporcionava uma produtividade expressiva para o território entre os rios Canoas e Pelotas. De acordo com Idalino Zanoni, a maioria da produção provinha das roças cultivadas de modo braçal, e “só depois, nas lavourinha em cima [da serra], podia usar o arado. Plantava milho, aipim, mandioca... essas coisa”.²⁰⁶ Seu vizinho, Itamar Muniz Correia, também recorda que a agricultura era baseada na “enxada, foice e queima. Usava o arado de boi. [A produção] era puxada com os boi e cavalo em beira de rio. Trator eu já era bem grande quando conheci”.²⁰⁷ Na localidade de Entre Rios, Deodoro Francisco de Oliveira destaca:

Quando era criança, produziam muito fumo e existia a cana ripa. Depois que vieram os italianos com a variedade cana caiana. Daí para a produção própria

²⁰⁶ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

²⁰⁷ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

era milho, mandioca e feijão. Vendiam a produção em Campos Novos e na sede em Paim, que fica lá em São José do Ouro.²⁰⁸

Com a vinda dos colonos do Sul do Estado, foram introduzidas novas espécies e variedades de plantas que a região não possuía. Mesmo no início do século XX, o excedente agrícola produzido pelos agricultores de Celso Ramos era comercializado em outras cidades. As informações do agricultor João Batista Mendes trazem um retrospecto da importância do cultivo de grãos para sua família:

A enxadinha, a foice, porque naquela época ninguém tinha trator, não tinha nada né. Nós fazia com o meu pai oito, dez, doze alqueire de roça. As vezes nos produzíamos nosso trigo, daqui ele ia pra Joaçaba. A nossa farinha crioula. Mas nós produzia aqui, nós tirava o trigo do gasto e o resto vendia, nós produzia muito trigo. Bastante gente aqui produzia trigo. Bastante arroz. Que hoje o arroz tá com a extinção, é poucos que produzem o arroz né. E daí tinha descascador, tudo. Da colônia. A gente na verdade vivia outra vida sabe, que não é esse produto, esse produto que nós temo hoje. Você sabe como é...²⁰⁹

O trigo e o arroz, dois produtos hoje pouco cultivados em Celso Ramos, já foram destaque nas lavouras da localidade do Entre Rios. O relato revela uma nostalgia dos tempos em que a agricultura ainda não tinha passado pela Revolução Verde, quando ainda não havia a hibridização das sementes, por exemplo. Quando se refere a vida que viviam “antes do produto”, João Batista reforça os vínculos que as sociedades sertanejas possuíam com a tradição, e a resistência que tiveram com as novas técnicas e tecnologias do campo.

Uma parte da produção era consumida pelas próprias famílias das localidades, e outra podia ser vendida para fora. Os produtos eram processados em moinhos (milho), atafonas (mandioca) e engenhos (cana-de-açúcar), que podiam ser movidos com tração animal ou com a força d'água.²¹⁰ Segundo Galvino Ribeiro de Medeiros, em muitos casos, a produção tinha que ser transportada pelos próprios agricultores: “No tempo dos meus pais, dos meus avó, eles tinham que levar lá em Capinzal, Joaçaba ou Lages, de cargueiro, de tropa, a cavalo”.²¹¹ Entretanto, de costume, eram os tropeiros que se

²⁰⁸ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

²⁰⁹ MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

²¹⁰ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

²¹¹ MEDEIROS, Galvino Ribeiro de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

dedicavam ao transporte das mercadorias, pois conheciam os caminhos e os potenciais compradores para destinar suas encomendas.

A criação de porcos representava uma fonte alimento, por sua carne e derivados, ou de renda para os agricultores. No início do século XX, Deodoro recorda que “os animais eram criados soltos, com pinhão: “Os agricultor tudo criava porco solto, então tinha um pique na oreia. Não dava de registrar nada, mas o povo era tão sincero que respeitava”.²¹² Na época, era recorrente que o único registro fosse uma marcação de sinais feitos nas orelhas dos animais. Ainda sobre a criação de porcos, Inês Grassi Minosso recorda desta prática na localidade de Santa Maria Goretti:

Bem na costa do rio, todos os anos o pai fazia 2 alqueire de capoeira, era plantado tudo milho. E daí quando era mês de abril por aí, levava na base de 200 porco daí, na costa do rio. Pra engordar lá na costa do rio. E aí quando era lá pro mês de junho, começo de julho por aí, recolhia esses porco pra cima, que daí já tava tudo meia engorda já, pra poder subir a serra.²¹³

A criação de porcos soltos entrou em declínio a partir da segunda metade do século XX, com a ampliação das áreas de lavouras e a necessidade de se controlar a invasão dos animais nas plantações. A partir desse momento, algumas melhorias de infraestrutura e maquinários foram sentidas pelos agricultores de Celso Ramos. Por volta de 1965, as estradas que antes eram estreitas e mal conservadas, passaram por alargamento e obras nos bueiros. Com isso, o transporte foi beneficiado, facilitando o comércio. Na década de 1990, os tratores e máquinas agrícolas se popularizaram relativamente entre os agricultores da região, facilitando a produção.²¹⁴

Na percepção atual dos agricultores, no passado as terras da região eram mais cultivadas. Idalino Zanoni observa que “tinha mais roça, uma vez tinha mais roça! [hoje tem] mais capoeirão, capoeira”.²¹⁵ Corroborando ao relato de Idalino, na figura 29 temos uma fotografia do acervo de Doralina Bedin onde, ao fundo, aparecem roças feitas às margens do rio Canoas, na década de 1960 - lugar que hoje compõe a área de preservação do lago de Machadinho. A capoeira se refere aos diversos estágios de regeneração florestal que uma área passa, após ser abandonada de seu uso agrícola.

²¹² OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

²¹³ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²¹⁴ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²¹⁵ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

Corroborando a esta visão, Lourenço Fabris também identifica que atualmente o uso da terra é mais para criação de animais: “agora virou só em gado, é mais criação”.²¹⁶ Ambas as visões encontram respaldo nas observações *in loco*, através das quais podemos observar que, de fato, a paisagem de Celso Ramos possui muitas áreas em estado de regeneração florestal (capoeiras) e locais de antigas lavouras e roças que se tornaram poteiros destinados à criação de gado de corte.

Figura 29 - Fotografia a partir do porto da balsa Celso Ramos - Campos Novos, com Doralina Bornagui Bedin, padre Joaquim et. al. Rio Canoas, Celso Ramos, SC, c. 1965.



Acervo: Doralina Bornagui Bedin. Celso Ramos, SC.

Antes da instalação das serrarias na década de 1950, os pinheiros eram derrubados pelos próprios agricultores, e não tinham aproveitamento comercial. Conforme observou Doralina Bornagui Bedin para a localidade de Nossa Senhora do Caravaggio: “Bem no início aqui, quando chegou os primeiros habitantes, eles derrubavam os pinheiros para fazer lavouras, ai deixava apodrecer”.²¹⁷ A maioria dos relatos aponta o chamado “desperdício da madeira” antes de haver serrarias na região.

²¹⁶ FABRIS, Lourenço. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

²¹⁷ BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

Na localidade de Nossa Senhora da Salete, no Entre Rios, Deodoro Francisco de Oliveira recorda de uma madeireira:

Instalaram uma serraria, ficava bem no fundo, lá, dava uns 3 km da Salete. Era criança quando fizeram a estrada. O empreiteiro era um tal de Graciliano. Da encruzilhada do Entre Rios até onde tem a serraria. Frederico Louesen era o proprietário. Com a serraria as terras foram sendo vendidas. O que modificou que o povo foi reassentando, foi trabalhando e desmatando.²¹⁸

Em muitos casos, as serrarias que pretendiam se instalar em um determinado local precisavam antes contratar a construção de estradas para ter acesso aos pinhais e escoar a produção. Na opinião do informante, a serraria foi responsável por executar o desmatamento e a capitalização das terras, proporcionando assim o assentamento de famílias que desenvolveram a agricultura em áreas antes ocupadas pela floresta. Depois desta serraria, na década de 1970, a serraria de Angelo Grassi e Vitória de Mattia, que estava localizada na cidade de Celso Ramos, também comprou e retirou pinheiros da região.²¹⁹ Atualmente, uma saída de campo na região do Entre Rios confirma estas modificações na paisagem, pois a área foi transformada em um “celeiro” do município de Celso Ramos, com expressiva produtividade de grãos, como soja.

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, boa parte das matas de araucárias do território de Celso Ramos foi reduzida á tábuas pela indústria madeireira. Este período ficou gravado na memória dos nossos informantes. Na localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Doralina Bornagui Bedin recorda de quando “era uma menina e se instalou a Serraria dos Dalfarra. Eles beneficiavam as madeiras e simplesmente despachavam”.²²⁰ Nascido e criado na localidade de Santa Lúcia, o agricultor Idalino Zanoni também destaca que neste período ocorreram grandes mudanças na paisagem devido à atividade das serrarias:

Na nossa época de criança, no nosso tempo, foi a mudança que acabaram com os bicho, acabaram com os pinheiro. Meu pai comprou um rádio em 1958. Deu quatro pinheiro escolhido pelo rádio. Meu Deus do céu, e nos fiquemo muito faceiro porque foi aonde eu fiquei fã de Tonico e Tinoco e torcedor do Santos. Eu era criança, tinha oito, dez anos, por ali.²²¹

²¹⁸ OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

²¹⁹ MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

²²⁰ BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²²¹ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

Na visão do agricultor, foi com a atividade madeireira que a fauna e a flora, sobretudo a espécie *Araucaria angustifolia*, foram intensamente exploradas e suprimidas da paisagem. Os pinheiros “escolhidos” eram árvores com grande altura e diâmetro, que rendiam mais madeira de boa qualidade, por isso eram comprados e marcados um a um. Era costume dos agricultores venderem seus pinhais, ou alguns de seus melhores pinheiros, para obter dinheiro ou comprar algum bem, como, por exemplo, um rádio. A época das serrarias também é descrita como a época em que o dinheiro passou a circular de forma mais intensa na região, proporcionando uma relativa melhora nas condições de vida da população em geral, inclusive possibilitando acesso às informações nacionais e internacionais vinculadas pelo rádio.

Nos anos 1960, Laurindo Paese, um dos maiores empresários do setor madeireiro da região, também comprou pinheiros de Celso Ramos. Sobre o ritmo de trabalho e a trajetória do seu empreendimento, quem nos informa é o agricultor Galvino Ribeiro de Madeiros:

Eu ajudei a marcá pinheiro na época de solteiro. Tiraram tudo a riqueza. Os caminhão puxavam madeira dia e noite pra serraria lá na Anita. A noite inteira eles bandeavam madeira, quatro ou cinco caminhão, tirando madeira direto. Depois eles levavam quase tudo pra Porto Alegre o pinheiro, madeira de lei também. Tá. Aí depois de uma temporada eles deram uma parada assim, daí plantaram na serraria Novo Sul. Agora outra firma que compro, dos Gaboardi ali. Essa ali tá só prantando só calipio. Então a firma lá tá de dona hoje, tinha 57 colônia de reflorestamento.²²²

Devemos considerar que a noção de que a “riqueza” (araucárias) foi retirada da área é atual, resultado do intrincado jogo subjetivo da memória humana, readaptado à luz de novos debates e ideias.

No início, Laurindo Paese comprava pinheiros em diversas localidades e transportava para sua serraria na cidade de Anita Garibaldi, que trabalhava em ritmo industrial, com turnos diurno e noturno. Depois, nos anos 1970, a serraria foi instalada em Santo Antônio, na localidade que hoje recebe o nome de sua antiga madeireira, Novo Sul. Na localidade, foi realizado um grandioso reflorestamento com pinus americano. Nos anos 2000 a fazenda Lapal, na qual a Novo Sul esteve instalada, foi

²²² MEDEIROS, Galvino Ribeiro de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

comprada pela empresa Gaboardi, que continua extraindo a madeira reflorestada e investindo no plantio de eucalipto.

Na localidade de Santa Maria Goretti, uma sociedade entre Angelo Grassi, Pedro Cercena e João Fabris foi a responsável pela instalação de uma madeireira no local, na década de 1950. A filha de Angelo Grassi, Inês Grassi Minosso, recorda deste período de sua infância:

Eu era pequeninha quando eles trouxeram as coisas [pra instalar a serraria]. Porque a primeira missa eu alembro que foi com o padre Antônio Stella, então eu tinha na base de uns 5 anos. Eles levavam [a madeira] em Cerro Negro, depois eles gradiavam e mandavam lá pra frente [outros mercados]. Serramos até mais ou menos quando eu tinha uns 11 anos, depois nós fomos pro Entre Rios. Mas daí a serraria veio aqui pra trás da oficina [no perímetro urbano de Celso Ramos].²²³

O principal motivo para a mudança de local de uma serraria era a disponibilidade de matéria-prima, isto é, os densos pinhais. Entre as localidades de Imaculada Conceição e Linha Ferri também foi instalada uma serraria, de propriedade de Joanin Ambrosio. As ruínas das estruturas de pedra da serra ainda se encontram no local da antiga serraria, em terras que hoje pertencem a Área de Preservação Permanente do entorno do lago da UHE Campos Novos.²²⁴

Na localidade de São Pedro, duas serrarias atuaram em momentos distintos. De acordo com Ivo Delorenzi, a primeira era da família Menegari, e localizava-se na estrada para a localidade de Laje de Pedra. Esta serraria incendiou no final dos anos 1960. Depois, nos anos 1970:

Olavio Maravai colocou uma serraria também. Ele tinha de oito a dez funcionários. Depois queimou aquela também. Queimo ali pela década de 80. Depois alugaram e se mudaram pra [serraria] do Euclides Granzotto, lá em Anita. Faziam taboa, e vendiam serrado. Ia pra Lages, e vendia pra alguém aí que precisasse fazer uma casa.²²⁵

Além do pinheiro, eram serradas árvores de madeira nobre ou de lei, como informa Ivo: “Canela lageana, canela guaicá, soita, angico, cabriúva, cedro, que existia

²²³ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²²⁴ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

²²⁵ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

bastante e hoje tá em extinção. Uma parte [dessa madeira] usavam aqui, e uma parte era vendida, pra fazer móveis e esquadria”.²²⁶

Conforme observou Samira Moretto em sua pesquisa sobre o reflorestamento em Lages, SC, com o exaurimento das reservas de pinhais e madeiras de lei, o plantio homogêneo de espécies exóticas, sobretudo *pinus ssp.* e *eucalyptus spp.*, foi incentivado e intensificado a partir da década de 1960.²²⁷ Nos anos 2000, o reflorestamento de exóticas foi realizado por proprietários rurais como uma alternativa de renda a longo prazo, conforme informou Ivo Delorenzi: “Por último aumentou bastante a plantação de pinus americano, reflorestamento de pinus e eucalipto. É que o pessoal acha que é um futuro bom ter essas madeira.”²²⁸ Sabendo do baixo preço pago pela tonelada da madeira reflorestada, o informante apresenta o discurso daqueles que plantam pinus, acreditando que no futuro possam obter uma renda extra com a venda desta madeira, o que nem sempre se confirma.

Figura 30 - Fotografia com vista para reflorestamentos de pinus e eucaliptos. Linha Ferri / Linha Fabris, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017.



Fonte: Acervo do autor.

²²⁶ Idem.

²²⁷ MORETTO, Samira Peruchi. **Remontando a Floresta: a implementação do pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960 - 1990)**. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 256-257.

²²⁸ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

A venda das reservas florestais representou uma rápida, porém insustentável, fonte de renda, pois o dinheiro obtido com a venda dos pinhais e madeiras de lei não foi reinvestido de modo que gerasse mais renda a longo prazo, como a migração para o setor industrial transformador, por exemplo. Na visão dos entrevistados, a atividade madeireira possibilitou a “limpeza” das áreas de florestas para o cultivo agrícola. Entretanto, de um ponto de vista mais amplo e esclarecido, o saldo do “tempo das serrarias” foi extremamente negativo para o equilíbrio ambiental da região deste estudo. Sobre os efeitos do desmatamento, o relato da agricultora Inês Grassi Minosso apresenta uma pertinente percepção ambiental: “O vento hoje é mais forte do que naquela época. É um chapadão, porque hoje não tem tanto mato. Não tem a mata que segura a umidade. É tudo aberto. Então o vento ele invoca.”²²⁹ A noção de que a alteração da paisagem provoca mudanças na dinâmica dos ventos e do clima são importantes constatações, pois indicam que a população local está consciente acerca desses impactos no ambiente em que desenvolvem suas vidas.

Mesmo com as leis de proteção ambiental, os remanescentes florestais ainda continuam a ser explorados. A utilização de araucárias e espécies de lei para construção de cercas, o consumo de lenha e a produção de carvão, representam os atuais “ataques” ao que ainda resta de árvores nas áreas de bosques e capoeiras. Embora muitos proprietários rurais utilizem seus recursos madeireiros em pequena escala e de forma sustentável, devemos considerar que a regeneração das florestas requer tempo e baixíssima interferência antrópica.

Atualmente, na paisagem rural de Celso Ramos encontram-se diversas áreas de poteiros ou formados (pastagens artificiais permanentes), nas quais foram plantadas gramas das espécies Argentina e Sempre-verde. Conforme observou Idalino Zanoni, “de mudança assim, que eu vi, é que no meu tempo não tinha tanto poteiro.”²³⁰ A derrubada das florestas e o plantio de espécies gramíneas possibilitou o desenvolvimento da agropecuária no território. De costume, essas gramíneas foram plantadas pelos agricultores nos locais mais acidentados da propriedade, onde, no passado, eram feitas roças e lavouras. No inverno, alguns criadores de animais plantam

²²⁹ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²³⁰ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

aveias, por vezes consorciadas com o azevém, que servem para a alimentação do gado leiteiro ou a engorda do gado de corte.

Figura 31 - Fotografia com vista para pastagem e gado leiteiro. Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017.



Fonte: Acervo do autor.

No início dos anos 2000, a construção de usinas hidrelétricas na Bacia do Rio Uruguai trouxe grandes transformações para o meio ambiente e a sociedade de Celso Ramos. Na percepção dos moradores que acompanharam estes empreendimentos, as barragens representam o principal marco na história recente da região.

Na localidade de Linha Ferri, o agricultor Itamar Muniz Correia registrou em fotografias as obras de construção da UHE Campos Novos. Mais do que o entusiasmo em registrar uma obra de proporções grandiosas, as imagens produzidas revelam uma drástica alteração da paisagem no vale do rio Canoas.

Figura 32 - Fotografias de Itamar Muniz Correia a partir do mesmo local na Linha Ferri com vista para: 1) Rio Canoas antes das obras; 2) Canteiro de obras; 3) Barragem UHE Campos Novos S.A. Rio Canoas, Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, década de 2000.



Acervo: Itamar Muniz Correia. Celso Ramos, SC.

Através das entrevistas realizadas, percebe-se que, para os informantes, as barragens trouxeram benefícios para o município de Celso Ramos, minimizando, em seus discursos, os impactos negativos causados pelas obras. Além dos *royalties*, o asfalto e a passagem da estrada sobre a barragem são apontados como benfeitorias propiciadas pela obra, quase como uma bondade da empresa construtora para a população local. Tal visão de que a barragem trouxe o progresso se explica por benefícios imediatos recebidos pela população, como atendimento farmacológico e médico; e ainda, na visão utilitarista, mesmo com as florestas às margens dos rios, vastos territórios puderam ser inundados pois, conforme disse Inês Grassi Minosso, “nas caída de rio ninguém mais fazia roça”.²³¹

Antes e durante a construção das barragens, o ponto mais polêmico foi a garantia do direito a indenização daqueles que trabalhavam e possuíam terras às margens dos rios, especialmente do rio Canoas, o qual alagou uma porção maior do município. Conforme vimos no capítulo anterior, os direitos só foram garantidos após a mobilização popular dos atingidos junto com entidades e lideranças organizadas. Entretanto, nem todos foram devidamente indenizados, como notou João Batista Mendes: “A parte ruim, por exemplo, é quem ficou e não foi indenizado, tem que guentiar as ponta”.²³² De acordo com o entrevistado, a vida melhorou para os agricultores que foram reassentados em terrenos agriculturáveis, mas, para os que não foram adequadamente indenizados, a situação continuou difícil e sem amparo.

²³¹ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²³² MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

A reserva de mata às margens dos lagos formados pelas barragens, apesar de obrigatória e necessária, representa uma pequena medida de compensação ambiental, se considerarmos o amplo desmatamento efetuado nas florestas do vale do rio Uruguai e seus afluentes, os rios Canoas e Pelotas. É curioso notarmos a maneira utilitarista que o consórcio construtor da UHE Campos Novos tratou as áreas que seriam atingidas com a formação do lago, onde, em um livreto sobre o remanejamento das famílias atingidas, aponta que “tratava-se, em sua maior parte, de áreas íngremes, com pouca ou nenhuma aptidão para o uso agrícola eficiente. Mais de 70% da área sem ocupação econômica”.²³³ Obcecada pelo lucro e visando indenizar pelo menor valor possível as propriedades atingidas, a barragem não considerou as florestas em sua vital importância, pois considerou apenas a potencialidade das terras para agricultura. O resultado desta visão limitada e utilitarista foi o corte e o “afogamento” indiscriminado de uma valiosa parte dos remanescentes florestais da região.

Mapa 07 - Representação cartográfica do lago formado no rio Canoas pela UHE Campos Novos no território de Celso Ramos, SC. VisãoGeo/ENERCAN, imagens coletadas em 2003.



Acervo: Casa da Cultura de Celso Ramos, SC.

²³³ ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. **Implantação do Reservatório:** remanejamento de famílias e indenizações. Florianópolis: ENERCAN, 2006. p. 11.

Mesmo com todo o trabalho de educação ambiental dispendido pelo consórcio construtor da barragem, a observação feita pelo agricultor José Comin ainda é compartilhada por muitos moradores da região:

Olha, num ponto foi bom, no outro ponto não foi muito bom. Porque começou a reserva da água, que deixou cento e poucos metros que não pode mais mexer, então quem trabalhava fazendo roça na beira do rio, os bichos comem quase tudo [a plantação]. Eu vejo aqui na Laje de Pedra, as capivaras, os tatus, os bichos tão comendo, tão tomando conta.²³⁴

Segundo o informante, a reserva de mata no entorno do lago trouxe o “problema” de possibilitar a reprodução da fauna, gerando prejuízos aos agricultores. Infelizmente, devido ao atraso intelectual e o baixo acesso às informações corretas, essa visão é compartilhada por diversos moradores que consideram apenas os prejuízos em suas plantações, e não compreendem a importância das espécies para o ecossistema local.

Uma das medidas compensatórias da barragem foi a criação do Parque Rio Canoas, no município de Campos Novos. Entretanto, Itamar Muniz Correia apresentou uma pertinente crítica acerca dessa medida:

No meu pensamento, se a barragem vai atingir 3 mil hectare, então tem que recompor 3 mil hectare. Mas em vez deles comprarem uma área deserta e recompor, eles compravam área de mata [referindo-se ao Parque Rio Canoas, no município de Campos Novos]. Cara, mas que compensação eles deram?! Se eles destruíram a mata e compraram uma mata feita. Só vão preservar aquele [parque], e perdeu-se aquela [mata].²³⁵

A crítica do agricultor é fundamentada em uma constatação empírica: as árvores das florestas desmatadas ou simplesmente inundadas pela formação dos reservatórios das barragens não foram replantadas em quantidade equivalente. Essa constatação está presente na percepção de muitos moradores, os quais assistiram alguns dos últimos remanescentes de floresta nativa sucumbirem ao poder de empresas privadas escoradas no governo.

Na Linha Ferri, a UHE Campos Novos comprou cerca de 80 alqueires de terra para manter a floresta em diversos estágios de regeneração. De acordo com Itamar

²³⁴ COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

²³⁵ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

Muniz Correia, além do interesse pela reserva de mata, o consórcio responsável pela barragem precisou adquirir as terras devido aos intensos e contínuos nevoeiros e serrações produzidos pelas comportas da usina (figura 33). Os impactos da serração no ambiente e na saúde humana ainda precisam ser melhor avaliados, entretanto, a julgar pela extensa encosta desnudada de sua vegetação pelo excesso de humidade, podemos inferir que tais impactos carecem urgentemente de mais atenção por parte dos pesquisadores e autoridades competentes.²³⁶

Figura 33 - Fotografia de Idalino Zanoni, com vista para a saída de água das comportas da UHE Campos Novos S.A. Campos Novos / Celso Ramos, SC, c. 2006.



Acervo: Idalino Zanoni. Celso Ramos, SC.

Na percepção dos moradores que ainda praticam a pesca, a formação dos reservatórios nos rios Canoas e Pelotas prejudicou essa atividade, pois foram introduzidas novas espécies e modificou-se a dinâmica da ictiofauna dos antigos rios. No lago do rio Canoas, Idalino Zanoni observou que:

Na pesca não tem mais peixe que presta. Encheu daquela ostrazinha, caramujinho, uma conchinha pequena. As água encheu daquilo dali, pega algum peixe, mais aquilo junto. Mas não é mais os peixe que a gente comia. Eu, por exemplo, pesquei tudo a minha vida, desde piá. O peixe era um

²³⁶ Idem.

colosso, hoje a gente vai ali e pega só coisinha, parece que não tem gosto mais de nada.²³⁷

A introdução de novas espécies pelos técnicos ambientais contratados pela UHE Campos Novos alterou a dinâmica do lago, modificando também as relações de pesca que a população ribeirinha havia estabelecido ao longo de gerações. Para a população local, por mais que os estudos ambientais e o controle das espécies sejam conduzidos por especialistas, nada vai substituir o gosto dos peixes da época em que os lagos eram caudalosos rios com corredeiras e cursos moldados ao longo de milhões de anos.

A maioria dos entrevistados acredita que o microclima tenha passado por mudanças, após a formação dos reservatórios das usinas hidrelétricas nos rios que circundam o município. As principais constatações são de que aumentaram a ocorrência e a intensidade da formação de serrações, diminuíram as geadas e elevou-se a temperatura média. De acordo com Inês Grassi Minosso: “Depois da construção da barragem deu muito pouco geada. Só que antes da barragem nós não colhia banana lá em casa, no nosso terreno. Depois da barragem nós temo comendo banana natural”.²³⁸ Essa observação empírica, com base no cultivo de uma fruta de clima tropical, sem dúvida, atesta para os moradores uma diminuição significativa no número e na intensidade das geadas. Na localidade de Entre Rios, João Batista Mendes também observou uma alteração no microclima:

O que mudou foi o seguinte, depois das barragem mudou muito porque o inverno é curto e o verão muito forte. Esquento mais. Então mudo pelo seguinte: quando foi feita essa barragem de Itá depois veio a de Machadinho, aí já mudou bastante o clima. Aí já abriu uma serração muito grande dessa barragem aqui no inverno. Daí aquela serração danada que vem aí sabe. Às vezes esse piso amanhece que tá tudo alagado. Hoje não se vê quando o tempo tá pra chuva, qualquer vento que dê ela se extravia. O lago subiu muito, sabe. Então o que mudou na verdade foi isso, no clima.²³⁹

Para João Batista Mendes, a alteração climática é algo inegável, e implica diretamente em sua propriedade na vida de sua família. Apesar de as serrações ocorrerem nos vales fluviais desde suas formações hidrogeológicas, a elevação do nível d'água nos lagos das barragens alterou sua disseminação. Se antes os nevoeiros se

²³⁷ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

²³⁸ MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²³⁹ MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

concentravam nas canchadas dos rios, atualmente, com a lâmina d'água em alta cota, eles se espalham pelas serras e altiplanos da região. Se, de acordo com o informante, o piso fica "alagado" ao amanhecer, podemos considerar que o aumento na umidade possa trazer complicações à saúde das pessoas. Entretanto, tais afirmações só terão confirmação em longo prazo e com estudos mais detalhados.

A alteração climática - se não oficial, de fato percebida - favoreceu o cultivo de frutas cítricas, como a laranja. Na Linha Ferri, o citricultor Itamar Muniz Correia relativiza a oscilação na temperatura média:

Só que assim, clima antes pelo menos de uns 20 ano, não dá pra dizer que o clima mudou ou não mudou. Isso em todas as reunião que eu ia, que falava de barragem, o cara dizia assim: "Nós temo uma estimativa de aumenta 3º grau o calor, mas só vai se confirmar com 20 anos ou depois, porque tá esquentando tudo". Eles diziam isso porque como o rio era lá em baixo, e o lençol vai dar lá em cima, o sol dá na água e aquece o clima né. Só que o clima tá esquentando por tudo né, não é só aonde que tem barragem. Diz que depois que monitorando uns 20 anos que ia se chegar a uma conclusão, se tinha alguma alteração do clima por causa do espelho d'água.²⁴⁰

Com base nos comentários dos técnicos contratados pelo consórcio construtor da barragem de Campos Novos, o informante parece acatar a ressalva sobre o aumento da temperatura - mesmo, durante a entrevista, afirmando que diminuiu a incidência de geadas na localidade onde reside. Mesmo que os dados técnicos que serão coletados não convirjam com as percepções da população local, as mudanças notadas no decorrer das estações devem ser consideradas, pois representam o modo de perceber o mundo e as variações ambientais no local onde vivem.

²⁴⁰ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

Figura 34 - Fotografia aérea com vista parcial da cidade, localidade de Imaculada Conceição e lago da UHE Campos Novos. Celso Ramos, SC, dez. 2011.



Acervo: Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

Atualmente, o município de Celso Ramos se destaca no cenário estadual pela produção agrícola e pecuária. Entretanto, devemos observar que essa “vocação rural” não parte de uma predestina o natural, mas trata-se de uma op o de ocupa o e uso da terra neste território. A contribui o destacada deste município no setor agropecuário e, mais recentemente, hidrelétrico, teve como consequência a substitui o em larga escala das florestas nativas por diferentes formas de ocupa o do solo. Os resquícios de floresta - geralmente capoeiras em diversos níveis de regenera o - constituem as sobras da outrora pujante mata nativa que havia entre os rios Canoas e Pelotas. Esse processo   chamado de fragmenta o florestal²⁴¹, e pode ser observado através da imagem de satélite a seguir.

²⁴¹ A fragmenta o florestal   o resultado da diminui o da cobertura vegetal, em razão de um processo onde forma es florestais outrora contínuas são interrompidas por barreiras antrópicas, como estradas, culturas agrícolas, pastagens, reflorestamento de exóticas entre outros, originando fragmentos florestais de diferentes áreas, formas e graus de isolamento. Fonte: VIANA, Virgílio Maurício. Biologia e manejo de fragmentos de florestas naturais. In: **Anais do Congresso Florestal Brasileiro**. Campos do Jordão: SBS/SBEF, 1990. p. 113-118.

Mapa 08 - Mapa aerofotogramétrico do município de Celso Ramos, SC, 2012.



Fonte: Governo do Estado de Santa Catarina. Mapeamento Aerofotogramétrico do Estado de Santa Catarina: Município de Celso Ramos. Governo do Estado de Santa Catarina. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico Sustentável. Diretoria de Recursos Hídricos. Florianópolis, SC, 2012. Escala 1: 30.000.

3.2 Vislumbrando a sustentabilidade (ou não): perspectivas socioambientais

Analisando os relatos dos entrevistados, podemos esboçar um provisório balanço sobre as atuais práticas de preservação da natureza (ou não) e as potencialidades do município de Celso Ramos no aspecto socioambiental.

A lembrança nostálgica da floresta, atualmente vista como opulenta e pródiga, parece ser compartilhada pela maioria dos habitantes. A vasta floresta de araucárias, citada pelos informantes como característica do passado, foi reduzida e eliminada de seu território de ocorrência natural. Conforme o lamento de Doralina Bornagui Bedin: “Hoje nós não temos um pinhão pra comer. Eu porque plantei e hoje estou colhendo. Meu Deus do céu, hoje nós lembramos até com certa tristeza.”²⁴² Apesar de isoladas ações pela preservação, como replantar pinheiros para o consumo do pinhão, a devastação marcou as memórias daqueles que acompanharam a transformação da paisagem. Ao recordarem este processo, muitos apresentam um tom de pesar pelos

²⁴² BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

tempos e pela floresta que não volta mais. Entretanto, devemos considerar que muitos dos sujeitos que atualmente sentem certo remorso ao tratar de temas ambientais foram, no passado, os próprios responsáveis pela devastação de seu ambiente. De qualquer modo, através dos discursos podemos identificar que, de modo geral, a consciência da população está mudando, percebendo a importância dos recursos da fauna e da flora local.

De modo geral, a atual percepção dos moradores é que o desmatamento vem diminuindo. De fato, a observação da paisagem nos revela que existem diversos locais onde a capoeira está tomando o lugar de antigas roças e poteiros, como consequência do êxodo rural e subaproveitamento das propriedades. Idalino Zanoni resume esta tendência, ao dizer que “do tempo de nós e hoje, hoje tem mais mato.”²⁴³ Porém, em áreas assediadas por seu potencial de se tornar lavouras, o agricultor aposentado Lourenço Fabris alerta que “o que tem ali [de árvores] meio escondido eles tiram”²⁴⁴; isto é, o desmatamento, quando conveniente para tornar as áreas agriculturáveis, ainda é uma prática corriqueira, porém ilegal, dos agricultores. Na visão de Doralina Bedin, esse desmatamento ainda acontece, em parte, pela insuficiência da fiscalização dos órgãos competentes, pois, segundo a informante, “eu acho que deveriam preservar mais a natureza. Se tivesse um pouquinho mais de ajuda das autoridades competentes, talvez as coisas seriam bem melhor.”²⁴⁵ Doralina ainda destaca a Área de Preservação Permanente do entorno do lago formado pela UHE Campos Novos como positiva: “Achei uma coisa boa essa margem do rio, essa proteção com o reflorestamento, que não pode desmatar tantos metros, essas coisas foram muito boas.”²⁴⁶

No livro *Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial* aparecem diversas espécies da região deste estudo. As espécies prioritárias são apresentadas de acordo com seu potencial como plantas alimentícias, fibrosas, forrageiras, madeireiras, medicinais ornamentais e apícolas. Embora em pequena escala e de modo esporádico, muitas destas espécies já são aproveitadas pela população. Em um futuro próximo, as pesquisas científicas, os incentivos governamentais e a demanda comercial podem valorizar este verdadeiro patrimônio da flora e representar alternativas

²⁴³ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

²⁴⁴ FABRIS, Lourenço. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

²⁴⁵ BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²⁴⁶ Idem.

de renda para os agricultores locais. A tabela a seguir apresenta as principais espécies com potencial alimentício encontradas na região deste estudo.

Tabela 06 - Espécies com potencial de aproveitamento alimentício encontradas no município de Celso Ramos, SC.

Espécies com potencial de aproveitamento alimentício. Celso Ramos, SC.	
Nome científico	Nome popular
<i>Acca sellowiana</i>	Goiaba-serrana
<i>Araucaria angustifolia</i>	Pinheiro
<i>Butia eriospatha</i>	Butiá-da-serra, butiazeiro-serrano
<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	Guabiroba, gabirola, guabirobeira
<i>Eugenia involucrata</i>	Uvaia, uvalha, uvaeira
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga, pitangueira
<i>Physalis pubescens</i>	Fisális, juá-de-capote
<i>Plinia peruviana</i>	Jabuticaba, jabuticabeira
<i>Psidium cattleianum</i>	Araçá, araçá-vermelho, araçá-amarelo

Fonte: CORADIN, Lidio; SIMINSKY, Alexandre; REIS, Ademir (orgs.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2011.**

Os costumes da caça e da pesca estão declinando mediante a fiscalização e as atividades de educação ambiental. O maior controle das atividades desenvolvidas nos lados das hidrelétricas contribuiu para a modificação destes costumes, ou, pelo menos, o controle sobre tais atividades. Conforme informou Ivo Delorenzi:

A pesca tem uma organização. Pode pecar quem tiver carteirinha, ma com malhas acima de 6 cm. Porque se pegarem a tirar tudo os peixe que tem, quando [chegar] um dia vai terminar. Não vai mais ficar peixes nas águas, nos lagos. Então eu acho até certo que eles cuidem sobre esse ponto.²⁴⁷

Entretanto, mesmo que a maioria tenha na pesca uma atividade desportiva e de lazer, alguns pescadores ainda executam práticas predatórias, como informa Idalino Zanoni: “o lado negativo, tem pescador que ele não sabe, ele quer terminar. Ele não te diz assim: ‘eu pego um frito e vou embora’, ele quer pegar tudo”.²⁴⁸ Cada vez mais condenada, essa prática gananciosa ainda coexiste com a pesca sustentável,

²⁴⁷ DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

²⁴⁸ ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

constituindo-se ainda em um desafio para a construção de uma relação mais harmoniosa entre os ribeirinhos e os recursos que os lagos podem prover.

Mais problemáticas do que as pescarias, as caçadas também representam um grande desafio para Celso Ramos. Os entrevistados informam que a prática da caça diminuiu notavelmente, a níveis que nem se comparam à carnificina efetuada nos primeiros tempos da colonização. Porém, a prática ainda resiste, como aponta Galvino Ribeiro de Medeiros: “Eu digo pro senhor que caçada tá proibido e muito bem escundido tão caçando”.²⁴⁹ Mesmo com as leis ambientais, alguns caçadores ainda mantêm esse costume, quase como uma tradição que, por ser pensada em termos culturais, não consegue notar os efeitos negativos que desencadeia no ecossistema.

Com base em uma visão mais ampla do ambiente circundante, alguns agricultores tem assumido um posicionamento diferente e mais preservacionista com relação à fauna. Como exemplo, temos a visão de João Batista Mendes, o qual afirmou com orgulho que: “Aqui no meu sítio eu proíbo, não deixo caçá. Porque senão termina tudo, de repente um neto não vê, então a gente deixa criar os bichinho.”²⁵⁰ Aos poucos, conforme pudemos notar nas entrevistas, essa visão de preservar o que tornou-se raro para as futuras gerações parece se disseminar entre os agricultores. Nesta mesma linha de pensamento segue Itamar Muniz Correia e os demais moradores da Linha Ferri:

Aqui tem até um documento feito na delegacia proibindo a caça na Linha Ferri. Nós não deixamo, nós os morador da Linha Ferri que tomamo essa iniciativa de não permitir que caçasse aqui. Foi feito como um B.O., não sei como é que fala, um registro notificando na delegacia. Isso já faz uns dez anos que tem.²⁵¹

Provavelmente, a proximidade com a UHE Campos Novos e o contato mais intenso com os técnicos propiciou que a comunidade desenvolvesse uma visão mais sustentável com seu território. Tal iniciativa, elogiável e pioneira, infelizmente ainda é um caso isolado no âmbito comunitário. Entretanto, é um indicador de que, em muitos casos, as mentalidades estão mudando para uma relação mais harmoniosa com a natureza.

²⁴⁹ MEDEIROS, Galvino Ribeiro de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

²⁵⁰ MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

²⁵¹ CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri**. Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

Embora algumas práticas ainda representem verdadeiros atentados contra o meio ambiente, como as queimadas e o uso indiscriminado de agrotóxicos, o município de Celso Ramos possui especificidades que lhe conferem um alto potencial para tornar-se um local de experimentos sustentáveis. Devido a sua localização entre lagos de usinas hidrelétricas, a biodiversidade de sua fauna e flora e a diminuta população - com baixa densidade urbana e propriedades policultoras espalhadas pelas comunidades rurais - o município apresenta características ideais para o desenvolvimento de projetos de educação ambiental e novas alternativas de renda baseados na diversidade natural e social deste território.

Figura 35 - Fotografia aérea com vista parcial da cidade. Celso Ramos, SC, 18 mar. 2015.



Acervo: Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

Mesmo que ainda não se reconheçam como tal, muitas propriedades desenvolvem cultivos e criação de animais através dos chamados sistemas agroecológicos. O sistema agroecológico é, em resumo, um ecossistema reorganizado para propósitos agrícolas, ou, nas palavras de Donald Worster, “um ecossistema domesticado”.²⁵² Para Stephen Gliessman, o desafio dos agroecossistemas sustentáveis seria manter as características dos ecossistemas naturais, somando-se a isso a produção

²⁵² WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente & Sociedade*, vol. 05, n. 02, p. 23-44, 2003. p. 29.

de alimentos. Para tornar-se ecologicamente sustentável, um agroecossistema precisa incorporar as qualidades dos ecossistemas naturais, como resiliência, estabilidade, produtividade e equilíbrio.²⁵³ Perante a desleal competitividade econômica das monoculturas e a insustentabilidade de muitos cultivares agrícolas, os sistemas agroecológicos podem representar uma inteligente alternativa para os pequenos produtores rurais.

Figura 36 - Fotografia com vista para um parreiral e araucárias (ao fundo). Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017.



Fonte: Acervo do autor.

O potencial turístico que a paisagem rural de Celso Ramos detém também deve ser considerado, pois, com a urbanização, o meio rural tornou-se um contraponto de lazer, repouso e sinônimo de qualidade de vida. Em suas observações sobre as dinâmicas do tempo presente, Michel Maffesoli trouxe uma pertinente explicação para o despontar do rural como temática e reconforto para a vida urbana:

Estudos recentes tendem a mostrar que o “rural” é uma criação da “fantasmagoria urbana” [...]. As representações paradisíacas, os oásis maravilhosos, os jardins [...], a vida bucólica [...], o retorno contemporâneo à natureza, etc., tudo isso é uma criação urbana. É necessário, certamente,

²⁵³ GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 79.

considerar as nuances, mas podemos afirmar que o campo apenas adquire sentido em relação com a cidade.²⁵⁴

O encantamento dos moradores das cidades com as paisagens campestres tem motivado uma noção mais contemplativa e preservacionista para com a natureza. No caso de Celso Ramos, seus remanescentes florestais, cachoeiras e cavernas podem representar uma fonte de renda através do ecoturismo. Para tanto, as atuais e novas gerações terão cada vez mais subsídios e informações para perceber que nunca é tarde para modificar velhos costumes e projetar relações socioambientais mais sustentáveis.

²⁵⁴ MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 58-59.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

TUDO PASSA SOBRE A TERRA...

Neste trabalho, buscou-se apresentar uma narrativa histórica e ambiental acerca da alteração da paisagem no município de Celso Ramos, localizado no Planalto de Santa Catarina. O viés teórico-metodológico da História Ambiental foi utilizado para recompor, interpretar e elaborar uma crítica com base científica para a trajetória das alterações ambientais ocorridas na região deste estudo, quer tenham sido elas de ordem natural ou ocasionadas pela ação antrópica.

A dinâmica hidrogeológica entre os rios Canoas e Pelotas, ao longo de milhões de anos, nos permite compreender que a paisagem é formada por elementos múltiplos e inconstantes. Desde a sua geologia e hidrologia até a evolução da fauna e flora, a região passou - e passará, pois são processos contínuos - por diversas transformações, como, por exemplo, as variações climáticas que tornaram a temperatura média mais fria na última era glacial e proporcionava para o Sul do atual Brasil uma vegetação gramínea e a existência de grandes mamíferos. A revisão dos aspectos biogeográficos da região nos possibilitou perceber que a paisagem possui um dinamismo contínuo, isto é, a mudança é uma constante para a região, mesmo que no curso de milhões de anos; a grande questão, sobretudo para nós seres humanos, seria a capacidade de se adaptar a essas mudanças que a natureza impõe incessantemente.

Com a ocupação humana a região do atual território do município de Celso Ramos passou a sofrer interferência antrópicas, principalmente em sua fauna e flora. Apesar de quase “apagada” da memorialística local, a milenar presença indígena foi atestada por meio de pesquisas arqueológicas e constatações a campo conhecendo os artefatos indígenas e registrando entrevistas com os moradores mais antigos. Mesmo não havendo alterado de forma intensiva o ambiente local - se compararmos aos colonizadores italianos, por exemplo - os silvícolas foram de fato os primeiros homínídeos que ocuparam a região. A ocupação humana nos últimos milênios representa a chegada de uma nova e “invasora” espécie na região, que iria modificar, no curso de alguns séculos, uma paisagem que a natureza levou milhões de anos para compor.

A partir do final do século XVIII, os indígenas foram sucedidos por colonizadores lusos e mestiços (caboclos) e, no início do século XX, por colonos de

origem italiana. Foram estas as levadas de ocupação humana que mais alteraram o ambiente onde se estabeleceram. Os caboclos iniciaram o processo de desmatamento para o cultivo e criação de animais para subsistência; já os colonos, imbuídos de um ideal capitalista de acumulação de bens e dinheiro, deram maior amplitude a este processo. Seguindo uma lógica arcaica, utilizada de Norte a Sul no Brasil, os novos ocupantes mantiveram o sistema indígena de derrubada e queima da floresta para desenvolver sua agricultura, entretanto, o incremento populacional e a pressão sobre o ecossistema tornaram a coivara um sistema insustentável e prejudicial ao ambiente local. O resultado do arroteamento, queimada e destruição das florestas nativas, foi a drástica mudança da paisagem da área do atual município de Celso Ramos, tornando-a uma verdadeira “colcha de retalhos”, com pequenos e esparsos fragmentos florestais entre áreas ocupadas com construções, pastagens e cultivos agrícolas.

Além da cobertura vegetal e da vida animal, um ecossistema precisa de um solo saudável para manter-se em equilíbrio. O desmatamento, a criação de animais, a agricultura e o uso de agroquímicos são atividades que podem levar à erosão e contaminação do solo. Sendo o solo um recurso finito e não renovável, que leva milhares de anos para tornar-se biofísicamente produtivo, o mau uso pode levar a sua destruição. O crescimento demográfico, que gera uma crescente demanda pela produção de alimentos, têm ocasionado o desmatamento para expansão das áreas agriculturáveis. Entretanto, esse sistema, como observamos no caso de Celso Ramos, é insustentável, pois os solos das florestas representam sistemas muito frágeis, que acabam sendo destruídos com o desmatamento.²⁵⁵

Através das entrevistas em História Oral, realizadas com moradores do interior do município, pudemos observar suas percepções e perspectivas acerca do ambiente no qual desenvolvem suas vidas. Primeiramente, a noção de mudança transpassa todos os depoimentos. É fato que a paisagem mudou, e eles, os moradores, foram protagonistas destas mudanças. Os “velhos costumes”, como as caçadas e o desmatamento, foram apontados como agentes dessa modificação paisagística, além da construção de estradas e, mais recentemente, das barragens. Embora os mais antigos ainda defendam sem constrangimento um posicionamento progressista, notando a evolução tecnológica e a disponibilidade de terras para o cultivo apenas em seus aspectos positivos, há quem

²⁵⁵ TOLEDO, Maria Cristina Motta de; OLIVEIRA, Sonia Maria Barros de; MELFI, Adolpho José. Intemperismo e formação do solo. In: TEIXEIRA, Wilson; TAIOLI, Fabio; TOLEDO, Maria Cristina Motta de; FAIRCHILD, Thomas Rich (Orgs). **Decifrando a Terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2000. p. 161 e 162.

perceba essas questões com reservas, considerando também seus aspectos negativos. Como exemplo, a observação dos moradores sobre a alteração do microclima, em decorrência, segundo eles, da construção da UHE Campos Novos, é um indicador de que a percepção do ambiente também passa por mudanças. Apesar da permanência de alguns costumes considerados predatórios ao meio ambiente, a atual situação socioambiental do município apresenta algumas perspectivas sustentáveis para com os remanescentes da flora e da fauna local.

Mas, afinal, por que devemos conservar a diversidade biológica, como as florestas e a fauna que dela depende? Uma das respostas mais pertinentes, do ponto de vista utilitarista e econômico, seria a possibilidade de uso presente ou potencial dos elementos e espécies como recurso natural. No caso das indústrias alimentícia e farmacêutica, a maior parte dos alimentos e remédios provém de plantas e animais, ou seja, a conservação da biodiversidade pode nos permitir explorar novas opções de produtos, a serem encontrados na natureza ou redescobertos por suas qualidades com o avanço de pesquisas científicas.²⁵⁶ Outra resposta para a manutenção da biodiversidade seria que a vida humana necessita do equilíbrio da biosfera em um estado que possa suportar suas atividades. E ainda, a diversidade biológica deve ser mantida *per se*, propiciando que a vida siga seu curso evolutivo de modo livre. Mesmo que essa concepção acarrete implicações de ordem estética, esta concepção preservacionista vem ganhando força em função do conceito de “beleza natural” que as pessoas atribuem às paisagens, animais e plantas, levantando essa bandeira para a conservação da diversidade.²⁵⁷

Partindo do pressuposto que não é apenas o nosso destino, como também é nosso objetivo, que sejamos cientificamente superados²⁵⁸, esta dissertação se encerra em uma abertura: o limiar das possibilidades de usos e aprimoramentos desse texto ao longo dos tempos e novas pesquisas que virão. De modo voluntário ou implícito, nós historiadores ambientais podemos contribuir, através de nossas pesquisas, para a conscientização social e para o embasamento de políticas públicas ambientais que considerem sociedade e meio ambiente em suas múltiplas interações e reciprocidades.

²⁵⁶ CORADIN, Lidio; SIMINSKY, Alexandre; REIS, Ademir (orgs.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2011. p. 15.

²⁵⁷ CASTELLA, Paulo Roberto; BRITEZ, Ricardo Miranda de (orgs.). **A floresta com araucária no Paraná: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 10.

²⁵⁸ WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Parte II. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992. p. 438.

Já é hora de conhecermos e reconhecermos a importância vital e insubstituível do nosso patrimônio ambiental. Somos os herdeiros do que resta de florestas e recursos naturais. Portanto, devemos proteger essa herança para que ela possa continuar a dar sentido à nossa identidade, essa energia que nos leva a enfrentar os desafios que a dinâmica do tempo e as ações sociais nos colocam à frente. Só assim, com consciência e munidos de informações consistentes, conseguiremos ter e deixar para as futuras gerações uma relação mais sustentável com a natureza. Afinal, vida e ambiente são inseparáveis.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. Potencialidades paisagísticas brasileiras. **Boletim Geomorfologia**, São Paulo, Inst. de Geografia da USP, n. 55, 1977.
- AQUINO, Francisco Melo de. **Cultivo da Araucaria angustifolia**: análise de viabilidade econômico-financeira. Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul. Gerência de Planejamento. Florianópolis: BRDE, 2005.
- AMPLASC - Associação dos Municípios do Planalto Sul de Santa Catarina. **Mapa do Território Municipal de Celso Ramos (SC)**. Responsável Técnico: Murilo Spillere Milanez. Campos Novos: AMPLASC, Departamento de Engenharia de Agrimensura, 2016.
- ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Cultura, patrimônio e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ARRUDA, Gilmar. Bacias hidrográficas, história ambiental e temporalidades. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol. 20, n. 02, p. 209-231, 2015.
- ARMIERO, Marco; TUCKER, Richard (orgs.). **Environmental History of Modern Migrations**. 1ª Ed. New York: Routledge, 2017.
- BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade**: história da imigração italiana no Brasil: os vênets em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1999.
- BARBIERI, Rosa Lía; STUMPF, Elisabeth Regina Tempel. **Origem e evolução de plantas cultivadas**. Brasília: EMBRAPA Informação Tecnológica, 2008.
- BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1976.
- BLANC, Jacob; FREITAS, Frederico (orgs.). **Big Water: The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay**. 1ª Ed. Tucson: The University of Arizona Press, 2018.
- BERTOLDO, Édson; PAISANI, Julio Cesar; OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. Registro de Floresta Ombrófila Mista nas regiões sudoeste e sul do Estado do Paraná, Brasil, durante o Pleistoceno/Holoceno. **Hoehnea** [online], São Paulo, vol. 41, n. 01, p. 01-08, 2014. p. 02. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hoehnea/v41n1/01.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- BIODIVERSITAS. **Revisão da lista da flora brasileira ameaçada de extinção**. Disponível em: <www.biodiversitas.org.br/floraBr>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BLOEMER, Neusa Maria Sens. **Brava gente brasileira**: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

BRANDT, Marlon. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

BRÜGGEMANN, Adelson André. **Ao poente da Serra Geral**: a abertura de um caminho entre as capitânicas de Santa Catarina e São Paulo no final do século XVIII. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

BUBLITZ, Juliana. **Forasteiros na floresta subtropical**: uma história ambiental da colonização europeia no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CABRAL, Diogo de Carvalho. **Na presença da floresta**: Mata Atlântica e história colonial. Rio de Janeiro: Geramond, 2014.

CAMPOS da Memória. **Inventário do Patrimônio Histórico-Cultural Construído**. Salvamento e preservação do patrimônio histórico-cultural e paisagístico da região atingida pela UHE Campos Novos: Abdon Batista, Anita Garibaldi, Campos Novos e Celso Ramos (Santa Catarina). Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História no Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

CARBONERA, Mirian; SCHMITZ, Pedro Ignacio. **Antes do Oeste Catarinense**: arqueologia dos povos indígenas. Chapecó: Editora Argos, 2011.

CARRARO, Fernando. **Geografia de Santa Catarina**. São Paulo: FTD, 2008.

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **Uma grande empresa em meio à floresta**: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970). Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

CASTELLA, Paulo Roberto; BRITEZ, Ricardo Miranda de (orgs.). **A floresta com araucária no Paraná**: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia**: conceitos e temas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHRISTIAN, D. **Maps of time: an introduction to Big History**. Berkeley: University of California Press, 2003.

CORADIN, Lidio; SIMINSKY, Alexandre; REIS, Ademir (orgs.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2011.

COSTA, Adão José Vital da; WIZNIEWSKY, José Geraldo. História Ambiental Agrária: uma reflexão dialética sobre o espaço rural brasileiro. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, vol. 30, n. 01, p. 35-49, jan./jun. 2010.

COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens: sua história e influência no sertão da terra firme**. Vol. I. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. **Mapa da Geodiversidade do Estado de Santa Catarina**. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2010.

CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. **Mapa da Geodiversidade do Brasil: Influência da geologia dos grandes geossistemas no uso e ocupação dos terrenos**. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2006.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa (900 – 1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: a história e devastação da Mata Atlântica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. **Caderno de Arqueologia: Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica Campos Novos**. Florianópolis: UNISUL Business School, Laboratório de Antropologia Cultural e Arqueologia; UFSC, Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral; ENERCAN, 2006.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. **Relatório Final de Pesquisa do Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Campos Novos**. Florianópolis: ENERCAN/UNISUL, 2005.

DIRKSEN, Valberto. **Anita Garibaldi: retratos da memória**. Porto Alegre: Pomar Editora, 2011.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 177-197, 1991.

ELETROBRÁS - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. **Plano Diretor de Meio Ambiente do Setor Elétrico 1991/1993**. Programa de Expansão da Geração 1990/1999. [Resumo executivo]. Brasília: Secretaria Nacional de Energia, Ministério da Infraestrutura, 1990.

ELETROBRÁS - Centrais Elétricas Brasileiras S.A. **Plano Nacional de Energia Elétrica 1993/2015**. Plano 2015: Estudos Básicos. Brasília: Ministério das Minas e Energia, 1994.

ELETROSUL - Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A. **Usina Hidrelétrica Campos Novos**: estudos de controle ambiental e aproveitamento integrado do empreendimento. RIMA - Relatório de Impacto Ambiental. Magna Engenharia, 1990b.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EMBRAPA/SPI - Serviço de Produção de Informação, 2006.

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Solos do Estado de Santa Catarina**. Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 2004.

ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. **Diagnóstico Municipal de Celso Ramos - SC**. Projeto Canoas Século XXI. Florianópolis: ENERCAN, 2002.

ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. **Implantação do Reservatório**: remanejamento de famílias e indenizações. Florianópolis: ENERCAN, 2006.

ESCOLA de Educação Básica José Cesário Brasil. **Celso Ramos: histórias, lendas e contos**: construindo a cidadania a partir de suas origens. Celso Ramos: Editora Escala, 2013.

ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908 - 1910): mão de obra e migrações. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 28, n. 48, p. 849-869, jul./dez. 2012.

ESTADO de Santa Catarina. **Diagnóstico Municipal de Celso Ramos**. Programa Integrado de Desenvolvimento Socioeconômico. Florianópolis: Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento, 1990.

FELIPE, Euclides José. **O Último Jagunço**: o Folclore na História da Guerra do Contestado. Curitiba: Ed. UnC, 1995.

FORZZA, Rafaela Campostrini et al. (org.). **Catálogo de plantas e fungos do Brasil**. Vol II. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra e; DRUMMOND, José Augusto; TAVARES, Giovana Galvão (Orgs.). **História Ambiental**: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

FRANZINA, Emilio. **La Grande Emigrazione**. Venezia: Marsiglio, 1976.

FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia: Natureza e cultura em interconexão. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, vol. 02, n. 17, p. 20-33, 2007.

GARCIA, B.; JÁCOME, A. (Org.) **Estudios sobre historia y ambiente en América I**. México: El Colégio de México y Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1999.

GEHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva Mate**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOLDMEIER, Ronildo. **A arte da fotografia e os paraísos naturais da região sul**: cachoeiras. Fotos: Ronildo Goldmeier. Textos e edição: Marli Henicka. Florianópolis: Expressão, 2013.

GROSSELLI, Renzo Maria. **Vincere o Morire**. Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Parte I: Santa Catarina 1875 – 1900. Provincia Autonoma di Trento, 1986.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da História Universal à História Global? **História, Histórias**, Brasília, vol. 01, n. 01, p. 164-179, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geografia do Brasil**: Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Biomas do Brasil**: primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE, 2004a.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Manual técnico da vegetação brasileira**: sistema fitogeográfico, inventário das formações florestais e campestres, técnicas e manejo de coleções botânicas, procedimentos para mapeamentos. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Geociências, 2012.

IRIARTE, Jose; DEBLASIS, Paulo; MAYLE, Frank; CORTELETTI, Rafael; FRADLEY, Michael; CARDENAS, Macarena Lucia; SOUZA, Jonas Gregório de. Paisagens Jê Meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio. **Cadernos do LEPAARQ** - Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas, vol. 11, n. 22, p. 241-253, 2014.

KAISER, Jaksam. **Guerra do Contestado**: a revolta dos caboclos no sertão catarinense. 2ª ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2014.

LEFF, Enrique. Construindo a História Ambiental da América Latina. **Esboços**, Florianópolis, vol. 12, n. 13, p. 11-30, 2005.

LOPONTE, Daniel; CARBONERA, Mirian; SILVESTRE, Romina. Fishtail Projectile Points from South America: The Brazilian Record. **Archaeological Discovery**, n. 03, p. 85-103, jun. 2015.

LOURDEAU, Antoine; CARBONERA, Mirian; SANTOS, Marcos César Pereira; HOELTZ, Sirlei; FONTUGNE, Michel; HATTÉ, Christine; SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro da; ROSINA, Pierluigi; OLIVEIRA E LUCAS, Livia de; DA COSTA, Amélie; FOUCHER, Cécile; RAMALHO, Juliana Betarello; KUCZKOVSKI, Francieli; CAMPOS, Juliano Bitencourt; VIANA, Sibeli Aparecida; HERBERTS, Ana Lucia. Pré-história na foz do rio Chapecó. **Cadernos do CEOM**, vol. 29, n. 45, p. 220-242, dez. 2016.

MACHADO, Paulo Pinheiro (org.). **Nem fanáticos, nem jagunços**: reflexões sobre o Contestado (1912-1916). Pelotas, RS: Ed. UFPEL, 2012.

MACHADO, Paulo Pinheiro. O Conflito do Canudinho de Lages (1897). **Estudos de Sociologia**, Araraquara, vol. 13, n. 24, p. 65-78, 2008.

MAESA - Machadinho Energética S.A. **PACUERA - Plano Ambiental de Conservação e Uso do Entorno do Reservatório Artificial da Usina Hidrelétrica Machadinho**. Florianópolis: Núcleo de Consultoria Ambiental, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MARCON, Frank Nilton. **Visibilidade e Resistência Negra em Lages**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Um encontro com as fontes em História Oral. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, vol. 32, n. 01, p. 117-125, jun. 2006.

MORETTO, Samira Peruchi. **A domesticação e a disseminação da Feijoa (Acca sellowiana) do século XIX ao século XXI**. Tese de Doutorado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

MORETTO, Samira Peruchi. **Remontando a Floresta**: a implementação do pinus e as práticas de reflorestamento na região de Lages (1960 - 1990). Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades Renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

NODARI, Eunice Sueli. Historia de la devastación del Bosque de Araucaria en el sur del Brasil. **AREAS - Revista Internacional de Ciencias Sociales**, vol. 35, p. 75-85, 2016.

NODARI, Eunice Sueli; ESPÍNDOLA, Marcos Aurélio; LOPES, Alfredo Ricardo Silva. **Desastres socioambientais em Santa Catarina**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

NODARI, Eunice Sueli; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **Migrações e Natureza**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

NODARI, Eunice Sueli; FERRI, Gil Karlos. **A natureza dominada: ocupação e desmatamento no Rio Grande do Sul e no Oeste de Santa Catarina (1875 – 1970)**.

Relatório final de pesquisa. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010/2012.

NODARI, Eunice Sueli; KLUG, João; MACHADO, Paulo Pinheiro; DIRKSEN, Valberto; KLANOVICZ, Jó. **Mosaico de Identidades**: uma história das práticas socioculturais e econômicas em Campos Novos, Abdon Batista, Anita Garibaldi e Celso Ramos. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: LABIMHA/UFSC, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Alberto (Org.). **Museu do Amanhã**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PEEL, Murray C.; FINLAYSON, Brian L.; MCMAHON, Thomas A. Updated world map of the Köppen-Geiger climate classification. **Hydrology and Earth System Sciences**, n. 11, p. 1633-1644, 2007.

PELUSO JÚNIOR, Victor Antônio. A Santa do Canudinho de Lages. **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**, Florianópolis, n. 37/38, p. 37-40, dez. 1985.

PERES, Jackson Alexandro. **Entre as matas de araucárias**: cultura e história Xokleng em Santa Catarina (1850-1914). Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

POZENATO, José Clemente; RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Campos Novos: rincão de campos e matos**: aspectos históricos e culturais da UHE Campos Novos. Projeto de resgate e preservação do patrimônio histórico-cultural na área do reservatório da Usina Hidrelétrica Campos Novos S.A. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, dez. 2003.

PRESS, Frank; SIEVER, Raymond; GROTZINGER, John; JORDAN, Thomas H. **Para entender a Terra**. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social**: a guerra sertaneja do contestado (1912 - 1916). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**. 2ª ed. Joaçaba: Edições UNOESC, 2001.

RADIN, José Carlos. VALENTINI, Delmir José; ZARTH, Paulo A. **História da Fronteira Sul**. Porto Alegre: Letra & Vida; Chapecó: UFFS, 2015.

RAMOS FILHO, Celso. **Coxilha Rica**: Genealogia da Família Ramos. Florianópolis: Insular, 2002.

REITZ, Raulino; KLEIN, Roberto Miguel. **Araucariaceae**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966.

RENK, Arlene Anélia. **A luta da erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2ª ed. Chapecó: Argos, 2006.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio; POZENATO, José Clemente. **Fronteiras sem Divisas**: aspectos históricos e culturais da UHE Barra Grande. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACK, Robert. **Human territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2004.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e Brancos no Sul do Brasil**: A dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Edeme, 1973.

SARDINHA, Augusto M.; MACEDO, Fernando Wolfango; MACEDO, Fernando Vasconcelos. Combustão lenhosa directa e indirecta: sua relevância para a temática dos fogos florestais. **Silva Lusitana**, vol. 10, n. 01, p. 91-100, jun. 2002.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHEIBE, Luiz Fernando. Geologia de Santa Catarina: sinopse provisória. **Revista Geosul**, Departamento de Geociências da UFSC, Florianópolis, n. 01, ano 01, p. 07-38, 1986.

SCHEIBE, Luiz Fernando; HIRATA, Ricardo César Aoki. O contexto tectônico dos sistemas aquíferos Guarani e Serra Geral em Santa Catarina: uma revisão. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas**. Natal: ABAS, 2008.

SEDREZ, Lise; RAJAN, Ravi (orgs.). **The Great Convergence**: Environmental History of BRICS. 1ª Ed. New Delhi: Oxford University Press, 2018.

SEVEGNANI, Lucia; SCHROEDER, Edson. **Biodiversidade catarinense**: características, potencialidades, ameaças. Blumenau: EDIFURB, 2013.

SEYFERTH, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). **Anuário Antropológico**, n. 91. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 31-63, 1993.

SILVA, Claiton Marcio da. Modernizar é preciso: pensamento social e mudança no Brasil rural (1944-1954). **Iberoamericana**, vol. 17, n. 64, p. 195-209, 2017.

SILVEIRA, André Barcellos; LIMA, André de Mendonça; STEFFLER, Carla Elisabete; PORT, Dagoberto; CASTRO, Fabiana Teixeira de; TRIERVEILER, Fernanda; VINCIPROVA, Giovanni; SILVEIRA, Nelson Jorge Esquivel. **Guia de Fauna**: Usina Hidrelétrica Campos Novos. Elaboração: Bourscheid - Engenharia e

Meio Ambiente. Realização: ENERCAN. Florianópolis: Fábrica de Comunicação, 2006.

SOUZA, Jonas Gregório de; ROBINSON, Mark; CORTELETTI, Rafael; CÁRDENAS, Macarena Lucia; WOLF, Sidnei; IRIARTE, José; MAYLE, Francis; DEBLASIS, Paulo. Understanding the Chronology and Occupation Dynamics of Oversized Pit Houses in the Southern Brazilian Highlands. **Plos One - Public Library of Science**, vol. 11, n. 07, p. e0158127, 2016b.

TEIXEIRA, Wilson; TAIOLI, Fabio; TOLEDO, Maria Cristina Motta de; FAIRCHILD, Thomas Rich (Orgs). **Decifrando a Terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza**: mito, história e as terras selvagens. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

VIANA, Virgílio Maurício. Biologia e manejo de fragmentos de florestas naturais. In: **Anais do Congresso Florestal Brasileiro**. Campos do Jordão: SBS/SBEF, 1990.

VIBRANS, Alexander Christian; SEVEGNANI, Lucia; GASPER, André Luís de; LINGNER, Débora Vanessa (eds.). **Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina**. Vol. II: Floresta Estacional Decidual. Blumenau: EDIFURB, 2012.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. 4ª. ed. Chapecó, SC: Argos, 2016.

VALENTINI, Delmir José; ESPIG, Marcia Jenete; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). **Nem fanáticos, nem jagunços**: reflexões sobre o Contestado (1912-1916). Pelotas, RS: Ed. UFPEL, 2012.

WALDRIGUES, Augusto; MARTELLO, Graciano. **História de Anita Garibaldi**: antiga Colônia Hercílio Luz. Porto Alegre: Edições EST, 1996.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Parte II. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

WINIWARTER, Verena. Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos. **Abordagens Geográficas**, vol. 01, n. 01, p. 01-21, 2010.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 04, n. 08, p. 198-215, 1991.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. **Ambiente & Sociedade**, vol. 5, n. 02, p. 23-44, 2003.

ZARTH, Paulo Afonso; MOTTA, Márcia. **Formas de resistência camponesa**: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. Vol. II. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

FONTES

BLUM, Deborah. Nenhum de nós vive sobre um chão estável. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 16 de janeiro de 2010. Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,nenhum-de-nos-vive-sobre-um-chao-estavel,496635>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

BRASIL. CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução n. 278, de 24 de maio de 2001. Dispõe sobre o corte e exploração de espécies ameaçadas de extinção da flora da Mata Atlântica**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 18 jun. 2001. p. 51-52.

BRASIL. **Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872**. Rio de Janeiro: Diretoria Geral de Estatística, 1872.

DELORENZI, Ivo. Agricultor relata em versos as espécies de árvores da região. **Jornal Correio dos Lagos**, n. 520. Anita Garibaldi, SC, 21 set. 2016. p. 06.

ENTRE Rios. **Região Serrana**, n. 24, Lages, 15 ago. 1897. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

ESTRADAS péssimas dificultam economia. **Diário Catarinense**, n. 2808. Florianópolis, SC, 27 dez. 1993. p. 60.

PARAÍSO, Claudio Prisco. Asfalto entre Anita Garibaldi e Celso Ramos começa a virar realidade. **Correio Lageano**. Lages, SC, 11 fev. 2017.

HINO Municipal de Celso Ramos. Oficializado em 29 de abril de 1992. Autores: Marcos José de farias, Angelir Búrigo Rosso e Nilso Bedin.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010; Estimativa Populacional de 2017**.

JORNAL A Época, n. 233. Lages, 12 jan. 1932. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

JORNAL Região Serrana. Lages, 07 mar. 1910. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

LIVRO n. 01. **Índice de Escrituras**. Fundo Cartório. Acervo: Arquivo Histórico Dr. Waldemar Rupp. Campos Novos, SC.

MASSARANDUBA, José Carlos. Asfalto Borracha no acesso da Barragem de Campos Novos/SC. **Fatos & Asfaltos** - Informativo Trimestral Greca Asfaltos, ano 01, n. 03. Araucária, PR, mar. 2005.

MINOSSO, Domingos. **Vinda do Migrante** [música]. S.d. Transcrição com grafia original do compositor. Acervo: Domingos Minosso. Celso Ramos, SC.

OFÍCIO do Delegado de Lages, Guilherme Ricken, ao Presidente da Província, João José Coutinho, descrevendo Coroados e Botocudos, em 14 de janeiro de 1852. p. 05-06. Transcrição da grafia original. Acervo: Ofícios dos Delegados de Polícia ao Presidente da Província. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

OFÍCIO do Delegado de Lages, Guilherme Ricken, ao Presidente da Província, João José Coutinho, sobre a necessidade de se atacar os índios em seu alojamento, em 08 de fevereiro de 1852. p. 08-09. Transcrição da grafia original. Acervo: Ofícios dos Delegados de Polícia ao Presidente da Província. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

POZENATO, José Clemente. Zé Amarelo. **Jornal Pioneiro**, n. 8575. Caxias do Sul, RS, 07 e 08 jun. 2003. p. 19.

PROJETO de Resgate da Memória Histórico-Cultural da Região de Campos Novos, Abdon Batista, Celso Ramos e Anita Garibaldi. Realização: ENERCAN. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: LABIMHA/UFSC, 2004. Entrevistador: Paulo Pinheiro Machado. Entrevistados: 1) Antônio Cassul Fernandes, 11 mar. 2003; 2) Florentino Guarda, 20 maio 2003; 3) Natalino Fabris, 20 maio 2003; 4) Olavio Maravai, 20 maio 2003.

RELATÓRIO apresentado ao Conselho Municipal de Lages, em 3 de janeiro de 1916, pelo Superintendente Belisário Ramos. Lages: Typographia d'O Lageano, 1916. Acervo: Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República, pelo Dr. Nereu Ramos, Interventor Federal no Estado de Santa Catarina. 1939. p. 147. Acervo: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

SERVIÇO de resgate e preservação do patrimônio histórico-cultural na área de abrangência da UHE Campos Novos. **Histórias Vividas.** Realização: ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. Coordenação: ECSA - Engenharia Socioambiental. Execução: UCS - Universidade de Caxias do Sul, IMHC - Instituto Memória Histórica e Cultural, 2003. Entrevistador: Ângelo Lúcio de Mattia. Entrevistados: 1) Ângela Marcon Bornaghi, 89 anos, Paróquia São Paulo Apóstolo, 13 jun. 2003; 2) Arcângelo José Patel, 71 anos, Paróquia São Paulo Apóstolo, 13 jun. 2003; 3) Irma Furlan Pelozato, 79 anos, Paróquia São Paulo Apóstolo, 03 set. 2003; 4) Otacílio Antunes de Castro, 67 anos, Celso Ramos, 23 jun. 2003; 5) Reinaldo Grassi, 70 anos, Paróquia São Paulo Apóstolo, 21 jun. 2003.

ENTREVISTAS

BEDIN, Doralina Bornagui. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Nossa Senhora do Caravaggio, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

COMIN, José. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Laje de Pedra, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

CORREIA, Itamar Muniz. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

DELORENZI, Ivo. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de São Pedro, Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

FABRIS, Lourenço. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Imaculada Conceição, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

MEDEIROS, Galvino Ribeiro de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Santo Antônio, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

MENDES, João Batista. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de São João do Entre Rios, Celso Ramos, SC, 02 out. 2017. Acervo do autor.

MINOSSO, Inês Grassi. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Celso Ramos, SC, 25 set. 2017. Acervo do autor.

OLIVEIRA, Deodoro Francisco de. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Papa João XXIII, Celso Ramos, SC, 20 set. 2017. Acervo do autor.

ZANONI, Idalino. **Entrevista concedida a Gil Karlos Ferri.** Localidade de Linha Ferri, Celso Ramos, SC, 26 set. 2017. Acervo do autor.

ACERVOS PESQUISADOS

Acervos Públicos

Arquivo Histórico Dr. Waldemar Rupp. Campos Novos, SC.

Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

Biblioteca Central da UFSC. Florianópolis, SC.

Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC.

Casa da Cultura “Cecília Bonamigo Spiazzi”. Celso Ramos, SC.

ENERCAN - Campos Novos Energia S.A. Florianópolis, SC.

LABIMHA - Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (UFSC). Florianópolis, SC.

MAESA - Machadinho Energética S.A. Florianópolis, SC.

Museu Thiago de Castro. Lages, SC.

Prefeitura Municipal de Celso Ramos, SC.

Acervos Particulares em Celso Ramos, SC

Arlindo Ferri.

Dalvino Pelozatto.

Deodoro Francisco de Oliveira.

Domingos Minosso.

Doralina Bornagui Bedin.

Família Maravai.

Galvino Ribeiro de Medeiros.

Idalino Zanoni.

Inês Ferri.

Inês Grassi Minosso.

Ivo Delorenzi.

João Batista Mendes.

José Comin.

Itamar Muniz Correia.

Lourenço Fabris.

Paulino João Barbosa.